



Adriana da Silva Silveira

**O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA  
COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ -  
RS**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta – RS, 2021.

Adriana da Silva Silveira

**O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA  
COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ -  
RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Beatriz Billig Garces

Cruz Alta, Março de 2021.

S587c Silveira, Adriana da Silva  
O corpo na perspectiva sociocultural: uma pesquisa com jovens  
estudantes do município de Tupanciretã - RS/ Adriana da Silva Silveira.  
– Cruz Alta, 2021.  
145 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Cruz Alta / Unicruz,  
Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e  
Desenvolvimento Social, Cruz Alta, 2021.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Beatriz Billig Garces.

1. Corpo e corporeidade. 2. Corpo, juventude e influências sociais.  
I. Garces, Solange Beatriz Billig. II. Título.  
CDU 796.011-053.6(816.5Tupanciretã)

Catálogo Bibliotecária Eliane Catarina Reck da Rosa CRB-10/2404

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão  
Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social –  
Mestrado

**O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA  
COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ –  
RS**

Elaborado por

Adriana da Silva Silveira

Como requisito parcial para obtenção do  
Título de Mestre em Práticas Socioculturais e  
Desenvolvimento Social.

Comissão Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Beatriz Billig Garces  
Universidade de Cruz Alta – Unicruz

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vaneza Cauduro Peranzoni  
Universidade de Cruz Alta – Unicruz

---

Prof. Dr. Jerto Cardoso da Silva  
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Cruz Alta – RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico esta dissertação a toda minha família.  
Principalmente aos meus pais, por acreditarem  
e investirem em minha educação,  
além de estimularem-me a seguir na busca constante do conhecimento!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida.

Aos meus pais, Valter e Marina pela educação que recebi e por terem me incentivado desde criança a valorizar o conhecimento e o saber. Vocês dois são minha inspiração na valorização ao trabalho e no saber olhar às pessoas com carinho e bondade. Tenho gratidão e orgulho das minhas raízes, sei que elas são sólidas o suficiente e garantiram o mais importante, receber valores alicerçados na honestidade e me fizeram capaz de superar adversidades.

Ao meu filho Gabriel, especialmente, primeiro por me dar motivos para lutar e ser cada vez melhor, depois por saber entender e aceitar sua mãe ausente e dedicada aos estudos.

Everton, meu irmão, que diariamente incentiva-me a novos desafios.

Agradeço a minha orientadora, professora Doutora Solange Garces, pelos ensinamentos e apoio ao longo deste percurso. Receber sua orientação foi um privilégio ímpar. Obrigada por tudo.

Agradeço a professora Patrícia Dall’Agnol Bianchi pela colaboração na realização desta pesquisa.

Agradeço aos coordenadores do programa, Dra. Carla Tavares Alves e Dr. Antônio Escandiel de Souza, por receberem e acolherem a minha pesquisa e adequarem as disciplinas conforme minha disponibilidade de tempo.

Obrigada a todos os Mestres que ao longo do curso mostraram-me o quanto à humildade pode tornar um homem grandioso.

Agradeço a todos os colegas da turma. Uma experiência maravilhosa conhecer e conviver com todos, apesar das particularidades a partir da pandemia, superamos todos os desafios e vencemos.

Sou grata pelas adversidades e ainda por ter no meu caminho pessoas de luz que me estimularam a seguir em frente e buscar sempre mais.

A minha travessia da jornada para a realização do curso de mestrado teve peculiaridades. Fui uma aluna diferente e precisei que me olhassem atentamente para conseguir cursar as disciplinas do mestrado, conciliando a jornada quadrupla de ser mãe, trabalhar, cuidar da casa e estudar. Sou agradecida pelos desafios que me foram lançados e pela oportunidade de elevar mais o degrau de conhecimento com o curso. Chego ao final dessa trajetória na certeza que quero continuar estudando.

*Sábio é aquele que se permite  
descobrir;  
que reconhece a importância  
de aprender o novo,  
que abre seu coração  
para sentir e ouvir...  
Sábio é aquele que permanece  
em silêncio,  
observando os passos da mente,  
as fragrâncias, os lugares escondidos  
dentro do seu ser...  
Sábio é aquele que ouve  
antes de falar,  
que sorri antes de chorar,  
que permanece na quietude  
para sentir o frescor da noite  
em seu interior.  
Sábio é aquele que diz sim para a vida,  
que desperta o amor em si  
e em seu semelhante,  
na intenção de criar um  
mundo melhor a todos nós...*

*Desconhecido*

## RESUMO

### O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ – RS

Autor: Adriana da Silva Silveira  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Beatriz Billig Garces

O corpo assume relevância suprema na vida dos indivíduos contemporâneos, por isso trabalhos voltados para pensar a temática do corpo, assumem também essa relevância. Assim, a partir da reflexão sobre a juventude contemporânea lançam-se desafios interessantes no sentido de buscar entendimento da realidade atual, assim como questionar-se sobre os estereótipos corporais da atualidade na vida de sujeitos em formação como os jovens. O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas socioculturais em relação ao corpo, na sociedade contemporânea, vivenciadas pelos jovens do terceiro ano do ensino médio residentes no município de Tupanciretã-RS. Para alcançar o proposto no estudo realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa do tipo descritiva interpretativa com a aplicação de um questionário misto. Os sujeitos da pesquisa incluíram a participação de vinte e quatro (24) alunos do terceiro ano de ensino médio, de ambos os sexos, matriculados em duas escolas estaduais de Ensino Médio localizadas no município de Tupanciretã, Rio Grande do Sul. Entre as principais bases teóricas para este estudo, citamos: Santos (2010), Bardin (2011), Birman (2005, 2006, 2007, 2014 e 2018), Le Breton (2004, 2012 e 2013), Foucault (1987 e 2004), Sibilia (2015), Hall (2006), Bauman (2001, 2005, 2012 e 2018), Calligaris (2000) entre outros. Por meio da análise de conteúdo foi possível verificar como os jovens veem e tratam o corpo impactado pelos fenômenos contemporâneos e percebeu-se que os participantes sofrem uma forte influência da sociedade de consumo para a formação da sua percepção corporal, além de formação de tribos com características particulares entre os sujeitos da pesquisa. O desenvolvimento dessa pesquisa trouxe uma visão de jovens moradores do município, possibilitando a avaliação dos reflexos e perspectivas de práticas socioculturais, em relação ao corpo e imagem corporal de adolescentes, baseado nas vivências em uma cidade do interior, apresentando os tipos idealizados e categorizados em tribos com características semelhantes: os narcísicos, os *emporment*, os *nerds* e os saudáveis. Salientamos que a leitura das características particulares da comunidade é fundamental para colaborar com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à orientação do público jovem e de profissionais que atuam com eles.

**Palavras-chave:** Corpo. Corporeidade. Imagem Corporal. Contemporaneidade. Juventude.

**ABSTRACT**  
**THE BODY FROM A SOCIOCULTURAL PERSPECTIVE: A  
RESEARCH WITH YOUNG STUDENTS FROM THE MUNICIPALITY  
OF TUPANCIRETÃ - RS**

**Autor: Adriana da Silva Silveira**  
**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Beatriz Billig Garces**

The body assumes supreme relevance in the lives of contemporary individuals, so works aimed at thinking about the body's theme also assume this relevance. Thus, from the reflection on contemporary youth, interesting challenges are launched in the sense of seeking an understanding of the current reality, as well as questioning the current body stereotypes in the lives of subjects in training such as young people. This study aims to analyze the socio-cultural practices in relation to the body, in contemporary society, experienced by young people in the third year of high school residing in the municipality of Tupanciretã-RS. To achieve what was proposed in the study, a qualitative research of the descriptive interpretive type was carried out with the application of a mixed questionnaire. The research subjects included the participation of twenty-four (24) third year high school students, of both sexes, enrolled in two state high schools located in the municipality of Tupanciretã, Rio Grande do Sul. Among the main bases theoretical for this study, we quote: Santos (2010), Bardin (2011), Birman (2005, 2006, 2007, 2014 e 2018), Le Breton (2004, 2012 and 2013), Foucault (1987 and 2004), Sibilia (2015), Hall (2006), Bauman (2001, 2005, 2012 and 2018), Calligaris (2000) among others. Through content analysis it was possible to verify how young people see and treat the body impacted by contemporary phenomena and it was noticed that the participants suffer a strong influence from the consumer society for the formation of their body perception, in addition to the formation of tribes with particular characteristics among the research subjects. The development of this research brought a vision of young residents of the municipality, enabling the assessment of the reflexes and perspectives of socio-cultural practices, in relation to the body and body image of adolescents, based on experiences in a city in the countryside, presenting the types idealized and categorized in tribes with similar characteristics: narcissistic, emporment, nerds and healthy people. We emphasize that the reading of the particular characteristics of the community is essential to collaborate with the development of public policies aimed at orienting the young public and professionals who work with them.

Keywords: body, corporeality, body image, contemporaneity and youth.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de participantes por escola .....	71
Tabela 2 – Idade dos alunos pesquisados .....	71
Tabela 3 – Sexo dos participantes.....	72
Tabela 4 – Sentimentos em relação ao seu corpo .....	73
Tabela 5 – Satisfação em relação ao corpo .....	74
Tabela 6 – Insatisfação em relação ao corpo .....	75
Tabela 7 – Corpo em transformação .....	76
Tabela 8 – Sentimentos em relação ao corpo – Masculino X Feminino .....	77
Tabela 9 – Sentimentos em relação ao seu peso corporal .....	79
Tabela 10 – Satisfação em relação ao peso corporal .....	80
Tabela 11 – Insatisfação em relação ao peso corporal .....	81
Tabela 12 – Sentimentos em relação ao seu peso corporal – Masculino X Feminino .....	82
Tabela 13 – Sentimentos em relação a sua aparência física .....	82
Tabela 14 – Satisfação em relação à aparência física .....	83
Tabela 15 – Insatisfação em relação à aparência física .....	83
Tabela 16 – Sentimentos em relação a sua aparência física – Masculino X Feminino .....	86
Tabela 17 – Motivos pelos quais não se importam sobre a imagem que os outros têm do seu corpo .....	86
Tabela 18 – Motivos pelos quais se importam com a imagem que os outros têm do seu corpo .....	86
Tabela 19 – Nível de preocupação em relação à imagem que os outros têm do seu corpo .....	88
Tabela 20 – Principais sintomas e doenças da psique apresentadas pelos jovens .....	90
Tabela 21 – Afirmações que se encaixam na vida dos jovens participantes da pesquisa ..	95
Tabela 22 – Jovens que não perceberam mudanças no seu corpo após a pandemia .....	96
Tabela 23 – Atividades que costumam fazer regularmente .....	98
Tabela 24 – Objetivos apontados pelos jovens com a realização das práticas corporais ...	100
Tabela 25 – Grupo social que integra a pessoa que fez o comentário negativo .....	101
Tabela 26 – Práticas corporais que os jovens já realizaram .....	103
Tabela 27 – Práticas realizadas pelos jovens entrevistados segmentadas por sexo .....	103
Tabela 28 – Práticas que os jovens desejam realizar no futuro .....	104

Tabela 29 – Práticas corporais que desejam realizar no futuro por sexo .....	104
Tabela 30 – Prática corporais que os jovens nunca realizariam .....	105
Tabela 31 – Práticas corporais que nunca realizariam – Masculino x Feminino .....	106
Tabela 32 – Ferramentas digitais mais utilizadas pelos jovens .....	112
Tabela 33 – Hábitos e assuntos de interesse ao utilizar ferramentas da internet .....	113

## **LISTA DE ABREVIACOES**

TDIC'S	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
CEP	Comite de tica em Pesquisa
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação tica
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econmica Aplicada

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
	<b>1.1 Contextualização e Relevância da Temática .....</b>	<b>12</b>
	<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>16</b>
	1.2.1 Objetivo Geral .....	16
	1.2.2 Objetivos Específicos .....	16
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO II - CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>17</b>
	<b>2.1 Processo Epistemológico .....</b>	<b>17</b>
	1.2.3 Ecologia dos Saberes .....	17
	1.2.4 Práticas Socioculturais .....	19
	<b>2.2 Processo Metodológico.....</b>	<b>21</b>
	2.2.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa .....	21
	2.2.2 Contexto e Realização da Pesquisa .....	22
	2.2.3 Sujeitos da Pesquisa .....	23
	2.2.4 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa .....	23
	2.2.5 Análise e Interpretação dos Dados .....	24
	2.2.6 Cuidados Éticos .....	25
	2.2.6.1 Riscos .....	29
	2.2.6.2 Benefícios .....	27
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO III - CORPO E CORPOREIDADE EM UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA E SUAS INFLUÊNCIAS SOCIAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO IV - OS PRINCIPAIS PARADIGMAS QUE NORTEIAM AS IDENTIDADES NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO V - CORPO, JUVENTUDE E INFLUÊNCIAS SOCIAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO VI – AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOS JOVENS PESQUISADOS EM RELAÇÃO AO CORPO E OS TIPOS IDEAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>7</b>	<b>CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>132</b>

# 1 CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

## 1.1 Contextualização e Relevância da Temática

Na atualidade o corpo passou a ser pensado como uma construção social sujeita a metamorfoses ao longo da vida, embora algumas áreas do conhecimento ainda observe-o como construção biológica. Os conhecimentos da biologia e medicina permitiram ao homem assumir o controle do próprio corpo e as opções mercadológicas atendem a essa demanda crescente para oferecer métodos de mudar a aparência corporal e garantir juventude, saúde e uma vida longa.

A forma como o indivíduo observa e encara o corpo infere sobre sua vida social e psíquica, além de gerar marcas no seu comportamento, a partir das ações sociais que ordenam o relacionamento homem-mundo. Nesta perspectiva, o jovem enquanto sujeito social situa-se imerso no contexto atual e vivencia os conflitos inerentes à contemporaneidade.

O período da juventude é marcado por intensas transformações comportamentais, constitui-se a fase de transição entre a infância e a vida adulta e, observa-se que algumas características ou hábitos são adquiridos e consolidados. Essa fase tem como características comportamentos de contestação e o desenvolvimento de preocupações ligadas ao corpo e à aparência.

A juventude contemporânea vivencia fenômenos particulares que imergiram após o surgimento e expansão do acesso à internet. O consumo de notícias ocorre principalmente pelos canais de comunicação digital, a exposição do corpo em perfis nas redes sociais abrange quase que a totalidade do público juvenil e os principais ídolos dessa geração são constituídos de personalidades ativas nas plataformas digitais de comunicação. Nessa dinâmica cada vez mais se observa que os padrões de construção da identidade dos sujeitos buscam referência em estereótipos de beleza e perfeição.

A partir do surgimento da comunicação digital percebe-se um novo formato de interação social em que emissor e receptor estão em patamares igualitários de interação e participação no processo de comunicação. O uso de recursos como computadores, *notebooks*, *tablets* e *smartphones* viabiliza para que todos possam fotografar, gravar vídeos, redigir textos e publicar gratuitamente na rede sem qualquer filtro externo para adesão dessas informações.

O corpo tem sido investigado, analisado, invadido, falado e (re)significado. As instâncias que nos dizem “o que é o corpo” vão do físico ao psíquico. A mídia, a publicidade e a indústria fizeram do corpo um artefato do mercado econômico, social e cultural. Becker (1999, p. 1) afirma que “o corpo, ou as suas representações, pode ser assimilado como uma entidade multifacetada e que compreende as dimensões física, psicológica e social”.

A forma como as pessoas encaram e veem o corpo infere sobre a vida social e a vida psíquica dos sujeitos. A marca do comportamento humano é produzir ações significativas, e a característica de toda a sociedade é criar regras sociais para ordenar o relacionamento homem-mundo (RODRIGUES, 1990).

Carreira Filho (2005) aponta que a mídia, aliada ao desejo de adolescentes em encontrar sua afirmação por meio do corpo moldado à luz dos seus ídolos, encontra reconhecimento amplo e globalizado, favorece e amplia os mecanismos de formatação da moda em um tempo e num determinado agrupamento social.

Também há o aspecto social, em que mudanças artificiais no formato do corpo, tamanho e aparência são comuns, podendo comunicar sobre a posição social do indivíduo. A sociedade apresenta um modelo de preocupações com as medidas corporais, com isso se percebe que, nas últimas décadas, em decorrência de fenômenos sociológicos e culturais, há um crescimento importante na incidência dos fatores psíquicos e alimentares, principalmente nos países ocidentais desenvolvidos. Alguns sociólogos propõem processos que promovem atitudes e comportamentos: reforço social que se direciona ao modelo, por meio do quais pessoas internalizam atitudes e se comportam mediante aprovação dos outros (Le Breton, 2012; Birman, 2014 e Sennett, 2006). Como exemplo, um adolescente pode querer seguir uma dieta, caso perceba que a mídia glorifica o corpo esbelto e magro e critica as pessoas com excesso de peso (STICE, 2002).

O corpo está sempre imerso em uma teia de poderes que lhe dita proibições, obrigações, coerções que determinam seus gestos, atitudes que delimitam e investem seu exercício e suas práticas, mecanismos de se construir o corpo inteligível num campo político de utilidade-docilidade. Essa é a "disciplina", um sistema de sujeição que cria um “saber” sobre o corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, um controle de suas forças que não é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e este controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1987).

As relações sociais constituem uma linguagem, pois organização é atribuição de sentido e fundamenta-se num conjunto de normas que estipulam, instituem e convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e grupos sobre um

terreno comum (RODRIGUES, 1990) e é destinado à outra pessoa que também carrega a sua bagagem pessoal (PERUZZOLO, 2004).

Bakhtin (1997) define que o corpo do outro é um corpo exterior e seu valor tem percepção nos sentidos intuitivo e visual, de maneira totalmente imediata. O corpo exterior unifica-se e adquire forma, mediante as categorias cognitivas, éticas e estéticas, mediante o conjunto de seus componentes externos visíveis e palpáveis que nele representam valores tangíveis. No contato, desperta a percepção pela beleza, ou seja, o corpo começa a viver para um nível de valores totalmente diferentes, inacessíveis à percepção interna e à visão fragmentária que tem de si mesmo. A esse respeito, o corpo não é algo que baste a si mesmo, tem necessidade do outro; de outro que o reconheça e lhe proporcione sua forma.

Com o surgimento da rede mundial de computadores e a ampliação do número de usuários aos canais de interação, mediados a partir das tecnologias da informação (TI), permite-se um novo modo de interação, poder, identidade e conduta das pessoas, gerando impactos sociais e culturais, inclusive com seu próprio corpo.

Entre os jovens, acredita-se que muitas práticas socioculturais produzidas por eles estão relacionadas com os acontecimentos e dinâmicas sociais que se revelam por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs, a que têm acesso e que se espalham coercitivamente como dominação cultural.

Assim, essa pesquisa prevê análise de práticas sociais dos jovens com base nas discussões de temáticas abordadas no estudo, buscando compreender a dinâmica que fundamenta a percepção dos jovens em relação ao seu corpo. Já os resultados obtidos com a realização desse estudo permitirão que as instituições interessadas conheçam os dados obtidos e possam realizar ações de educação voltadas para as demandas sociais do público jovem, bem como entendê-los de uma forma mais aprofundada, compreendendo as razões de muitas de suas ações.

Considerando a ampliação das TDICs e a mudança nas relações entre as pessoas e, mais especificamente entre os jovens com acesso a diversas redes sociais, com possibilidade de exposição, inclusive do próprio corpo e, sendo a fase da adolescência intermediária entre a infância e a vida adulta, com características próprias e que se espelha muito em acontecimentos midiático e sociais para orientar suas ações, torna-se importante fazer uma relação das suas práticas socioculturais, especialmente em relação ao corpo, influenciada pela cultura mediática e digital, pois o adolescente retrata o perfil social do ambiente em que vive e a leitura cultural identificada.

As consequências de atitudes impensadas dos adolescentes em relação ao seu próprio corpo, em exposições nas redes sociais, traz à tona uma preocupação com questões éticas e estéticas, muitas vezes relacionadas com a imagem corporal deles próprios, ou por imposição social.

A motivação pessoal para a realização do projeto ocorreu em decorrência de estudos e leituras iniciados pela pesquisadora ainda na sua graduação na área de comunicação social, ao observar os fenômenos sociais desencadeados pelas ferramentas de comunicação digital que geram como principais benefícios à facilidade e agilidade de comunicação entre as pessoas, a partir do rompimento das barreiras de espaço e tempo. Em contrapartida, trazem novos desafios aos indivíduos que convivem diariamente nas redes sociais, demonstrando a relevância da temática do corpo direcionado pela perspectiva das práticas sociais da contemporaneidade.

O desenvolvimento dessa pesquisa traz uma visão de jovens moradores do município de Tupanciretã, localizado no interior do Rio Grande do Sul, possibilitando a avaliação dos reflexos e perspectivas de práticas socioculturais, em relação ao corpo e imagem corporal de adolescentes, baseado nas vivências em uma cidade do interior, apresentando os tipos idealizados por eles. A leitura das características particulares da comunidade é fundamental para colaborar com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à orientação do público jovem e de profissionais que atuam com eles.

Assim, como no Programa de Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, há preocupação com outros ciclos da vida, aqui trazemos a proposição de voltar o olhar para a fase da adolescência, pois talvez seja uma das fases da vida em que há necessidade de orientação para a compreensão e escolha de caminhos que se identifiquem mais com o seu desenvolvimento, tanto pessoal, quanto profissional e social. Por isso, a proposição deste projeto vem ao encontro dos objetivos da linha de Pesquisa em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Para esse estudo, se hipotetizou que, as práticas socioculturais dos jovens do ensino médio em relação ao seu próprio corpo e ao dos colegas é de uma exposição para a vida pública, idealizada muito mais pela cultura imposta pela mídia e pela dinâmica da sociedade contemporânea, preferencialmente disciplinada de forma hedônica, poderosa (rica), magra (*fitness*) e bela (plástica), do que em relação a um corpo que faz parte de um “ser pensante e crítico” com capacidade para construção de uma identidade própria, sem influências arbitrárias.

Portanto, este estudo, o qual está voltado para análise da perspectiva de como os jovens veem e tratam o corpo, impacta diretamente na relação em como esse público enfrentará as dinâmicas sociais da atualidade. Todo processo de interação social e comunicativa começa e termina no corpo. Então, para o desenvolvimento deste objeto levantou-se como questões norteadoras:

- Quais são as práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo na sociedade contemporânea?
- Como os jovens veem e tratam o corpo, impactados pelas dinâmicas sociais da contemporaneidade?
- Qual a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo?

## **1.2 Objetivos**

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as práticas socioculturais em relação ao corpo, na sociedade contemporânea, vivenciadas pelos jovens de terceiro ano do ensino médio residentes no município de Tupanciretã-RS.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Refletir as perspectivas de como os jovens veem e tratam o corpo impactados pelas dinâmicas sociais da contemporaneidade;
- Investigar como as dinâmicas da sociedade atual influenciam as práticas socioculturais em relação ao corpo;
- Identificar os padrões éticos e estéticos dos jovens entrevistados em relação ao corpo e como isso se constitui quando pensado a partir de tipos ideais;
- Averiguar a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais dos jovens pesquisados.

## **2 CAPÍTULO II - CAMINHO METODOLÓGICO**

### **2.1 Processo Epistemológico**

#### **2.1.1 Ecologia de Saberes**

No Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social a epistemologia da pesquisa baseia-se na Ecologia de Saberes, desenvolvida por Boaventura de Souza Santos. A epistemologia delimita a explicação dos conhecimentos produzidos, a partir do estudo baseado em pesquisa realizada com jovens estudantes do ensino médio de escolas da rede pública e particular do município de Tupanciretã – RS veem e tratam o corpo em uma perspectiva sociocultural.

A Ecologia de Saberes objetiva recuperar práticas e saberes de grupos sociais diversos, orientada pela combinação do arcabouço científico com o conhecimento popular. O estudo “O corpo na perspectiva sociocultural: uma pesquisa com jovens estudantes do município de Tupanciretã – RS” foi elaborado com base em conhecimentos científicos de diferentes áreas dos saberes: filosofia, antropologia, psicologia, psicanálise, pedagogia, ciências da comunicação, entre outras que se entrecruzam com a análise do conhecimento e vivências de jovens estudantes, moradores do Estado. Com esta pesquisa viabilizamos o confronto entre uma realidade empírica vivenciada e/ou idealizada pelos jovens estudantes e as diferentes epistemologias propostas para a análise científica das práticas socioculturais destes jovens em relação ao seu corpo. Isso permitiu promover a construção de um incremento a esse conhecimento, o qual se sabe que nunca é definitivo e absoluto, mas sempre inacabado e em constante busca infinita pelo saber.

A Ecologia de Saberes é “um conjunto de epistemologia que partem da possibilidade de diversidade e da globalização contra hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer” (SANTOS, 2010, p.154). O autor desafia a crítica com o questionamento acerca da valorização e supremacia de determinado conhecimento em relação aos demais e estimula o resgate do conhecimento popular na justificativa que o saber deve diminuir as diferenças sociais no mundo.

A partir da epistemologia da Ecologia de Saberes, a realização dessa pesquisa visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço social. Primeiramente, a Ecologia de Saberes se realizou em contextos de diálogo com os jovens por meio de questionários que permitiram que mais vozes surgissem. Pela realidade enfrentada na Pandemia e o consequente isolamento social, teve-se que encaminhar o questionário via internet, o que possibilitou que aquelas vozes mais tímidas e até inaudíveis se manifestassem e que, portanto, o ambiente fosse suficientemente inclusivo e acolhedor (mesmo que *online*) para que a diversidade de conhecimentos pudesse emergir.

A Ecologia de Saberes capta a interculturalidade, a qual também é interconhecimento, respondendo à questão levantada para resposta deste trabalho. Entendemos que, a concepção pós-abissal proposta pela Ecologia de Saberes conduz à percepção de que os saberes precisam ser grifados como igualmente importantes e por isso distintos, uma vez que são complementares, não opostos nem subalternos uns aos outros e ao qual Santos (2010) chama isso de **hermenêutica diatópica**, sendo eles que, juntos, podem complementar o conhecimento.

Na Ecologia de Saberes cruzam-se conhecimentos e também ignorâncias. Não existe uma unidade de conhecimento, assim como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de conhecimento. Dada essa interdependência, a aprendizagem de certos conhecimentos pode envolver o esquecimento e em última instância a ignorância de outros. Desse modo, na Ecologia de Saberes a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida, pode ser um ponto de chegada, bem como o resultado do esquecimento ou da desaprendizagem implícita num processo de aprendizagem recíproca.

Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma Ecologia de Saberes é crucial a comparação entre o conhecimento que está sendo apreendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido. A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando aquilo que se apreende vale mais do que aquilo que se esquece. A utopia do interconhecimento consiste em aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios. O princípio da prudência que subjaz à ecologia de saberes convida a uma reflexão mais profunda sobre a diferença entre a ciência como conhecimento monopolista e a ciência como parte de uma Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010).

Epistemologia é toda concepção refletida ou não sobre as condições de conhecimento válido. Não há conhecimento sem práticas e atores sociais, assim como diferentes tipos de relação originam diferentes epistemologias. Em sua relação mais extensa as relações sociais

também são culturais e políticas, compreendendo assim que todo conhecimento é sempre contextual em relação às diferenças culturais e políticas.

A Ecologia de Saberes se faz presente, como um meio de intervenção no real e um diálogo com a sociedade, se consolidando em um aspecto pragmático e epistemológico. Consiste na busca da intersubjetividade levando em conta que cada prática de conhecimento tem lugares, diferentes durações e ritmos distintos, pois a intersubjetividade promove a disposição para conhecer e agir em diversas escalas, articulando múltiplas extensões. A partir dessa caracterização como pragmática, o objetivo é dar voz a diversos conhecimentos que possibilitem a inserção e a maior participação dos grupos sociais.

### 2.1.2 Práticas Socioculturais

As práticas sociais se referem ao processo interativo entre sujeito, objeto e grupo, que não podem ser considerados isoladamente, no momento que ocorrem em um contexto social possuem as marcas da cultura dessa conjuntura. O jogo de interações dos atores sociais permite que práticas se consolidem, adquiram significados, valores e afetos que contribuem para construção e transformação das diferentes teorias psicológico-populares que permeiam o imaginário de determinado grupo social.

As práticas socioculturais decorrem da interação do homem com a amplitude de mundo que ele acessa, em relações estabelecidas na interface com o contexto histórico e cultural e permite que indivíduos e sociedade construam-se e estejam em constante transformação. É um conceito híbrido que abrange diversas áreas do saber.

Para Moscovici (2003) todas as interações humanas que podem ocorrer entre pessoas ou grupos pressupõem a existência de representações. A informação que o indivíduo recebe dos outros e submete a construção de um significado está sob o controle e não possui outro sentido além do que os outros designam a ela. Esse fenômeno ocorre porque pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação que não pode acontecer isoladamente. Ao iniciar um processo de interação ou comunicação, o sujeito desprende de sua memória todas as impressões que obteve de ações, fatos, objetos e pessoas no decorrer de sua vida e assim que o complexo de informações absorvidas encontra significado em suas reservas cognitivas e gera uma familiaridade que pode ser compartilhada quando a sua representação entra em contato com a do outro.

Moscovici (2003) denomina esse processo de universo consensual, que corresponde a um ambiente em que todos se sentem salvos de riscos, atritos ou conflitos e, a mudança

somente é percebida e aceita se apresenta um tipo de vivência e evita a quebra do diálogo sob o peso da repetição.

Moscovici (2003, p. 75-76) acredita que “a cultura, mas não a ciência, nos incita, hoje, a construir realidades a partir de ideias geralmente significantes. Existem razões óbvias para isso, dentre as quais a mais evidente, do ponto de vista da sociedade, é apropriar-se e transformar em característica comum o que originalmente pertencia a um campo ou esfera específica”.

Assim, a busca que o homem realiza para sentir-se parte de um grupo ou de um sentido de situações corrobora a familiarização para evitar conflitos que gerem reflexões porque a existência do indivíduo, na realidade, é construída como natural e subjetivamente dotada de sentido nas situações cotidianas.

As representações sociais são construídas e difundidas por meio da interação entre atores sociais, em práticas de comunicação do cotidiano (MOSCOVICI, 2003). A comunicação que ocorre nos grupos e num contexto intergrupar viabiliza negociar as convenções para lidar com a realidade. Os pontos de referência para pensar sobre e agir em relação aos objetos sociais são, desse modo, referentes a posições específicas no contexto social, isto é, a grupos, estruturados em maior ou menor extensão. Nesse sentido Moscovici (2003, p. 76) argumenta:

Nenhuma cultura, contudo, possui um instrumento único, exclusivo. E devido ao fato de que o nosso instrumento está relacionado com os objetos, ele nos encoraja a objetivar tudo o que encontramos. Nós personificamos, indiscriminadamente, sentimentos, classes sociais, os grandes poderes, e quando nós escrevemos, nós personificamos a cultura, pois é a própria linguagem que nos possibilita fazer isso.

Na sociedade contemporânea observa-se o surgimento de um novo formato de interação social, em que todos estão conectados, mas virtualmente por meio da rede mundial de computadores. A forma de comunicar-se alterou significativamente a vida dos indivíduos. Nos espaços virtuais, os usuários podem explorar, modificar, atualizar informações simultaneamente e assim, as práticas socioculturais que representam as ações coletivas e individuais dos jovens estudantes da comunidade pesquisada são conectadas a diferentes tipos de atividades mobilizadoras de valores, competência, habilidade e memórias emergidas pela forma de ler, interpretar, explicar e agir diante dos fatos de sua realidade sociocultural. Entendemos que os saberes desenhados são aqueles gerados a partir das ações executadas e

reconhecidas pelos jovens que são repassados de geração a geração em uma comunidade que sofre as influências de conexão com as práticas socioculturais da contemporaneidade.

Entre os jovens da atualidade, as práticas socioculturais como dançar, ler, estudar, reunir amigos, entre outras podem ser mediadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação. Inclusive, o uso das redes sociais tem corroborado para a fragmentação da vida humana. Desintegração que se substancia sob a égide da incerteza, da cultura do efêmero, do desejo e da insatisfação, da compra, da necessidade de aquisição a partir de “modelos ideais” que precisam ser adquiridos em uma busca incessante por reconhecimento social através do ter e não do ser. Enfim, do consumo para saciar o desejo, o prazer, a satisfação e a felicidade pessoal, individual.

Em relação à juventude Doutor (2016) ressalta que a partir da segunda metade do século XIX a temática da juventude assume caráter e consistência social e, os problemas e tensões associados às questões dos jovens passam a ganhar espaço. Assim, a visibilidade social para os jovens foi ampliada e estudos em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais começam a conceituar a juventude, inicialmente entendida como uma fase de vida própria e detentora de uniformidade e, posteriormente considerada as diferenças sociais existentes entre os jovens ou grupos de jovens. O autor afirma ainda, ser impossível caracterizar apenas uma juventude, mas considerar as diferentes juventudes que devem ser observadas em suas diversidades. Nesta perspectiva é possível pensar na juventude como uma realidade socialmente construída que permitem várias leituras a partir das condições culturais, sociais, econômicas e políticas (DOUTOR, 2016).

Por isso, pretendeu-se explorar as práticas socioculturais de jovens estudantes de ensino médio voltadas à imagem corporal e entender as dinâmicas de representação social que atingem esse público.

## **2.2 Processo Metodológico**

### **2.2.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa**

Para alcançar os objetivos propostos no estudo realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa do tipo descritiva interpretativa. Segundo Diehl e Tatim (2004), a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Ainda para Gil (2002), destacam-se também, na

pesquisa descritiva, aquelas que descrevem características de grupos (idade, sexo, procedência, etc.), como também a descrição de um processo numa organização, o estudo do nível de atendimento de entidades, levantamento de opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Além de oferecer os elementos teóricos para a análise dos objetivos do estudo, adotou-se como estratégia uma abordagem de pesquisa qualitativa. Conforme Diehl e Tatim (2004), os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a intenção de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos e vividos por grupos sociais, e em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Assim, selecionou-se uma amostra, com o intuito de compreender em maior profundidade o problema que permeia este estudo e os objetivos propostos. Dessa maneira, o método qualitativo trouxe como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e subjetivo capaz de colaborar para a melhor compreensão do fenômeno vivido pelos jovens.

### 2.2.2 Contexto de Realização da Pesquisa

A pesquisa realizou-se em turmas de terceiro ano das escolas de ensino médio da rede pública localizadas no município de Tupanciretã, Rio Grande do Sul, as quais foram identificadas como instituição A e instituição B, respectivamente.

A instituição B possuía três turmas de terceiro ano de ensino médio no ano de 2019, sendo respectivamente no turno manhã duas turmas, com total de 39 alunos e uma turma no turno da noite com 18 alunos matriculados. A instituição A possuía três turmas de terceiro ano de ensino médio, sendo dois no turno da manhã e uma no turno da noite, com total de 48 alunos. Para que os alunos participassem da pesquisa foi solicitada a autorização dos pais para a pesquisa por meio de uma carta, com autorização de cada uma das instituições, assinados pelos respectivos representantes legais dos alunos e das instituições (APÊNDICES A e B).

### 2.2.3 Sujeitos da Pesquisa

O *corpus* da pesquisa incluiu a participação de vinte e quatro (24) alunos do terceiro ano de ensino médio, de ambos os sexos, matriculados em duas instituições A e B, o aluno somente pôde participar mediante assinatura de autorização do Termo de Assentimento pelos pais e/ou responsáveis (APÊNDICE C) e carta de autorização dos pais (APÊNDICE E). Para cada discente foi enviado por meio da plataforma *google forms* e coletado dados pessoais dos envolvidos e seus pais no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após as devidas autorizações.

No ano de 2019 a instituição B tinha três turmas de terceiro ano de ensino médio, sendo respectivamente no turno manhã duas turmas, com total de 39 alunos e uma turma no turno da noite com 18 alunos matriculados, a instituição A possuía três turmas de terceiro ano de ensino médio, sendo duas no turno da manhã e uma no turno da noite, com total de 48 alunos. Todavia, aceitaram participar dessa pesquisa e efetivamente participaram 24 jovens, de ambas as escolas, um fator que justifica o número de participantes foi que a aplicação do questionário ocorreu no período da pandemia Covid-19.

### 2.2.4 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa

A coleta de dados configura um momento crucial para a realização da pesquisa, pois é nesta fase que o pesquisador obtém as informações necessárias para o desenvolvimento do estudo. Os resultados dependem, em grande parte, da maneira como o pesquisador conduz e desenvolve o trabalho, para coletar corretamente as informações. O desafio principal do investigador inclui a escolha correta dos instrumentos de busca de dados para atender aos objetivos propostos, afinados a técnica utilizada.

Com base em Minayo (1993) a concepção de campo de pesquisa abrange o recorte que o pesquisador elabora em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objetivo de investigação. Na pesquisa social, o lugar primordial é ocupado pelas pessoas e grupos convivendo em dinâmica de interação social.

As técnicas e instrumentos de coleta de dados escolhidos para realização de uma pesquisa deverão proporcionar uma interação efetiva entre o pesquisador e a pesquisa

realizada, além de estarem relacionados com o problema, a hipótese ou os pressupostos da temática e desejam obter elementos para o alcance dos objetivos propostos.

Gil (2011) define questionário como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. O autor aponta que a elaboração do questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos em questões.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador (hoje se pode fazer por e-mail); depois de preenchido, o pesquisado devolve-o da mesma forma que o recebeu. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 219)

O pesquisador deve enviar junto com o questionário, um texto explicando a natureza da pesquisa, a relevância para contexto social e a importância das respostas com objetivo de mobilizar os participantes do instrumento de coleta de dados (MARCONI; LAKATOS; 2017).

Para Andrade (2009), os instrumentos de pesquisa são os meios pelos quais se aplicam as técnicas selecionadas. Assim, o instrumento de coleta de dados para esta investigação foi um questionário misto. O questionário é o método mais usual em pesquisa qualitativa, principalmente em inquirição de grande escala, como as que se propõem levantar a opinião política da população ou a preferência do consumidor. Portanto, para esta averiguação foi organizado um questionário (APÊNDICE F) pela própria pesquisadora e validado para este fim. O questionário foi elaborado pela exploradora e submetido para validação para três professores doutores integrantes de Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* que avaliaram o instrumento e o validaram para atender as demandas apontadas nos objetivos geral e específicos (APÊNDICE G). O questionário foi organizado com vinte e uma questões, sendo sete abertas e quatorze fechadas e os participantes levaram em torno de 30 minutos para responder.

### 2.2.5 Análise e Interpretação dos Dados

A análise dos dados realizou-se de duas formas: qualitativa e quantitativamente. Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva (moda, média, mediana e desvio padrão) e representados em tabelas. Já, os qualitativos foram realizados dentro de

uma perspectiva da Análise de Conteúdo, a qual se justifica pela possibilidade de compreender e analisar qualitativamente os resultados. Além disso, houve a possibilidade de categorizar os dados a partir de tipos ideais<sup>1</sup>. Levantaram-se as categorias de análise *a priori*, as quais foram organizadas em Matriz de Análise (APÊNDICE H), o que não impediu que após a coleta de dados levantássemos outras categorias para a análise.

Bardin (2011, p.15) explica que a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Com base na mensagem, a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos de comunicação, quais sejam: a fonte de emissão, o processo codificador que resulta em uma mensagem utilizada de um canal de transmissão a um receptor da mensagem e seu respectivo processo decodificador (FRANCO, 2012).

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de diagnósticos de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens. A intenção de descrição das ideias é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 1997).

A análise de conteúdo é dividida em três momentos: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados: inferência e interpretação. A primeira fase a de pré-análise, constitui-se como um momento de organização e sistematização para que o pesquisador possa organizar e conduzir as fases sucessivas de análise. (BARDIN, 1997).

## 2. 2.6 Cuidados Éticos

Esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – CEP sob CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) n.º 226503219.8.0000.5322 em 23 de dezembro de 2019 e aprovado sob parecer n.º 3.850.994, em 20 de fevereiro de 2020.

---

<sup>1</sup> Tipos ideais é um instrumento metodológico proposto por Weber (2006) que consiste em reunir em um único conceito (tipo ideal) os traços e características de determinado fenômeno que está sendo pesquisado.

O envio ao CEP para aprovação da proposta de pesquisa está em conformidade a resolução nº 466/2012 que trata de pesquisas e testes em seres humanos (BRASIL, 2012) e resolução 510, de 7 de abril de 2016, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde, que trata dos aspectos éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, o seu processo de elaboração, bem como de alguns de seus avanços e desafios. [...] pesquisa em ciências humanas e sociais: aquelas que se voltam para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção (BRASIL, 2016, p. 4).

Todos os voluntários assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), no qual constaram que eles permanecerão em anonimato, e que serão usados para publicação somente os dados estatísticos. Como alguns alunos eram menores de idades quem assinou o Termo de Assentimento foram os pais os responsáveis.

Os participantes da pesquisa receberão os resultados obtidos de forma impressa, cuja cópia do estudo será entregue às escolas. Além disso, a pesquisadora realizará palestra apresentando aos turnos manhã e noite em ambas as escolas os dados para alunos e professores, após a apresentação e defesa da dissertação e quando as escolas retornarem às atividades presenciais.

#### 2.2.6.1 Riscos

Ao participar deste estudo o participante não sofreu nenhum risco físico, todavia poderia apresentar algum desconforto e conflitos psicológicos ao responder algumas questões heterogêneas que o fez refletir sobre o seu corpo. O participante teve liberdade de se recusar a participar e ainda de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quisesse poderia pedir mais informações sobre a investigação por meio do telefone da aplicadora.

#### 2.2.6.2 Benefícios

Os resultados dessa pesquisa possibilitarão reflexões importantes sobre práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo e se reverterá em temáticas transversais para a escola abordar e autoavaliação para os próprios jovens

### **3 CAPÍTULO III - CORPO E CORPOREIDADE EM UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA E SUAS INFLUÊNCIAS SOCIAIS**

O indivíduo constrói sua identidade a partir da mediação e uso do corpo, desde o movimento de andar até as formas primárias de interação social são alicerçadas pelos sentidos corporais. Soares (2001) enfatiza que o corpo configura um território que abrange esferas biológicas, simbólicas e culturais que processam virtualidades infindáveis e traços memoriais que assumem papel de arquivo vivo de toda trajetória pessoal de cada indivíduo. As pesquisas voltadas para análises do corpo e seus segredos buscam elucidar aspectos naturais das construções humanas: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual.

Le Breton (2012) destaca que todas as relações de interação social ocorrem por meio de rituais corporais. O corpo assume o lugar de inclusão, onde acontece a união e o rompimento com o outro, sendo o eixo de evidência e construção das relações com o mundo. É através do corpo que nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva.

Os estudos sociológicos dedicam-se a entender a corporeidade humana nas perspectivas do fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Todas as ações humanas que organizam a vida cotidiana do homem são mediadas pela corporeidade (LE BRETON, 2012).

Le Breton (2012) também analisa as incidências sociais sobre o corpo e identifica como primeiro ponto de reflexo que as situações sociais humanas atuam diretamente na condição física, o indivíduo emana do meio social e cultural em que vive. Nas pesquisas desenvolvidas no início do século XIX identificaram que os fatores de vulnerabilidade da classe trabalhadora nas fábricas dentro do contexto social de miséria e falta de infraestrutura influenciam diretamente na condição corporal do homem. A corporeidade não pode ser dissociada dos problemas de saúde, alimentação, moradia, educação das camadas trabalhadoras nas indústrias.

Segundo Le Breton (2012) os estudos que observam o homem como produto do corpo ao invés de fazer da corporeidade um efeito da condição social do indivíduo, faz da condição social o produto direto da biologia. Essa vertente defende que o destino do homem obedece à ordem morfológica e suas provas são encontradas na aparência corporal.

Ao analisar o contexto histórico observa-se que o homem transitou pela busca constante de alterar e dominar os três elementos a que a carne humana é submetida: ao envelhecimento, à doença e à morte. Neste sentido observam-se vários acontecimentos que avançam para prolongar a juventude, minimizar e acabar com as doenças e aumentar a expectativa e qualidade de vida da população.

A trajetória humana registra o enfrentamento e convívio com inúmeras doenças e epidemias que afetam o corpo. As pesquisas e o conhecimento na área da medicina, como a descoberta dos antibióticos e vacinas, trouxeram um novo avanço no século XX, o qual se consagrou pela conquista de mais saúde e longevidade. Corbin *et al.* (2011, p. 18) apontam que “a saúde passou a ser a verdade e também a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justa, no conjunto do mundo”. Os avanços da medicina permitiram a identificação e tratamento de inúmeras doenças as quais a humanidade conviveu ao longo de sua história.

Chammé (2002) realizou uma retrospectiva histórica em relação às doenças que afetaram a humanidade após a industrialização e destacou que neste período, a família proletária apresentava algumas características: as crianças eram amamentadas por suas mães - mulheres desnutridas e exaustas - os hábitos higiênicos eram negligenciados e igualmente o controle genital. As crianças eram criadas nas ruas e precocemente encaminhadas para as fábricas, pois a Revolução Industrial se fazia às custas do trabalho infantil e feminino.

O corpo enquanto depositário de saúde ou doença tem sido indagado, portanto, neste final de século, para além dos riscos biológicos a que está exposto, mas como extensão do sucesso ou insucesso da força do coletivo e do poder individual direcionado na elaboração de seu controle. Neste momento da História Social devemos, pois, considerar saúde e doença não mais situações vistas como independência ou isoladamente, mas fazendo parte de um "*continuum*" integrado entre saúde/doença/corpo. (CHAMMÉ, 2002)

No que se refere aos avanços científicos do século XX na área da Saúde Pública, devemos apontar alguns resultados que são descritos como forma de buscar soluções para o desequilíbrio entre os estados de saúde e doença: a descoberta de novas vacinas e o aperfeiçoamento das já existentes; a descoberta de novos antibióticos e quimioterápicos eficazes contra a tuberculose; as doenças sexualmente transmissíveis, a hanseníase, a pneumonia bacteriana, as doenças causadas por estreptococo; drogas parasiticidas e os antimaláricos; a disponibilidade de vacinas e drogas, possibilitando programas de massa a nível nacional e internacional; as grandes obras de saneamento básico; a fluoretação da água de abastecimento e o uso do flúor por outros métodos; a introdução da Terapia de Reidratação

Oral e valorização do aleitamento materno; a realização de estudos epidemiológicos permitindo a adoção de novos comportamentos e cuidados com a saúde; a demonstração de que o uso da Talidomida em gestantes gerava defeitos na progênie; melhores cuidados às gestantes e às crianças, em termos de cuidado pré-natal, parto hospitalar, alojamento conjunto visando facilitar o aleitamento, com o objetivo de diminuir a mortalidade materna e infantil; a criação do Serviço Nacional de Saúde inglês e os êxitos dos programas de Saúde Pública em países socialistas, mostrando que se pode obter bons resultados em saúde e assistência médica a custos relativamente baixos. Embora as ações e programas de saúde pública tenham produzido efeitos mais rapidamente positivos nos países de economia mais estável, os meios de comunicação e de difusão foram auxiliares para que tais medidas alcançassem também os países mais pobres. (CHAMMÉ, 2002)

O desaparecimento e controle de inúmeras epidemias que afetaram gravemente a humanidade talvez seja o principal elemento que diferencie o homem atual de seus ancestrais, principalmente em relação ao aumento da expectativa de vida. A ampliação da vitalidade da população é um fator significativo em sociedades mais desenvolvidas e é possível identificar conquistas como a citada por Corbin *et al.* (2011) que apontam os indicadores da França, onde a expectativa de vida para mulheres é de 80 anos e 72 anos para os homens. Embora, atualmente as epidemias estejam ressurgindo, como é o caso da pandemia mundial da COVID-2019, o Corona vírus, o qual surgiu na China, que com o processo de globalização se espalhou rapidamente aos demais continentes, abalando a vida humana em todas as suas dimensões em uma extensão a qual ainda não conseguimos mensurar e que nos desafiou a mudar nossas vidas atualmente.

Os primeiros casos de Covid-19 foram identificados na República Popular da China em dezembro de 2019, em Wuhan, cidade localizada na Província de Hubei, a partir daí rapidamente espalhou-se por vários países e, em 11 de março de 2020, foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia, termo que referêcia a distribuição geográfica de uma doença. Sem medicação e vacina com eficácia comprovada (até o início do ano de 2021), a principal orientação atenta para cuidados de higiene e isolamento social. Diariamente o número de mortes em decorrência do vírus cresce assustadoramente e os países que melhor atuaram no enfrentamento a Covid-19 foram os que agiram com perspicácia para manter o distanciamento social.

A ampla capacidade de contágio, aliada a falta de descoberta de cura e de tratamento colocou o mundo em alerta impactando a vida dos indivíduos em nível global, chamando a

atenção pelo alcance e velocidade de disseminação. Alguns dados históricos, embora ainda muito recentes para uma análise rigorosa, revelam essa dinâmica espaço-temporal da doença.

Historicamente, a humanidade vivenciou outras pandemias, algumas com ciclos seculares, como a varíola e o sarampo, ou por décadas, como as de cólera. Ainda podem ser citadas as pandemias de gripe por H1N1 em 1918, por H2N2 em 1957-1958, por H3N3 em 1968-1969 e por H5N1 nos anos 2000, conhecidas, respectivamente, como “gripe espanhola”, “gripe asiática”, “gripe de Hong-Kong” e “gripe aviária”, em que pese tais denominações, que carregam estigmas que devem ser evitados (ANDRADE, 2009).

Observa-se que a sociedade contemporânea transita para valorizar a estética do corpo, contribuindo para que ele seja interpretado como máquina, muitas vezes com defeitos que precisam ser reparados, submetendo-o a diferentes experiências (NOVAES, 2003). E nessa busca de um corpo perfeito podemos desprezar aspectos importantes ao nosso modo de “ser nosso corpo”, tornando-se objeto de todas as experiências possíveis. Segundo Novaes (2003, p. 10), “o corpo transformou-se em máquina ruidosa a ser reparada a cada movimento”.

Num estudo sobre as modificações corporais na cultura contemporânea, Francisco Ortega escreve que “[...] a dor é um elemento fundamental nessas modificações, uma via de acesso ao corpo vivido numa cultura como a nossa, na qual a dor é um anacronismo que deve ser suprimido, um escândalo intolerável numa sociedade que não reconhece mais nem o sofrimento nem a morte como constitutivos da condição humana, sociedade auxiliada por uma medicina que não trata a dor como fato existencial, que possui uma dimensão social, cultural e histórica, mas como um dado fisiológico, ou antes, patológico, passível de ser medicalizado. A autenticidade da dor, como investimento subjetivo na matéria corporal presente nas modificações corporais, constitui uma resposta a uma cultura de anestesia sensorial e de patologização da dor e do sofrimento” (ORTEGA, 2008, p. 64).

Neste sentido, o estudo do corpo direcionado neste artigo vai “além da simples carne e simples unhas”, como atestou Drummond (2004, p. 17), e nos impulsiona a investigar o corpo simbólico e os efeitos produzidos por um processo que é de significação, um corpo interpelado, que não pode ser pensado sem a materialidade, a história e os processos da vida social e prática; portanto, o corpo não pode ser pensado sem ideologia.

A morte não é apenas um acontecimento possível, mas necessário. Não é apenas um acontecimento com alguma gravidade: tem para o homem a gravidade absoluta. [...] Trata-se da possibilidade de certa forma de tomada, uma consciência de si mesmo, ou uma forma de olhar que lançaremos sobre nós mesmos a partir do ponto

de vista, por assim dizer, da morte, ou desta atualização da morte em nossa vida (FOUCAULT, 2004, p. 579-580).

Outro aspecto considerável no sofrimento humano é a maneira como ele lida com situações, a subjetividade humana torna esse processo diferente para cada sujeito. Por meio da convivência em diferentes aspectos da vida o indivíduo se configura de modo muito particular. A subjetividade na perspectiva psicanalítica é a formação do sujeito, do seu psiquismo, ou seja, é algo interno que por sua vez estabelece uma relação com o mundo externo e sua objetividade (SILVA, 2009).

A questão da sexualidade humana relacionada ao corpo, também sofreu alterações significativas, principalmente os elementos relacionados ao comportamento e postura social. Historicamente, o homem aderiu a um novo comportamento sexual do corpo, antes reprimidos e ligados aos pudores orientados pela concepção cristã de sexualidade e, hoje ocupa o cenário público e ganha o centro das representações sociais. Essa transição comportamental relaciona-se a alguns fatos marcantes, entre os principais podem-se citar as conquistas de direitos femininos, mudança no modelo padrão de família e liberdade de gênero.

A década de 1960 é marcada por intensas mudanças em relação ao corpo e a sexualidade. Neste período são publicadas pela primeira vez cenas de práticas sexuais e desde então, é possível verificar, na maioria das culturas ocidentais, a naturalidade da nudez, um novo comportamento humano em relação ao sexo, que antes acontecia exclusivamente para reprodução e hoje também para a busca de prazer. A mulher avançou em busca de igualdades de direitos e poder sobre o seu próprio corpo. A instituição casamento sofre alterações significativas, pois em tempos anteriores eram as famílias que selecionavam cônjuge e, atualmente homens e mulheres selecionam seu par na busca do amor e da realização pessoal junto ao outro. A separação de casais tornou-se mais comum e formatos diversos de família surgiram (CORBIN *et al.*, 2011).

Essas conquistas de direitos femininos são marcadas por inúmeros fatores: as mulheres encurtaram seus vestidos, trocaram os espartilhos pelo sutiã, passaram a ter um controle sobre a reprodução, com o uso de contraceptivos e o desvelar do corpo feminino teve um impacto na vida privada habilitando o corpo em sua dimensão sexuada. Com a naturalização da nudez, os modelos de homens e mulheres magros predominam e desenvolve-se um novo trabalho de treinamento muscular e dietas para garantir um físico adequado aos novos padrões estéticos. Na década de 1960 é que o regime passa a ser uma preocupação

social compartilhada e o homem desenvolveu um olhar crítico sobre o peso e medidas corporais (CORBIN *et al.* 2011).

O medo do envelhecimento também surge como fator principal para a emergência e crescimento da indústria da beleza, que amplia sua lucratividade com produtos cosméticos, para pele e cabelo. A medicina também ampara essa demanda, lançando no mercado alternativas de cirurgias e procedimentos que prometem estender a jovialidade e garantir mudanças significativas na imagem corporal. Corbin, *et al.* (2011) avaliam esse fenômeno:

A partir do momento em que se desenvolvem não só a cirurgia estética, mas também as operações de modificação do corpo de todos os tipos, desde a dietética e o *body-building* até o *doping*, e de fato tudo aquilo que se costuma denominar engenharia biotecnológica, de novo aparece o tema de homem mecânico, mas sob a forma do homem “pós-humano”. Os enxertos, as cirurgias para a mudança de sexo, as intervenções na reprodução, a melhora das performances através do doping, as perspectivas de modificação genética e de clonagem, as intervenções “*biotech*”, tudo isso permite entrever o aparecimento de um homem mutante, filho de suas próprias opções e de suas próprias técnicas, com esta ambiguidade que não se sabe se aqui se trata de um homem inumano por desumanização ou de um super-homem que ultrapassa a humanidade para levá-la mais alto e mais longe e levá-la a plenitude. Transplantam-se corações, rins, fígados e pulmões. Implantam-se artérias de plástico, próteses dos quadris, implantam-se de novo as mãos arrancadas e já se especula sobre a eventualidade de enxertar partes do rosto. Fazem-se diagnósticos das doenças genéticas do embrião e se intervém sobre elas. A tecnologia computadorizada permite visualizar fenômenos literalmente invisíveis e dirigir os gestos dos cirurgiões em um mundo onde ele se sente como Gulliver em Liliput. Fazem-se operações e diagnósticos à distância. Quanto às técnicas de computação, permitem criar os clones virtuais de um rosto ou de um corpo. Mediante algumas próteses visuais e tácteis, podemos viajar por mundos virtuais, inclusive aquele em que desfrutamos à distância como se fosse natural (CORBIN *et al.*, 2011, p. 551-552).

Os autores citados listam inúmeros avanços conquistados pela humanidade ao longo da história, mas percebe-se nitidamente que na contemporaneidade esses fenômenos são intensificados. É possível fazer desde pequenos reparos estéticos até mudança de órgãos sexuais. O homem começou a cuidar e olhar para cada parte do seu corpo, buscando de certa forma um modelo ideal de perfeição. Nesta busca alguns indivíduos chegam a se submeter a várias cirurgias para alcançar as formas físicas de seus ídolos. Neste sentido, a atualidade abriga fatos inéditos e lança novos olhares e questionamentos no pensar até onde o homem pode e deve buscar padrões de beleza.

O corpo humano supera os aspectos naturais para torna-se uma construção cultural. As mutações ocorreram de forma gradativa ao longo da história da civilização e remetem aos

códigos culturais e aos limites tecno-científicos de cada época. A antiga discussão sobre a mixagem homem-máquina ocupou o centro das investigações na era do materialismo e do mecanicismo, nas tentativas de elaboração dos autômatos, que se atualiza através da biotecnologia e da cibernética. Com as tecnologias avançadas, inúmeras limitações físicas são superadas e os recursos para moldar o corpo se multiplicam e tornam-se populares (COUTO, 2000).

Na atualidade, a interação homem-máquina configura uma estratégia inovadora que acelera eliminação de fronteiras entre o humano e o técnico. O objetivo é utilizar os recursos potencializadores das aparelhagens para transformar o homem, revitalizar as suas capacidades físicas e mentais. Nesse contexto, uma infinidade de conhecimentos circula para auxiliar as pessoas a cuidarem mais de si, o uso das próteses se prolifera e a pele humana e a tecnológica, outrora divididas e separadas, se mesclam para construir o homem-satélite, típico da cultura SuperCiber (deste fim de século), conforme apontado por Couto (2000), no final do século XX.

Uma questão apontada como principal para a geração do mal estar na modernidade configura a ruptura no tempo e espaço, que gera a perda do potencial de simbolização da subjetividade. Para Birman (2014) a transformação nas formas de subjetivação dos sujeitos, pela predominância do registro do espaço sobre o tempo, ordena a maneira que a dimensão da dor ocupa cada vez mais um lugar privilegiado no psiquismo em face do registro do desejo.

Outra questão relevante que atinge a humanidade a partir do início do século XX é a constituição da cultura do narcisismo em que a problemática da imagem atua em primeiro plano das preocupações dos agentes sociais (BIRMAN, 2014). A sociedade do espetáculo valoriza os registros do olhar, da visibilidade, da cena e da exibição destacados na configuração das novas modalidades de sociabilidade.

Os laços sociais se restringiriam então ao campo da imagem, de maneira que a cena social se reduziria à retórica do narcisismo. Seria a produção e a exaltação desenfreada das imagens de si mesmo, para o deleite do outro, num campo sempre imantado pela sedução, o que passaria a dar as cartas no jogo na estética performática do espetáculo. (BIRMAN, 2014, p. 55).

Agora, em pleno século XXI, o uso e publicação de imagens pessoais nas redes sociais exemplifica uma atuação ampliada da sociedade do espetáculo. Constantemente, os usuários buscam as melhores poses e *selfs* para publicitar a vida íntima ao acesso de todos os amigos virtuais. O fenômeno atua tão significativamente na vida do homem contemporâneo que, alguns estampam sua rotina de vida desde o café da manhã até a hora de dormir, num

*contínuun* viver conectado. A sociedade do espetáculo mantém estratégias que correlacionam à felicidade como um fato rotineiro na vida dos indivíduos e a angústia se instala nesta busca incessante para parecer feliz e se igualar aos demais.

Na avaliação de Birman (2014) o mal-estar contemporâneo se inscreve nos registros psíquicos do corpo, da ação e da intensidade. O corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se enuncia o mal-estar da atualidade, capaz de gerar constantes inquietações e insatisfações.

Assim, o corpo assume posição de supremacia no mundo contemporâneo por ser o único bem do cidadão, pois segundo ele, todos os demais desapareceram ou foram relativizados. Assim, aspectos relacionados à saúde e estética, no sentido de melhorar a qualidade de vida e a longevidade, são priorizados (BIRMAN, 2014). E, o mesmo autor ainda destaca:

Imagina-se sempre que algo deve ser feito para que a *performance* corpórea possa melhorar, pois essa se encontra sempre aquém do desejado. Sentimo-nos sempre faltosos, deixando de fazer tudo o que deveríamos, considerando as múltiplas possibilidades oferecidas para o cuidado com o corpo. Enfim, estamos sempre culpados, ainda que levemente, e numa franca posição de dívida em relação a isso (BIRMAN, 2014, p.69).

Birman (2014) aponta um estilo próprio de ser dos indivíduos modernos, caracterizando a aceleração do sujeito, onde a hiperatividade assume uma constante e os indivíduos agem por impulso, sem pensar. A contemporaneidade é marcada pelo desalento subjetivo e o mundo apocalítico naturaliza-se para ofertar aos indivíduos novas experiências de controle desencadeadas pelo aumento da violência e criminalidade.

Ponty (1980) afirma que as teorias da percepção do homem consideram o corpo como a condição primeira para definição do ser humano, e, portanto, é por meio dele que o homem assume a consciência do seu modo de estar no mundo. “O corpo não é uma natureza incontestável objetivada imutavelmente pelo conjunto das comunidades humanas, dada imediatamente ao observador que pode fazê-la funcionar como um exercício de sociólogo”. (LE BRETON, 2012, p 24). O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra, tanto que nas civilizações do período pré-socrático o corpo é tido como túmulo da alma (LE BRETON, 2012).

A transformação de sociedade comunitária para individualista prevê o corpo como elemento que interrompe e marca os limites do indivíduo, além de caracterizar as esferas iniciais e de presença no mundo. O corpo é elemento que isola, demarca a fisionomia e a fronteira viva da soberania individual e permite pensar culturalmente a diferença de um ator para outro, porque cada um se distingue pela sua singularidade (LE BRETON, 2012).

O corpo contemporâneo é aquele no qual são aplicados os métodos da sociologia como resultado do recuo das culturas populares de excelência do campo simbólico que habita, advém do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo (BRETON, 2012).

O significante corpo é uma ficção cultural eficiente e viva que pode ser compreendido na trama social de sentidos, mesmo quando acontecem rupturas de relações físicas com o mundo do ator diante da dor, doença e comportamentos não habituais (LE BRETON, 2012).

O corpo pensado diante do espelho social trata de compreender os fenômenos contemporâneos que influenciam no comportamento humano em relação que superam os aspectos corporais. Na atualidade a aparência física ganha destaque sobre a égide do pertencimento social e cultural dos indivíduos, assim como a moda e a constante preocupação em manter-se jovem e com vitalidade (LE BRETON, 2012).

A decisão individual de agir sobre o corpo pode ser caracterizada como uma liberdade formatada sobre inúmeras influências, principalmente os fardos sociológicos, a ambivalência do tempo, a condição social e a própria história do ator envolvido. A geração que domina o corpo vive a incessante busca de remodelar aspectos físicos e enfrenta frustrações constantes quando não alcança os padrões ideais de beleza. (COUTO *et al.*, 2012).

Couto *et al.* (2012) defende que o controle do próprio corpo sobre a aparência é um meio de reduzir a incerteza ao se buscar os limites simbólicos o mais proximamente possível. A vida moderna rodeia o homem de complexos conflitos sociais no trabalho, e ambiente familiar; a questão de cultivar o corpo possibilita a sensação de controle e domínio da vida.

No corpo estão inscritas todas as regras, normas e valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (DAOLIO, 1995). O fato de ser mestre do seu próprio corpo esbarra na irredutibilidade da herança e história de genitores. O indivíduo se recusa a ver seu corpo como uma raiz de identidade a que pertence e recorre a cirurgias plásticas para reformatá-lo, sendo mais comuns as próteses de silicone nos seios e lipoaspiração. (COUTO *et al.*, 2012).

Para Le Breton (2012, p. 92) “O corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico; por isso, a abordagem

sociológica ou antropológica exige prudência particular e a necessidade de discernir com precisão a fronteira do objeto” e, portanto, as práticas socioculturais do homem, em relação ao seu corpo, transitam paradoxalmente entre essas fronteiras.

A visão e o tratamento ao corpo acompanham o desenvolvimento da sociedade. O comportamento do homem altera-se conforme os desafios sociais que ele enfrenta ao longo do tempo. Se, na Grécia Antiga viu-se o homem se sentindo uma parte extensiva da natureza e, portanto, organizando e vendo seu corpo dentro de um conjunto mortal que se integrava aos quatro elementos naturais água, terra, fogo e ar, com o passar do tempo o homem desenvolveu ações para tomar o controle do seu corpo, por meio de medicamentos, cirúrgias, regimes e atividades físicas, por exemplo.

Há metamorfoses do corpo que se modificam como forma de protesto, amplamente, após os anos de 1960, e suas influências estão em domínios diversos da cultura: da antimoda à *body art*. (SOARES, 2001).

Entre as transformações sociais da modernidade para a pós-modernidade ou atualidade, o corpo também recebe dispositivos distintos de dominação política, de poder e disciplinar. Foucault (1987) analisa o corpo e suas utilidades político-econômicas com a análise das organizações humanas instituídas de estratégias estabelecidas com o objetivo de buscar a docilidade dos corpos a fim de desenvolver o controle social. O autor destaca a microfísica do poder infiltrada em diferentes esferas da vida humana (escolas, presídios, monastérios, instituições militares) que estabelece a arqueologia das relações para instituição de regras do trabalho e padrões de comportamento social.

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p.25-26).

Sibilia (2015) traz uma análise do pensamento de Foucault para ilustrar a atuação do capitalismo sobre os corpos de homens, mulheres e crianças do mundo moderno. Foucault criou o termo que denomina tecnologia de biopoder para definir a atuação do poder focado na vida humana utilizando mecanismos que promoveram a autovigilância generalizada através de dispositivos destinados a moldar corpos e as subjetividades dos seus cidadãos utilizando-se

principalmente de três tecnologias disciplinadoras, aplicadas principalmente nas instituições modernas de confinamento humano que incluem a interiorização da vigilância (arquitetura panóptica), técnica de autoconfissão (exame constante de si mesmo) e regulamentação do tempo de todas as criaturas humanas, desde o nascimento até a morte.

Foucault (1987) destaca que durante a era clássica ocorre a descoberta do corpo enquanto objeto e alvo de poder que pode ser manipulado e treinado para obter melhores resultados e neste instante, o corpo humano entra numa maquinaria que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina organiza, transforma e aperfeiçoa o corpo, assim como amplia as forças corporais também forma corpos dóceis e submissos.

A instituição da disciplina exige alguns regramentos que estabelecem a presença de cerca, ou seja, o espaço deve ser heterogêneo em relação aos outros e fechado em si mesmo, o quadriculamento dos indivíduos que precisam ocupar o seu lugar específico no espaço, a organização de regras específicas da instituição e estabelecimento da posição do corpo na fila, sendo classificados no espaço geográfico que ocupam. (FOUCAULT, 1987).

Os dispositivos de biopoder buscam obter certa docilidade corporal, instalada nos organismos humanos para doutrina-los a fim de alimentar as engrenagens da produção fabril e as fileiras dos exércitos nacionais. Os corpos dóceis passam a servir a determinados interesses econômicos e políticos. A configuração do modelo político-econômico capitalista possui interesses claros que são facilmente identificáveis, mas mantém preservado o anonimato das personalidades envolvidas (SIBILIA, 2015). Ainda, conforme a mesma autora:

Essa formatação dos corpos modernos era complexa, também, porque tinha uma dupla fisionomia: o processo devia conjugar uma série de estímulos e repressões ao mesmo tempo, num difícil equilíbrio que sempre corria riscos de ser desafiado. Por outro lado, as forças corporais eram incrementadas, desenvolvidas e estimuladas, para serem aproveitadas em termos econômicos de utilidade (SIBILIA, 2015, p 33).

As estratégias adotadas, ao mesmo tempo em que objetivavam o desenvolvimento das capacidades humanas através da aplicação de um conjunto de treinamentos e capacitações, também precisavam diminuir as energias desses corpos no sentido de mantê-los obedientes ao sistema de repressão. O objetivo principal do capitalismo era a conversão dos corpos e tempos dos indivíduos em força produtiva, inspirados pelo modelo das máquinas industriais (SIBILIA, 2015).

A sociedade contemporânea abriga o surgimento de novos aspectos para enquadrar os corpos. Ocorre a perda de espaço do tratamento homogêneo que classifica o homem dentro da massa para observá-lo sobre aspectos individuais e recebe a classificação de consumidor que

integra uma mostra de nichos de mercado, segmentos de público e banco de dados. O indivíduo classificado como consumidor, recebe informações direcionadas aos seus interesses e nestes aspectos a publicidade e a venda vem desenvolvendo cada vez mais estratégias para captar digitalmente um banco de dados que permita direcionar ferramentas de *marketing* de acordo com o perfil de cada um (SIBILIA, 2015).

A autora cita ainda, os estudos sociológicos direcionados por Hermínio Martins (1996) que trata de uma tecnociência que sonha em ultrapassar a condição humana e o eixo espacial da sua existência e acompanha saberes hegemônicos modernos que rejeitam o caráter orgânico e material do corpo humano na criação de um ideal: ascético, artificial, virtual e imortal (SIBILIA, 2015).

A visão de homem como máquina permite uma relativa perfeição ao corpo e é estimulada pela constante oferta de dispositivos e serviços teleinformáticos, desde os onipresentes telefones celulares até os computadores portáteis com acesso à internet. O uso de tecnologias virtuais potencializa e multiplica as possibilidades humanas, pois rompe a barreira espacial e anula as distâncias geográficas sem a necessidade de deslocamento físico. (SIBILIA, 2015; LE BRETON, 2013).

Como fruto da tecnociência atual e do pensamento fáustico surge o homem pós-orgânico. Uma criatura que se utiliza intensamente das tecnologias virtuais e dos avanços da medicina estética. São corpos que passam por dezenas de cirurgias plásticas e viram verdadeiras obras de arte, talhadas por bisturis e modeladas com silicone. O homem pós-orgânico possui relacionamentos mediados pela internet e contato visual, auditivo e tátil com aparelhos digitais conectados à rede. É uma intensa virtualização dos corpos e dos relacionamentos (SIBILIA, 2015).

Em uma análise crítica com relação ao desenvolvimento tecnológico e os impactos nos corpos, Breton (2013), destaca que nunca os recursos corporais estiveram tão em desuso como atualmente, a mobilidade e resistência física são pouco exploradas nas atividades humanas rotineiras que são desenvolvidas cada vez mais pelas máquinas.

O ato humano de deslocar-se a pé ou pelo uso de bicicletas vai sendo substituído pelo recurso constante de veículos automotores e a ligação homem-carro se tornou uma figura espetacular do ciborgue (organismo humano hibridado com a máquina tendo em vista o aumento da eficácia num determinado campo). O desuso pode levar os músculos a atrofiarem-se e, a restrição de atividades físicas e sensoriais podem limitar o campo de iniciativa sobre o real. A humanidade urbanizada tornou-se sedentária, que desenvolve o deslocamento e o trabalho sentados em bancos e poltronas (LE BRETON, 2013).

Os aparelhos mecânicos passaram a automatizar as mais diversas funções humanas, transferindo seus ritmos, sua regularidade e sua precisão para os corpos e para a rotina dos homens. As ações humanas estão cada vez mais reduzidas a seus elementos mecânicos, cronometrados por relógios que organizam rotinas intensas de trabalho e diversões. (SIBILIA, 2015).

A cibercultura liberta o indivíduo da injunção identitária, dispensa-o de prestar conta, suspende sua identificação ontológica com o corpo. O indivíduo brinca com suas identidades virtuais, sem problemas de consciência, e até mesmo com júbilo. O corpo não é mais o lugar irredutível do sentimento de identidade, ele é um dentre eles, e sem dúvida o mais incômodo pelos limites que traz à memória sempre no último momento, lá onde o internauta acreditava ter-se livrado dele. (COUTO *et al.*, 2012).

Estudos sobre o corpo apontam para uma mudança relacionada à complexificação do conhecimento, estando ligada àquilo que se sabe, hoje, acerca da consciência, da construção de sistemas simbólicos, da imaginação e da criação de metáforas (GREINER, 2010). A analogia estabelecida entre o corpo e a tecnologia, a arte e o universo subjetivo também têm como meta compreender os processos de comunicação - reconhecidos como fenômenos nascidos do corpo – e a significação do corpo com outros corpos e com a cultura.

Como ponto de partida, a compreensão de que a dimensão do corpo contemporâneo vai além do próprio espaço que habita. Este espaço é constituído, em primeira instância, pela pele como fronteira física entre o corpo e a dimensão espacial do entorno; por uma segunda camada, a extensão desta pele, que é a roupa que se veste (inicialmente como abrigo para o corpo, mas potencializada pela subjetividade e suas múltiplas finalidades) e; na sequência, a própria dimensão do espaço pessoal, composto e estruturado por certa gramática de organização espacial regida pelo vocabulário pessoal de imagens e signos. Dessa extensão, surgem as configurações que extrapolam a semântica do universo pessoal, a tessitura dos espaços, a organização ambiental da cidade e o desenho da paisagem urbana (GREINER, 2010).

Camadas sobre camadas constituem a perspectiva por meio da qual se pode pensar a relação do corpo com o espaço social, considerando ainda que, refletir sobre as múltiplas possibilidades comunicacionais do corpo, também leva a se considerar o argumento de Santaella (2005) de que o corpo se tornou um dos "sintomas da cultura" do tempo atual por estar "obsessivamente onipresente", o que em parte poderia ser explicado pelas "inquietações provocadas pelos processos de corporificação, descorporificação e recorporificação

propiciados pelas tecnologias do virtual e pelas emergentes simbioses entre o corpo e as máquinas" (SANTAELLA, 2005).

"O corpo humano" encobre um caleidoscópio de eras, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais. Imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, em especial entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente "o corpo", corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma. "[...] o conceito de corpo político, tanto na concepção medieval como na moderna, organiza a nação impondo regras à imagem do corpo humano" (SENNETT, 2006, p. 21-22).

As relações entre os corpos humanos no espaço é o que determinam suas relações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam (SENNETT, 2006, p.17).

Le Breton (2013), afirma que a anatomia não é mais um destino e a qualquer momento o homem pode alterar seu físico tomando como referência o modelo do momento. A indústria do *design* corporal desenvolve-se significativamente e, atualmente, ao visitar consultórios de cirurgiões plásticos é possível escolher entre as opções, as que mais convêm ao paciente.

A busca pela mudança do corpo acompanha a busca pela mudança de vida. Le Breton (2013), destaca que fatores de crises pessoais como divórcios, desemprego, envelhecimento, morte são comuns entre os indivíduos que mais buscam pelas cirurgias plásticas. O autor utiliza como exemplo o transexualismo do corpo, o qual configura-se em um artefato tecnológico, construído por meio da intervenção cirúrgica e hormonal a partir da vontade individual do ser em reestruturar seu corpo sobre outros aspectos de gênero. O transexual é um símbolo quase caricato do sentimento de que o corpo é uma forma a ser transformada (LE BRETON, 2013).

O estudo de questões relacionadas ao corpo humano começou a ser alvo de questionamentos e objeto de saber para as ciências sociais no início do século XX, inicialmente abordado na psicanálise quando Freud escreveu em 1895 os estudos sobre histeria; no campo filosófico, a partir das ideias de Edmund Husserl que pensava o corpo como berço original de toda significação e, na antropologia, quando Marcel Mauss descreveu um trabalho inspirado na observação do comportamento de soldados britânicos durante a I Guerra Mundial, organizando um ensaio sobre as técnicas do corpo. A partir dessas diferentes teorias, o corpo começou a ser religado ao inconsciente do sujeito e inscrito nas formas sociais de cultura (CORTINE, 2013).

As transformações sociais desencadeadas nos anos 1960 e 1970 configuraram uma nova releitura do corpo nas ciências humanas. As manifestações desencadeadas por grupos de gênero, orientação sexual e origem, até então minoritários, reivindicavam a tomada e o pertencimento do próprio corpo e, assim surgiram as primeiras funções corporais nas lutas sociais (CORTINE, 2013).

Atualmente, surgem novas perspectivas de domínio e controle do corpo e da sexualidade e são inúmeras opções que aparecem para atender as demandas: casais optam por congelamento de seus embriões a fim de adiar o nascimento do filho para um momento que disponha de melhores condições para criá-lo; mulheres disponíveis a abrigar o sêmen congelado de artista famoso morto; mulheres dispostas a serem barrigas de aluguel a casais que não podem ter filhos; luta judicial de indivíduos que, submetidos a um conjunto complexo de intervenções médicas e psicológicas, reclamam uma identidade civil feminina para completar o processo de transexualidade que empreenderam (LOURO, 2000).

Louro (2000) entende que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, enfim processos profundamente culturais e plurais; nesta perspectiva o indivíduo produz e transforma a natureza e a biologia, pois os corpos ganham sentido social. O estabelecimento dos gêneros ocorre sempre, no contexto e nas marcas de uma determinada cultura, assim como as formas de expressar desejos e prazeres também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais e, são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Com relação ao corpo e identidade de gênero Louro (2000, p.8) acredita que:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de 'marcas' biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados.

Os relatos de estudos históricos direcionados ao corpo e suas simbologias físicas e psíquicas apresentam a relevância do tema ao longo da trajetória humana. A corporeidade recebeu atenção especial de diferentes áreas do conhecimento registrando avanços e conquistas significativas para o domínio e compreensão do corpo humano. O aumento da expectativa de vida, prolongamento da juventude e controle de doenças são alguns dos fatos mais importantes registrados no século passado, mas a corrida do homem contra o tempo,

principalmente a negação do envelhecimento e morte, registra alguns extremos de culto a beleza e perfeição. Neste sentido cresce o número de indivíduos que realizam cirurgias e procedimentos estéticos, além da ampliação de registros de insatisfação com o corpo que em algumas situações desencadeiam doenças como bulimia, anorexia e distúrbios alimentares.

Ao direcionar o olhar para a questão do corpo no período da juventude, na atualidade configurada aos aspectos sociais e psíquicos relacionados, à questão assume uma relevância ainda mais significativa. O período da adolescência e juventude registra os fenômenos de transição individual da infância para a vida adulta, com o conturbado período de identificação da sua identidade e construção de valores e, o pensar social de estereótipos corporais atuam neste campo de formação e caracterização da identidade.

Em relação às transformações nas questões da sexualidade na atualidade, Birman (2018), acredita que esse conjunto de dissolução de cristalizações de identidades de gênero incide positivamente junto à juventude que se releva menos preconceituosa e bastante receptiva às novas subjetivações de sujeitos.

O analisar o arcabouço teórico em relação ao corpo e corporeidade na atualidade observa-se que a questão ultrapassa a esfera física, adentrando os campos emocional, psicológico e social, em uma teia de saberes que impactam o modo do homem ser e estar no mundo. As inquietações lançadas a partir de novas estruturas sociais para ampliar a performance humana geram novas formatações de indivíduos. No próximo capítulo apontam-se os principais paradigmas que norteiam as identidades na contemporaneidade focando principalmente no público jovem.

## **4 CAPÍTULO IV - OS PRINCIPAIS PARADIGMAS QUE NORTEIAM AS IDENTIDADES NA CONTEMPORANEIDADE**

O século XXI destaca-se como o em que momento se registra maior ruptura das barreiras sólidas que alicerçavam a vida humana, até então e, faz surgir uma realidade líquida, permeada de incertezas que apresentam novos desafios à humanidade. Os principais fenômenos de mudança estão baseados nos conhecimentos tecnológicos disponíveis que viabilizam a ruptura de tempo e espaço. Bauman (2001) denominou esse fenômeno de modernidade líquida e registra a mudança lógica e prática de participação de massa receptiva para uma participação individual e ativa.

Bauman (2001) enfatiza que modernidade líquida possui alguns fenômenos característicos: os indivíduos são definidos a partir dos produtos e informações que consomem, percebe-se uma ininterrupta movimentação de ideias e pessoas, intensa competição econômica, busca pelo sucesso individual, fluidez, incerteza e imprevisibilidade assumem papel constante em suas vidas. Além disso, os avanços tecnológicos permitem que os espaços privados sejam colonizados pelo público através da mediação tecnológica; tendo interesse pela intimidade alheia e expondo diariamente sua privacidade, nas redes sociais.

Para Bauman (2018), a ansiedade e a depressão aumentaram notavelmente, mas a exigência epicurista da invisibilidade está quase desaparecida. No entanto, o tratamento para esses dois males típicos da modernidade líquida poderia ser justamente a invisibilidade, que hoje não passa da pior “doença” social.

Em análise ao contexto que geram essas transformações, Birman (2014) avalia que após a Revolução Francesa e a busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres ocorreu uma alteração significativa na tradição e hierarquia das famílias que fez alterar a sociedade como um todo. A partir do século XXI existe uma política que movimenta para uma revolução educacional em que todos buscam a qualificação dos filhos e instituições de educação, além da busca pela promoção da saúde e prevenção a doenças que qualificam e direcionam trabalhos voltados para a qualidade de vida das proles.

Na contemporaneidade, a mulher disputa com os homens os espaços públicos e ocorre a dissolução da eternidade do casamento, que antes era visto como um projeto

existencial. Surgem as famílias monoparentais e instituições maternas para garantir que as mulheres possam assumir campos no mercado de trabalho (BIRMAN, 2014). Para o autor (BIRMAN, 2014) a pós-modernidade registra três grandes movimentos que alteraram toda a sociedade: o movimento feminista, que rompe o modelo de família nuclear burguesa, o movimento homossexual e o movimento transexual que defende o imperativo que nós podemos transformar nossa identidade e abrir-nos para uma liberdade e transformar nossa construção corporal que vai além da mudança de sexo, alterando as formas de viver.

Sibilia (2015) também elabora um fluxo de análise do contexto histórico da humanidade e enfatiza que a popularização do uso doméstico do relógio atende a demanda da sociedade industrial e engendra no corpo humano uma nova dinâmica da cronometragem do tempo, impondo operações para adaptação de novos compassos, surgindo um formato diferenciado de ser, estar e movimentar-se nos espaços temporais. Para a autora, a adesão ao uso do relógio simboliza a transição humana para era industrial e a lógica disciplinar do mundo moderno e, a partir de então a função do relógio foi completamente internalizada nas tarefas humanas, com uma proliferação de modelos nos lares do mundo inteiro e atualmente em aparelhos digitais como computadores e celulares. O relógio expressa no corpo-máquina a intensificação e a sofisticação da lógica disciplinar na sociedade de controle.

Assim, a busca de ampliação da produtividade humana incorpora a definição de que moderno significa ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Cada conquista alcançada sinaliza a necessidade de novas conquistas e o movimento de busca incessante segue seu curso (BAUMAN, 2001). Na ânsia por novas conquistas, os indivíduos usam como espelho a observação do outro na esperança de encontrar algo de útil que possa ser usado na sua vida, um exemplo a imitar, uma palavra ou conselho sobre como lidar com seus problemas, que como o de outros só pode ser enfrentado individualmente. Cada um tem o poder de escolha e a responsabilidade sob as consequências delas (BAUMAN, 2001). A vida humana é cheia de riscos e desafios que devem ser enfrentados solitariamente.

A individualização é um fenômeno que chegou para ficar. O homem experimenta uma liberdade sem precedentes na história, mas traz acoplada a tarefa sem precedentes de enfrentar as consequências. Tal individualização afirma o entendimento de que não se pode culpar ninguém pela própria miséria, senão a indolência e preguiça e, nesse ciclo seguir adiante e tentar com mais determinação alcançar seus objetivos pessoais (BAUMAN, 2001).

Ao observar o aspecto de individualização, Bauman (2001) destaca que a vertente individualizante do homem corrói e desintegra o espírito de cidadania. O indivíduo é o pior inimigo do cidadão porque os cuidados e preocupações individuais preenchem os espaços

públicos e o público é colonizado pelo privado. A curiosidade da vida particular ganha espaço e é exposta publicamente. Nesse sentido perde-se sensibilidade de empatia aos problemas dos outros e o sentimento de cidadania também se dissipa. O autor acrescenta:

O resultado é a morte da política entendida como ação política do cidadão no interior do debate público. Hoje, os nascidos em tempos líquidos se movem somente no interior da própria individualidade buscam arduamente autenticá-la para invadir a esfera pública, na ilusão de que possa haver uma solução universal e compartilhada por todos do seu existir incompleto (BAUMAN, 2018, p.19).

Bauman (2005) e Hall (2006) entendem a questão da identidade numa perspectiva cultural e discursiva, analisando-a enquanto processo em construção, produzida em contexto sócio-histórico específico, portanto, fruto das relações sociais e culturais. Sendo uma construção discursiva, a identidade não está presa a uma única identificação, mas as possíveis identificações, que constroem os espaços e os sujeitos em discursos que apresentam relações de poder, gerando outras formas de ver e dizer os objetos enunciados.

Cuche (1999) acredita que a identidade é o fator principal de reconhecimento social do indivíduo, mas também pode ser motivo de estigma. A autora caracteriza a identidade pelo conjunto das vinculações individuais dentro de um sistema social diferenciado por diferentes fatores como sexo, idade, classe social, nacionalidade, entre outros. Para Cuche (1999, p. 177) “a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”.

A construção da identidade ocorre no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes, e por isso mesmo, orientam suas representações e escolhas. Além disso, a elaboração da identidade não pode ser um processo ilusório, ao tempo que é dotada de eficácia social que produz efeitos concretos. Assim, constrói-se em uma posição de oposição de um grupo em relação a outros grupos de contato. Ou seja, eu preciso do referencial do outro para creditar a identidade social que o indivíduo assume (CUCHE, 1999).

Neste sentido a autora afirma que a identidade é um modo de caracterização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas e, portanto, para obter a definição da identidade de um grupo, entretanto a questão principal é localizar os traços que são utilizados pelos integrantes para firmar e manter sua distinção cultural (CUCHE, 1999).

A relação e situação da identidade pertencentes aos membros de um grupo decorrem da significação da sua vinculação visto que, é no interior das trocas sociais que a identidade é construída e reconstruída constantemente.

Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação à outra. Quer dizer, existe uma relação dialética entre a identidade e alteridade. Na medida em que a identidade é sempre resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional e relativa, uma vez que poderá evoluir se a situação relacional for mudada (CUCHE, p.183, 1999)

Giddens (1997), coloca que as identidades que estabilizaram o mundo social por tanto tempo estão em declínio, devido ao impacto plural inserido a partir da modernidade. O sujeito assume identidades diferentes em diversos momentos. Essas similitudes não são unificadas por um coerente, pois dentro de nós existem identidades contraditórias que caminham em direções opostas (HALL, 2006).

Para Hall (2005) existem três tipos de sujeitos nas sociedades ocidentais: o sujeito do iluminismo, o sujeito da modernidade e o sujeito da pós-modernidade. O sujeito pós-moderno surge na metade do século XX e, passa a pensar de forma fragmentada, ou seja, composta por várias identidades, algumas, inclusive, contraditórias e mal resolvidas.

Assim, ao gerar novas identidades a todo o instante, a sociedade atual fragmenta o indivíduo, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade e etnia. Isto porque, de acordo com Hall (2006), na concepção sociológica, a identidade preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público, atrelando o sujeito a uma estrutura social e cultural. Estariam, portanto, em declínio as velhas identidades que estabilizaram o mundo social, tornando a identidade unificada fragmentada, e passando o sujeito a ser composto por várias identidades, algumas inclusive contraditórias.

Di Felice (2008, p. 21-22), afirma que a humanidade passou por três revoluções comunicativas: a primeira ocorre com o surgimento da escrita no século V a. C, no Oriente Médio e marca a passagem da cultura e da sociedade oral para a cultura e a sociedade escrita; a segunda revolução ocorre com a invenção da impressão, criada por Johannes Gutenberg, ocorrida na metade do século XV e causa difusão da cultura do livro e da leitura e a terceira é a Revolução Industrial, entre os séculos XIX e XX, marcada pelo início da cultura de massa e caracterizada pela difusão de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação eletrônicos. O autor Di Felice (2008) explica que essas revoluções viabilizaram atingir um público cada vez maior em período de tempo menor e custos mais baixos.

O contexto da comunicação digital propõe novas dinâmicas de interação entre o emissor e o receptor, pois com o surgimento das mídias sociais, os sujeitos possuem poder igualitário. Di Felice (2008) propõe a construção de um social em rede a fim de repensar as formas e as práticas das interações sociais fora da percepção funcional estruturalista.

Segundo Tücke (2010a), a sociedade do espetáculo do pós-guerra se transformou no que o autor denominou de sociedade da sensação, mergulhada num excitação constante. A partir da intensidade das mudanças provocadas pela revolução tecnológica, ocorrida no final do século XX, há um frenesi viciante de "choques" imagéticos e visuais, através de injeções sensoriais. O autor acredita que os meios de comunicação contemporâneos provocaram um aumento de dependência nos telespectadores, definindo o fenômeno como distração concentrada.

A sensação pode ser definida como a busca desenfreada por novos estímulos, sobretudo os choques imagéticos do mundo atual, não são nada mais do que um "retorno ao fundamento". Aumentar os choques, maximizar os estímulos por meio da produção desenfreada de mecanismos *high-tech* é uma espécie de procedimento duplo do processo inicial e arcaico de surgimento da cultura: "[...] a via de fuga que afasta a sociedade moderna em ritmo *high-tech* de suas origens arcaicas leva justamente de volta para elas [...]" (TÜRCKE, 2010a, p. 171). Contudo, em sua nova versão, a excitação desmedida é uma resposta paradoxal a processos histórico-sociais pautados na dominação. A "sociedade excitada" é também a sociedade distraída, que precisa inexoravelmente se desviar da sobriedade (TÜRCKE, 2010 a).

A "sociedade da sensação" é o tempo histórico que tem levado ao limite as novas formas de intensificação dos estímulos, por meio de mecanismos *high tech* que são verdadeiras drogas. Ou seja, os supercelulares, as formas cada vez mais modernas de enunciação imagética são exemplos dos ópios que desviam a consciência dos homens de sua situação concreta. Nesta conjuntura, a ideia marxista tradicional da revolução como resultado da contradição gerada pelo desenvolvimento das forças produtivas oferece lugar a uma perspectiva diferente, que Tücke vai buscar na concepção benjaminiana da revolução como "freio de emergência". Somente na medida em que o desenrolar desenfreado da sensação seja interrompido (e talvez isso não seja possível, de forma peremptória), será possível a libertação dos homens do estado anestésico ao qual estão condicionados pelo mundo *high-tech*.

Segundo Tücke (2010b) a dispersão concentrada é a lei subjacente a um sério problema que vem se tornando comum na contemporaneidade: o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O TDAH tem se propagado na mesma proporção que a tecnologia tem sido introduzida na vida corrente, ou seja, a extensão do TDAH tem se tornado global a ponto de vivermos, conforme Tücke (2010b; 2010a), em uma cultura do déficit de atenção. Termo este que demarca uma diferença fundamental: Tücke (2010b) não interpreta o TDAH apenas em termos patológicos. O TDAH "[...] não é simplesmente uma doença em

um entorno saudável. Pelo contrário: somente quando já se encontra a cultura do déficit de atenção, existe TDAH” (TÜRCKE, 2010b, p. 312)

O *déficit* de atenção não pode ser definido como um defeito físico, mas de uma consequência da enorme capacidade de adaptação do nosso cérebro em preparar-se constantemente para novos estímulos que para sua elaboração configura caminhos e padrões neuronais. Os padrões que se preservam são fixados e são indispensáveis para a estabilidade mental. Porém quando uma avalanche de estímulos cria a necessidade constantemente construir algo novo, a construção desanda em destrutividade e perde-se a capacidade de questionamentos e absorção, quanto mais intensos forem os bombardeios de imagens e informações (TÜRCKE, 2010b).

Para Türcke (2010b), os meios de reprodução de imagens são dotados por uma força de imaginação técnica. Enquanto os seres humanos, através de penosa repetição, conseguiram traduzir a percepção distinta em representações internas que só podem ser comunicadas ao exterior indiretamente por palavras e gestos, a força de imaginação técnica realiza tudo isso em um só desempenho e de maneira muito mais precisa. Então, à medida que há uma identificação com a maquinaria de imagem, à medida que o olho humano se conjuga com ela, toda a rede de fuga de estímulos que se sedimentou a fim de amortecer o susto da natureza e dar-lhe contornos palpáveis, se vê ameaçada pela alta tecnologia. Türcke (2010b, p. 313) afirma que “com a assunção da sempre igual coordenação motora humana por parte das máquinas e da sua retroação sobre os homens, iniciou-se um processo que se poderia nomear como a reorientação da repetição mecânica contra a sua progenitora, a repetição orgânica”.

Na obra de Lipovetsky (1994) pode-se identificar a caracterização de vários fenômenos particulares da atualidade como: consumismo, hedonismo e individualismo. Na análise do autor, os indivíduos desenvolvem essas características pelos estímulos da sociedade.

Lipovetsky (1994), constata a existência de duas tendências contraditórias que moldam a sociedade. Uma norteada pela satisfação dos prazeres imediatos, alicerçada pelo consumismo que exprime e intensifica o culto individualista do presente. Em contrapartida, a outra privilegia a gestão “racional” do tempo e do corpo, o “profissionalismo” em todas as coisas, a obsessão pela excelência e qualidade, pela saúde e pela higiene.

O indivíduo precisa ter o direito de deixar fluir o máximo a sua vida como fator inseparável de uma sociedade que erigiu seres livres como valor principal. A transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo permitiu o desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo. A frente da lógica individualista, o direito à liberdade, em

teoria ilimitada, e circunscrita à economia, à política, ao saber, conquista agora os costumes e o cotidiano. Viver livre e sem coação, escolher sem restrição o seu modo de existência é um fato social e cultural significativo quanto ao tempo e coincide na aspiração e desejo legítimos aos olhos contemporâneos (LIPOVETSKY, 1994), tal como coloca o próprio autor:

Pode-se caracterizar empiricamente a ‘sociedade de consumo’ por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista e materialista etc. Mas, estruturalmente, é a generalização do processo de moda que a define propriamente. A sociedade centrada na expansão das necessidades é, antes de tudo, aquela que reordena a produção e o consumo de massa sobre a lei da obsolescência, da sedução e da diversificação, aquela que faz passar o econômico para a órbita da forma moda (LIPOVETSKY, 2009, p.184).

A sociedade de consumo trabalha orientada pelo mercado de produção de mercadorias e serviços cada vez mais abundantes e variados. A disponibilização de créditos facilitados aliados às ferramentas de publicidade e *marketing* auxilia significativamente no fomento e estímulo ao consumo desenfreado da população. Pode-se dizer que a moda é reciclada a cada estação com pequenas alterações nos acessórios de roupas, que em suas variações são disponibilizadas aos consumidores que sentem esteticamente atraídos pelos “novos” objetos de consumo.

Para Lipovetsky (2009) a sociedade contemporânea construiu uma nova percepção sobre o papel da felicidade na vida dos indivíduos. O seu significado passou a estar relacionado com a busca permanente de realização pessoal, mas muito voltada aos aspectos materiais que podem ser “comprados”. As imagens de alegria e prazer reproduzidas pela publicidade e pelos meios de comunicação de massa alimentam a ilusão de que é possível ser feliz o tempo todo. E, essa busca permanente pela felicidade tornou o consumo um elemento central da sociedade, pois possibilita pequenos instantes de satisfação.

Nesta perspectiva de consumo Lipovetsky (2009, p. 185) ressalta que “a lógica econômica realmente varreu todo ideal de permanência, é a regra do efêmero que governa a produção e o consumo dos objetos”. Esse processo de mudança contínua de produtos estimula a obsolescência programada e retroalimenta o consumo. Os produtos lançados no mercado têm tempo de validade reduzida e são programados para não durar. Assim, o sistema de oferta e procura orienta-se para o novo como superior ao antigo.

Outra questão apontada por Lipovetsky (2009) pensa a febre consumidora pela ótica da necessidade de diferenciação de classes e competição estatutária. “Assim, jamais se

consome um objeto por ele mesmo ou por seu valor de uso, mas em razão de seu valor de troca de signo, isto é, em razão do prestígio, do *status*, da posição social que confere” (p.199).

A sociedade de consumo se nutre pelo sistema de valorização do poder de compra. Ocorre sucessivo estímulo à ostentação da abundância em uma sociedade em que a maior parte dos habitantes convive com a escassez, cerca de 20% da humanidade consome 80% dos recursos naturais que são utilizados. A indústria da moda é a segunda maior poluidora do meio ambiente, ficando atrás apenas das fábricas petrolíferas. É possível afirmar que 10% dos gases emitidos pelo efeito estufa são em decorrência da indústria da moda.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar ou recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008, p.20).

Assim, Bauman (2008) acredita que o centro da vida social contemporânea baseia-se no consumo, pois as relações sociais estabelecidas estão voltadas para transformar desejos e anseios pessoais em mercadorias. A formação da identidade e das relações estabelece-se através do consumo que assume a centralidade da sociedade atual. “O consumo é uma condição e um aspecto permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos, um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos” (BAUMAN, 2008, p.37).

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores “ [...] não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis” (BAUMAN, 2008, p.76).

Nessa perceptiva de estímulo ao consumo, surge na década de 1950 o fenômeno dos *shoppings centers* nos Estados Unidos, inspirados nas lojas de departamento. Estes locais visavam oferecer comodidade, entretenimento e ofertar as tendências em diversas áreas como moda e tecnologia, em um espaço físico agradável e seguro. No Brasil o primeiro foi inaugurado no ano de 1966, no estado de São Paulo, seguindo os modelos norte-americanos e se espalhou aos demais estados brasileiros na década de 1980 (PADILHA, 2006).

As crises ambientais, cada vez mais debatidas e questionadas, despertam para uma nova cultura de consumo consciente e defendem a ideia que antes de sermos consumidores somos cidadãos e, neste contexto é fundamental pensar no planeta que será deixado para as próximas gerações e os impactos das escolhas atuais para a natureza.

Os “seres hipermodernos” vivem fechados numa concha egocêntrica e tentam ou desejam neutralizar o mundo exterior através de seus fones de ouvido, com sons extremamente altos. “Vivem ligados à música desde o amanhecer até à noite, como se tivessem a necessidade de estar sempre em outro lugar [...]; tudo acontece como se eles precisassem de uma desrealização estimulante, eufórica ou embriagadora do mundo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 06).

O foco no indivíduo e nas preocupações pessoais da era hipermoderna também amplia-se em hedonismo, que se define pelo desejo de sentir ‘mais’, de planar, de vibrar ao vivo, de ter sensações imediatas, de ser colocado em movimento integral numa espécie de viagem sensorial e pulsante (LIPOVETSKY, 2005).

O hedonismo foi despojado de sua aura triunfal: passamos de um ambiente de euforia progressista para uma atmosfera de ansiedade. Antes, havia a sensação de que a existência se tornara um tanto menos pesada; hoje, ‘tudo se contrai’, endurecendo de novo. Este é o ‘paradoxo da felicidade’, bem-estar consolidado, coexiste com a intensificação dos obstáculos para se viver e o aprofundamento do mal-estar subjetivo (LIPOVETSKY, p.4, 2007)

Neste contexto os jovens também vivem submersos a estímulos de compra, para viver intensamente o presente e situações de individualização o ser. Observa-se que para suprir a incessante busca pela satisfação se tem como objetivo principal alimentar o crescimento da indústria de consumo. A partir do suporte e da criatividade da propaganda ocorre à efetivação de imagens estereotipadas de felicidade e realização, conforme expõe Lipovetsky (1994, p. 188/189):

Valorização plástica do produto, fotos caprichadas, interior de luxo, refinamento de cenário, beleza dos corpos e dos rostos; a publicidade poetiza o produto e a marca, idealiza o trivial da mercadoria. Qualquer que seja a importância tomada pelo humor, erotismo ou extravagância, a arma clássica da sedução, a beleza, não deixa de ser amplamente explorada. Os produtos cosméticos, as marcas de perfume em particular, recorrem sistematicamente a publicidades refinadas, sofisticadas, colocando em cena criaturas sublimes, perfis e maquiagens de sonho.

Nas sociedades contemporâneas, o indivíduo tem sua identidade descentrada diante da complexidade da vida social. A preocupação com a beleza do corpo ganha força no decorrer do século XX e na contemporaneidade presencia-se a tendência à supervalorização da aparência corporal, que leva as pessoas a uma busca frenética pela forma e volumes corporais estabelecidos como ideais.

Para Giddens (1997) o corpo é um objeto o qual todos nós temos o privilégio ou a condenação de habitar e é fonte de sensações de bem-estar e também local de doenças e pressões. Todavia, o corpo não é apenas uma entidade física que nós possuímos, ele é um sistema de ação, um modelo de *práxis*.

Os paradigmas característicos da sociedade contemporânea e globalizada atuam no direcionamento de estratégias e ferramentas de estímulo a constante insatisfação que pode e deve ser sanada através do consumo. A teia de individualização organizada pela insegurança de viver em comunidade e o acesso às ferramentas digitais de aproximação das pessoas também é um fenômeno cada vez mais presente e constante assim como a ideia de viver o presente de forma intensa. Ao refletir o foco dos paradigmas atuais com o público jovem é possível imaginar os efeitos desses fenômenos em um público que nasceu após a descoberta da internet e computadores e convive imerso a constantes estímulos de distração e interação em rede.

No próximo capítulo apresentaremos definições de corpo, juventude e as influências sociais a esse público.

## **5 CAPÍTULO V - CORPO, JUVENTUDE E INFLUÊNCIAS SOCIAIS**

O jovem configura um sujeito que transita da infância para a vida adulta e, neste contexto experimenta intensas mudanças no físico, emocional e psicossocial. A juventude configura um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades. Em tese, o corpo dos jovens apresenta-se pronto a procriação, a produção social e ao trabalho. Em contrapartida existe a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões e assim, o jovem adquire um status intermediário e provisório (ABRAMO, 1994).

A categoria juventude nasceu a partir da sociedade moderna, no momento em que a elite pôde retirar seus filhos do mercado de trabalho e oportunizar que desfrutassem tempo livre para dedicar-se aos estudos e aos demais passatempos que a vida moderna proporcionou, tais como a TV, o computador e atualmente o celular, redes sociais e internet. Até os dias atuais o termo atrela-se a questões de classes, ao ponto que nem todos os jovens têm as mesmas oportunidades e condições de frequentar escolas e universidades e nem acesso igual às tecnologias.

Para compreensão dos fenômenos relativos à adolescência na contemporaneidade deve-se levar em consideração as mudanças sociais e históricas promotoras de novos processos de subjetivação. Outeiral (2003), enfatiza que o processo da adolescência, ao abarcar as relações do adolescente com a família e sociedade em que está inserido, se realiza num momento histórico de intensas e rápidas transformações da sociedade, com rupturas de uma série de paradigmas (ideias, valores morais e estéticos, processos de pensamento, etc.) que não podemos deixar de considerar na vivência desta fase.

Birman (2006) ressalta que a adolescência contemporânea tem sido marcada decisivamente pela presença da solidão afetiva. Entregues uns à companhia de cuidadores pagos, ao lado de videogames e computadores de última geração, enquanto outros ficam junto à televisão, por longas horas, completamente sozinhos em seus lares, não são poucos os adolescentes privados de investimento afetivo e também da própria experiência de construção da alteridade. Nesse contexto, não são mais os pais ou outros cuidadores familiares aqueles a se tornarem os modelos identificatórios de seus filhos, ou melhor, os sujeitos que servirão de eixo valorativo para a construção de seus estilos de vida. Em contrapartida, são agora os

astros impessoais das telenovelas e dos filmes, ao lado dos ícones das modas musicais do momento e de esportistas famosos, aqueles a monopolizar as atenções do público adolescente.

Por outro lado, para Ferreira (2011) o período da juventude demonstra ser uma fase do curso da vida em que o corpo, o que acontece nele, o que com ele se faz e dele se pode e deseja fazer, toma um lugar central, investido de um valor de experimentação e exploração pessoal, bem como de expressão e reconhecimento social.

Na definição de Calligaris (2000) o adolescente é alguém que teve tempo de assimilar os valores mais banais e compartilhados na comunidade, cujo corpo chegou à maturação capaz de desenvolver tarefas, para quem a comunidade impõe uma moratória e os sentimentos e comportamentos reativos, de rebeldia a essa moratória, que tem obrigação de ser feliz por viver em uma época idealizada por todos e que desconhece quando e como vai poder sair da sua adolescência.

Na percepção de Bauman (2018) os jovens são a fotografia dos tempos que mudam, sentimentos de amor e ódio se misturam ao olhar para as figuras sociais dos jovens, pois eles representam em seu tempo toda liberdade de um tempo flutuante e líquido, desafiando para novas experiências os seres adultos que hoje são as consequências do que as circunstâncias anteriores agiram sobre eles. Quanto a isso Bauman (2018, p. 14) acrescenta que:

[...] quando hoje encaramos um jovem, talvez no final do ensino médio, já não vemos com aqueles esquemas mentais que usávamos em sua idade, mas com nossos esquemas totalmente liquefeitos, de pessoas diferentes, como se fôssemos outros em relação àquilo que éramos.

A partir dessa perspectiva, observa-se que a categoria juventude possui singularidades próprias, pois é uma experiência que acompanha o universo dos adultos a partir das referências que esses tiveram enquanto jovens. É possível afirmar que a juventude é um sentimento que não sai de nós. Assim, os sonhos e frustrações dos pais são depositados na vida dos seus filhos. Neste sentido, a fantasia que construiu a imagem da juventude atrelada à felicidade e liberdade pode configurar os fatores principais para a importância do prolongamento da juventude na sociedade atual, bem como o estímulo do mercado consumidor que agrega valor aos produtos e serviços que garantem a aparência juvenil.

Para o autor Calligaris (2000, p.9) “os jovens de hoje chegaram à adolescência numa época que alimenta uma espécie de culto desse tempo da vida”, ou seja, essa fase da vida projeta-se como um momento especialmente feliz e de realização, principalmente para os adultos que não tiveram a oportunidade de experimentar e viver todos os seus sonhos e ideais.

O autor acredita que “a adolescência teria surgido e se propagado pela necessidade de um ideal adulto” (CALLIGARIS, 2000, p.67).

Quanto mais a infância se afasta de um simples consolo estético, quanto mais é encarregada de preparar o futuro, ou seja, de se preparar para alcançar um (impossível) sucesso que faltou aos adultos, tanto mais ela se prolonga. Isso inevitavelmente força a invenção da adolescência, que é um derivado contemporâneo da infância moderna (CALLIGARIS, 2000, p.67).

Em contrapartida, quanto à subjetivação da adolescência na contemporaneidade, Calligaris (2000) elabora um questionamento sobre o tempo de maturação imposto ao adolescente, chamado de moratória, o que faz com que o adolescente se sinta isolado e sem funcionalidade na comunidade e, como consequência parte em busca de novos grupos de interesse comum. Para Calligaris (2000), o mito da adolescência criado a partir da modernidade, faz com que os indivíduos pertencentes à adolescência passem a receber atenção especial, além de privilégios da sociedade e das famílias e, como consequência da adoção desses padrões culturais, os jovens reagem e desenvolvem atitudes de rebeldia contra o sistema imposto. Nesta faixa etária, o corpo e o espírito estão preparados para a competição, mas ficam protegidos e em alguns casos, isentos de responsabilidades nas comunidades em que atuam.

O adolescente vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência que lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo, fazer barulhentemente de conta (CALLIGARIS, p. 18, 2000).

Assim, conforme afirma Abramo (1994), a adolescência e a juventude são fases transitórias. Ser menor, não adulto, define uma condição social e psicológica e torna as gerações interdependentes e hierarquizadas. Mesmo que haja uma pluralidade de infâncias, adolescências e juventudes em função das diferenças concretas das condições de vida existentes na sociedade, a criança e o jovem são tutelados pelo adulto, já que são desiguais a eles.

Entre a diferenciação dos termos adolescência e juventude, Vilella *et al.* (2006) e Kraiczuk (2005) sugerem que, a adolescência traria o sentido etário, enquanto a juventude traria um sentido geracional; a juventude tem um sentido coletivo que remete a um segmento populacional de uma sociedade, ao passo que a adolescência está mais relacionada ao plano

individual, demarcado cronologicamente. Para Orlandi *et al.* (2008, p. 318), adolescência e juventude “são significadas de maneiras diversas nas culturas que as designam, bem como em meio a cada grupo, sendo, em última instância, particularizadas em cada sujeito, em vista da singularidade do processo de constituição de cada um”.

No entendimento de Waiselfilsh (1998), juventude tem um sentido coletivo que remete a um segmento populacional de uma sociedade, ao passo que a adolescência está mais relacionada ao plano individual, demarcado cronologicamente.

Adolescência e juventude são condições sociais parametrizadas por uma faixa etária. Embora se confundam e sejam utilizadas como sinônimos são conceitos diferentes. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069/90, estabelece que adolescente é o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos. Já, o termo jovem costuma ser utilizado para designar a pessoa entre 15 e 29 anos, seguindo a tendência internacional. Podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (dos 25 aos 29 anos).

Segundo Le Breton (2017, p. 20) “adolescência vem do latim *adolescens*, participio de *adolescere*, que significa crescer”. Na visão de Le Breton (2017) o período da adolescência tem-se iniciado cada vez mais precoce e se estende em comportamentos qualificados de “adultescentes” em seres que ultrapassam a idade dos trinta anos.

Hoje a adolescência se tornou uma questão social, é difícil chegar a um acordo sobre uma definição precisa a respeito. O acesso à universidade ou ao primeiro trabalho e até mesmo o início do desemprego para outros caracterizaria a entrada na juventude, a saída do universo adolescente do ensino médio, mas aí também as fronteiras são imprecisas, pois a autonomia não rima sempre com uma vida estudantil que pode persistir precariamente. Tornar-se um homem ou uma mulher não é mais ritualizado, mas se dá por um percurso pessoal. A adolescência é antes de tudo um sentimento (LE BRETON, 2017, p.21).

A fluidez e descontinuidade, fatores característicos da atualidade, interferem diretamente na forma de organização da vida contemporânea e colaboram para a extinção de ritos de passagem claros da adolescência para a fase adulta. No momento ocorre a dissolução dos rituais que formatavam o ingresso na vida adulta como a saída da casa dos pais, o casamento e nascimento do primeiro filho, avança o nível de dificuldade para os jovens organizarem suas vidas, suas relações interpessoais e valores morais.

Para Ferreira (2011), a juventude é um período construído socialmente que se solidifica no físico. O corpo jovem é submetido a um período de moratória social, que goza de

uma suspensão de responsabilidades da vida adulta, com uma relativa autonomia e independência.

Na perspectiva de Outeiral (2003) a adolescência é composta de três fases, com início e fim imprecisos, em que sucedem “flutuações” progressivas e regressivas. O autor estabelece etapas e organiza a seguinte divisão: fase inicial (de 10 a 14 anos) é caracterizada, basicamente, pelas transformações corporais e alterações psíquicas derivadas destes acontecimentos; a fase média (de 14 a 17 anos) que tem como seu elemento central as questões relacionadas à sexualidade e a fase final (de 17 a 20 anos) com vários elementos importantes, entre os quais o estabelecimento de vínculos com os pais, a questão profissional, a aceitação do “novo” corpo e dos processos psíquicos do “mundo adulto” (OUTEIRAL, 2003, p. 5).

Sadok *et al.* (2007, p.52) acreditam que a divisão pela idade pode ser arbitrária, pois o crescimento ocorre continuamente, sendo variável de pessoa para pessoa. Nesse sentido, a puberdade é uma fase que integra a adolescência. E, os autores acrescentam que:

Os adolescentes são sensíveis às opiniões de seus amigos e se comparam com os outros constantemente. Qualquer desvio, real ou imaginário, pode levar a sentimentos de inferioridade, baixa autoestima e perda da confiança. As meninas são mais suscetíveis a manifestações precoces da puberdade. Por exemplo, as meninas altas se sentem mais envergonhadas por sua altura do que os meninos altos quando se comparam com os amigos (SADOK *et al.* 2007, p.53).

Na caracterização de Ferreira (2011, p.258-259), os principais atributos dos jovens são:

Entre os vários atributos que permitem identificar a juventude enquanto categoria social, um dos mais visíveis e privilegiados na interação cotidiana é, de fato, a sua condição corporal, consubstanciada numa multiplicidade de imagens e desempenhos físicos simbolicamente correlacionados e atribuídos a uma dada condição etária. Em última instância, a delimitação das fronteiras da juventude pela leitura social de atributos associados ao processo biológico de crescimento e envelhecimento, os quais vão sendo socialmente codificados por relação a determinadas fases do curso da vida.

A condição do corpo jovem e saudável são objetos de desejo primário para a sociedade contemporânea. Entre a dualidade do indivíduo que vivencia a transformação corporal característica da adolescência, com os conflitos e instabilidade emocional do período para os adultos que, na idade avançada ainda objetivam manter os corpos com jovialidade e vitalidade por um período mais prolongado.

Le Breton (2017, p.22) afirma:

A adolescência é para nossas sociedades um período mais ou menos longo entre a infância e a maturação social, um período de formação escolar ou profissional. O jovem não é mais uma criança, sem dispor ainda dos direitos ou da margem de ação de um adulto. Esse período é em primeiro lugar a resolução para o jovem da questão do sentido e do valor da existência. A adolescência a é de fato um tempo de suspensão no qual as significações da infância se distanciam enquanto as da idade do homem ou da mulher apenas se deixam pressentir. O jovem está em busca da diferenciação em relação aos seus pais, entra em um corpo sexuado, e tem acesso a uma autonomia crescente. Dilaceramento, passagem por vezes dolorosa em uma sociedade onde nenhum acontecimento ritualiza sua evolução. No contexto do individualismo democrático, cada adolescente se torna seu próprio condutor, e decide sozinho o sentido de sua existência.

Sadok *et al.* (2007) afirmam que a adolescência se caracteriza por profundas mudanças no âmbito biológico, psicológico e social. O desenvolvimento biológico é caracterizado pela aceleração do crescimento e pela iniciação do desenvolvimento sexual, as questões psicológicas englobam o desenvolvimento cognitivo e a consolidação da formação pessoal e social, a adolescência marca o período para preparação para vida adulta. E complementam:

O início da puberdade, desencadeado pela maturação do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal, é marcado pela secreção de esteroides sexuais. Entre as principais características do período da puberdade, inclui desenvolvimento genital em meninos, crescimento dos pelos púbicos em ambos os sexos e aumento acelerado dos seios nas meninas (SADOK *et al.*, 2007).

A maturação “segue uma sequência que será mais fixa e previsível quanto mais próximo estivermos do princípio da trajetória vital” (PALÁCIOS *et al.*, 2004, p. 15), isto é, quanto mais próximo aos anos iniciais da vida, as mudanças no desenvolvimento podem ser previstas com maior exatidão, até a puberdade, quando já ocorreu o fundamental da maturação biológica, transformando o corpo infantil em corpo adulto. “A partir desse momento (e pelo menos até que comecem a ocorrer juntas, certo número de mudanças relacionadas ao envelhecimento), a maturação impõe muito pouco ao desenvolvimento psicológico” (PALÁCIOS *et al.*, 2004, p.15). Por isso, até a puberdade, conseguimos relacionar as idades mais concretas e reduzidas às etapas do desenvolvimento, mas a partir daí a ligação com as margens de idade concreta se torna complicada já que inúmeros fatores pesarão, como a cultura, por exemplo.

Na maior parte dos conteúdos psicológicos a maturação se limita a abrir possibilidades que o entorno se encarregará de aproveitar em maior ou menor medida, em uma ou outra direção determinada em boa parte pelo ‘plano cultural’ estabelecido no contexto em que acontece o desenvolvimento. Essas considerações, obviamente, limitam o alcance do caráter normativo [...], pois o que é normativo em

uma cultura (a escolarização por exemplo), não tem por que ser em outra, exceção feita àqueles aspectos ligados às características da espécie que, como a maturação, tendem a padronizar todos seres humanos[...] (PALÁCIOS *et al.*, 2004, p. 16).

As proposições do ciclo vital abrem novas perspectivas, tornando a psicologia evolutiva mais diversa em relação às idades, aos conteúdos e à metodologia, pois segundo Palácios *et al* (2004, p. 31)

[...] até a década de 1960 as proposições mecanicista e organicista eram entendidas como incompatíveis entre si, a diversidade de idades, de conteúdos e de abordagens que esse enfoque significa, tornará possível que alguns processos de desenvolvimento sejam descritos e explicados recorrendo a contribuições procedentes de autores de orientações bem diversas, incluindo os de procedência mecanicista, um enfoque inicialmente muito pouco sensível à perspectiva evolutiva.

Como se pode perceber, a puberdade é um processo gradual de vários anos de duração, ao longo do qual o corpo adolescente experimentará uma série de mudanças. Há características da adolescência que são próprias do nosso tempo, gerando conflitos e situações específicas, que não se encontravam em gerações anteriores e que chegam em idades distintas para cada um.

Não é de estranhar que tais mudanças tenham impacto na forma de pensar, sentir e agir do adolescente. Isto se dá não somente pela influência direta dos hormônios que interferem em elementos como o desejo sexual, a autoestima, a socialização, a agressividade e a instabilidade emocional.

Todavia, esse impacto é gerado, sobretudo, como afirmam Palácios *et al.* (2004) pelos fatores sociais e psicológicos presentes nessa etapa da vida, tais como: a reação dos pais frente à primeira menstruação da filha; as relações com os companheiros quando o (a) menino (a) mostra as primeiras mudanças, as exigências sociais aos adolescentes; os padrões de beleza e de sucesso impostos pela cultura, etc.

O corpo em modificação trará repercussões na imagem mental que o adolescente tem de si e está intimamente ligada ao autoconceito e identidade. A identidade entendida aqui como imagens, representações, traços que o pubere tem de si, que o representam, e que sofre modificações com as vivências durante todo seu ciclo evolutivo. É um processo de construção e elaboração sobre si mesmo que se dá a partir do nascimento e na adolescência adquire características próprias desta fase.

Essas mudanças corporais antes enunciadas e o desenvolvimento de um pensamento abstrato vão ser essenciais na constituição da personalidade adolescente, especialmente no tocante ao autoconceito, autoestima e identidade. Segundo Palácios *et al.* (2004), para

responder a pergunta fundamental: quem sou eu? “O adolescente terá que delinear a imagem que tem de si mesmo; adotar alguns compromissos de caráter religioso, escolher uma profissão, definir sua orientação sexual, optar por um estilo de vida e de relações; assumir valores”.

Atualmente vivemos em uma sociedade pós-moderna com características consumistas, com valorização do ter em detrimento do ser e, em relação a isso Costa (2005), alerta ainda que, além de ver o mundo com as lentes do espetáculo, os jovens são incentivados a se tornarem seus participantes. O processo ocorre por meio da imitação do estilo de vida dos personagens da moda. Contudo, como não é cabível a todos ostentar riqueza e poder, tampouco fazer parte da rede de influências que os sustenta na mídia, resta aproximar-se do que se encontra mais acessível a qualquer um: a aparência corporal.

No sentido de observar as práticas de imitação corporal na adolescência que é um período de transição entre a infância e a maturidade, quando os papéis de criança são descartados e os de adultos ensaiados, e determinados na sociedade por fatores socioeconômicos, cultural e social é possível que esses fenômenos possam ser intensificados (NASCIMENTO, 2005).

Calligaris (2000), reconhece outro fator marcante para o reconhecimento da adolescência como um valor comercial relevante que interfere nos modelos de consumo, assim o mercado da moda explora esse nicho para cristalizar e padronizar tendências para o público jovem, embora os membros dessa faixa etária estejam sempre na busca para escapar dos padrões e estereótipos. Um exemplo clássico de moda aderido é o uso de tatuagens no corpo simbolizando a representação do eu na vida cotidiana. O recurso de tatuar o próprio corpo configura uma forma de sinalizar esperanças e expectativas na busca de pertencimento e autoafirmação.

Para Le Breton (2004), a prática da tatuagem constitui uma linguagem na qual cada sujeito codifica mensagens que lhe permitem significar pelo menos uma parte do que ele é. Le Breton (2004, p.174) coloca ainda que, em numerosas sociedades humanas as marcas corporais estiveram ou estão associadas a ritos de passagem ou a significados preciosos no seio da sociedade. O autor acrescenta: “a tatuagem tem assim um valor de identificação, mostra no cerne a pertença a um sistema social, revela as afinidades religiosas, estabelece a ligação com o cosmo”.

Assim, na perspectiva do poder disciplinar e de controle os jovens decidem sobre o modo de vestir, o uso de *piercing* ou tatuagens, bem como as condutas que em alguns casos

podem colocar sua saúde em risco, como consumo de álcool, cigarros e drogas assim como comportamento sexual de risco (sexo sem camisinha e gravidez na adolescência).

Ferreira (2011) diz que a exposição de estereótipos de corpos jovens é um recurso explorado incessantemente pela publicidade e a mídia produz efeitos na população jovem, principalmente na intensificação de estratégias de vigilância sobre o peso, com a aplicação de dietas radicais para modificação corporal acessível e estimulado em meios de comunicação. O autor cita como reflexos alguns distúrbios de natureza psicopatológica que cresce em meio à juventude como anorexia, bulimia, vigorexia.

A valorização do corpo jovem ativo ao longo das últimas décadas estimulou o desenvolvimento da medicina e outras ciências humanas para promover o retardamento do envelhecimento corporal, alcançando desdobramentos incríveis. Se hoje colocarmos a foto de uma mulher de 50-60 anos contemporânea que se utiliza de cuidados com o corpo e a pele ao lado de uma imagem de uma mulher do século XIX com a mesma idade é possível identificar os avanços estéticos para o prolongamento da juventude. A idade se manifesta no corpo, sendo que a despedida da juventude ocorre a partir dos primeiros sinais de cabelos brancos, rugas, vestimentas e desempenho físico. E, nessa busca, os produtos para colorir o cabelo, manter a pele jovem e hidratada, roupas como óculos e jeans disseminados a todas as faixas etárias e academias de atividades físicas ganham espaço e prioridades na vida do homem contemporâneo.

Os jovens representam a mudança de estilos e de interesses ligados aos tempos atuais e encenam em seus corpos a manifestação da identidade que representam. O sonho de fórmulas mágicas que garantam a imortalidade permeia o imaginário humano e os produtos garantem a libertação do corpo à idade (FERREIRA, 2011).

Neste sentido, a moda enquanto fenômeno em uma sociedade de consumidores é constantemente alimentada também pela dinâmica do pertencimento a uma comunidade, combinado pela busca de autoafirmação individual (BAUMAN, 2018). A vestimenta assinala a capacidade de identidade atual e a capacidade de encarnar uma série de identidades diferentes a partir da escolha das roupas.

Quanto a isso, Bauman (2018), destaca a relevância dos campos de futebol para as tendências de moda, principalmente cortes de cabelo e barba, assim como as tatuagens que usadas por jogadores famosos tornam-se tendências em nível internacional. Existem alguns jogadores que chegam a manter cabelereiros exclusivos para lhes atender durante campeonatos inteiros, como copa do mundo, por exemplo. Os investimentos mobilizados por

esses profissionais retornam em formato de patrocínios e valorização de imagem, alimentando a indústria do consumo.

Outro viés que os jovens seguem é o recurso como a cirurgia plástica, a qual indica a mesma égide dualista da busca do pertencimento e autoafirmação. Indicadores mostram que as intervenções cirúrgicas crescem e prosperam como o negócio do século. A cultura contemporânea da sociedade dos consumidores é governada pelo preceito: *se você pode fazer então você deve fazer*, na ideia de que todos devem investir em melhorar esteticamente o próprio corpo. (BAUMAN, 2018).

Segundo alguns dados divulgados pela Sociedade Americana de Cirurgias Plásticas no ano de 2015, entre os adolescentes americanos, com idades entre 13 e 19 anos, o percentual de meninos e meninas que recorrem à plástica aumenta pelo menos 1% a cada ano. Entre esse público a cirurgia que mais cresce é na região das orelhas. Quanto aos recursos plásticos em adultos os indicadores mostram que a partir do ano 2000, a Sociedade Americana de Cirurgias Plásticas apresenta um crescimento notável: a mastoplastia aumentou 89% (99.614 em 2015 contra 52.836 em 2000), o *lifting* nos glúteos subiu 252% (4.767 em 2015 contra 1.356 em 2000), o *lifting* nas partes íntimas aumentou 3.973% (8.431 em 2015 contra 207 em 2000) (BAUMAN, 2018).

Assim, a estética corporal pode ser metamorfoseada e cada vez mais aperfeiçoada, seguindo os padrões estabelecidos por cada cultura, sendo que esse fato redimensiona e realiza o antigo esforço de conjugar a anatomia com as técnicas disponíveis em cada período histórico, capazes de proporcionar melhorias e correções nos detalhes da aparência e na postura dos indivíduos. (COUTO, 2000). Para Sant'anna (2001, p. 108) os padrões estéticos ganham atenção especial e cita:

[...] a boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo e que, por isso mesmo, tem o direito e o dever de passar por todos os lugares e experimentar diferentes acontecimentos. Mas aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera 'apenas' o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la. Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar [...].

Os estereótipos da beleza, as regras capazes de garantir a saúde corporal e as diversas técnicas disponíveis para que cada um administre a mudança adequada de sua imagem são continuamente difundidos e servem como referência estética. As solicitações contemporâneas são para que as pessoas modifiquem sua aparência, na tentativa de se adaptar aos padrões midiáticos e estão relacionados ao culto ao corpo (COUTO, 2000).

Outro fato comum entre a comunidade jovem inclui agressões psicológicas e físicas categorizadas como casos de *Bullying*, especialmente quando os “padrões” apresentados fogem dos que se encontram no atual modelo imposto pela sociedade. Dados estatísticos mostram que um em cada cinco americanos são vítimas de *bullying*. O fator principal que afeta a identidade da vítima é que ela se sente inferiorizada e excluída da comunidade em que está inserida. (BAUMAN, 2018)

Outra característica da atualidade que abala a todos, mas especialmente os jovens é a tecnologia. Com o surgimento da rede mundial de computadores, Shirky (2011) denomina de excedente cognitivo o tempo destinado a pesquisar, a compartilhar e a publicar assuntos nas mídias sociais. O autor descreve que o crescimento do uso de computadores e celulares acoplado as redes desencadeia novas práticas aos usuários. A televisão permitia apenas uma ação passiva dos telespectadores enquanto as mídias sociais permitem a participação ativa dos usuários. Shirky (2011) cita o monitoramento de inúmeros eventos por celulares como um fato que permite que qualquer um filme e publique em tempo real fatos de interesse social. E, ainda que, as mídias sociais são parte da vida real e todos os cidadãos podem usar seus nomes online. Na análise de Di Felice em relação ao uso das redes sociais o autor argumenta:

Ao dialogarmos na rede, habitarmos a rede, estamos adquirindo uma nova forma de organização das informações, de nos relacionarmos perante os problemas e também uma nova forma de diálogo com diversos atores e, sobretudo, um novo tipo de inteligência e de conhecimento. (DI FELICE *et al.*, 2014, p. 12).

Flusser (2006), afirma que é possível que tenhamos a sensação de que nossos atos são movidos pelo querer próprio e que os fazemos porque assim queremos, mas essa sensação é acompanhada da certeza de que não sabemos por que tomamos determinada decisão ao escolher o que queremos.

Ao dialogarmos e habitarmos na rede, estamos adquirindo uma nova forma de organização das informações, de nos relacionarmos perante os problemas e também uma nova forma de diálogo com diversos atores e, sobretudo, um novo tipo de inteligência e de conhecimento. (DI FELICE *et al.*, 2014, p. 12).

Serres (2013) chama de Polegarzinha(o) os atores que se utilizam de computadores e celulares conectados à internet. O autor caracteriza essa nova geração como seres com hábitos que precisam ser observados e compreendidos. Habitam um novo tempo, intermediado pela aceleração virtual. Não têm convivência com os animais e desenvolvem uma nova relação

com o mundo, a expectativa de vida se aproxima dos 80 anos. A(o) Polegarzinha(o) não tem mais o mesmo corpo e nem o mesmo comportamento (SERRES, 2013).

Serres (2013) destaca que um novo ser humano nasceu a partir do desenvolvimento de formas alternativas de comunicação mediada pela internet. Segundo Serres (2013), a revolução mais significativa experimentada pela humanidade foi à criação da rede virtual.

A virtualidade é um fenômeno incorporado na vida contemporânea. Di Felice *et al.* (2003) ressalta que a comunicação digital foi a mais importante revolução de nossa época que viabiliza o diálogo fértil entre dispositivos de conexão, banco de dados e pessoas permitindo que diversos atores sociais possam produzir conteúdo. O advento da arquitetura da informática afeta todos os campos da sociedade.

A vida em rede amplia a capacidade de o indivíduo expor sua vida particular em mensagens de texto e fotos. Assim cresce a necessidade de valorização corporal e observa-se que mesmo fotos particulares podem sofrer transformações em programas específicos para melhorar desempenho nas imagens publicadas.

Em Baudrillard (2008, p.83) é possível observar a atenção que o corpo recebe:

[...] os costumes, o corpo e a linguagem libertam-se na aceleração da moda. Livre não é o homem na sua realidade ideal, na sua verdade interior ou na sua transparência; livre é o homem que muda de espaço, que circula, que muda de sexo, de vestuários e costumes segundo a moda, e não segundo a moral, que muda de opinião segundo os modelos de opinião e não segundo a sua consciência.

O corpo como objeto de culto, entra na ciranda valorativa de uma modalidade de prazer cuja satisfação passa a perseguir indefinidamente os modelos flutuantes. Nessa organização, cada idealização remete-se a outra e já não é mais possível determinar a origem dessa cadeia giratória. O investimento publicitário se concentra no processo de personalização e, em nome da busca do corpo perfeito, do modelo ideal, todas as artimanhas são admitidas, como fragmentar imagens, isolar determinadas partes físicas e remontá-las livremente (COUTO, 2000).

Santos *et al.* (2010), analisou estudos sobre a prevalência de transtornos mentais na população brasileira e verificou que as taxas variam de 20 a 56%. Os transtornos mais prevalentes indicados nos estudos são os de ansiedade, de humor, os somatoformes e o abuso de álcool.

Dentre os fenômenos contemporâneos, oriundos de tais transformações culturais, o culto à juventude e beleza tem sido marcante através de uma valorização exacerbada da imagem corporal que tem levado os indivíduos a conceber o corpo como local primeiro da

identidade, onde são cultivadas identidades sociais e sexuais, através da incorporação de estereótipos corporais veiculados principalmente pela mídia, “transformando a relação corpo/sujeito em idolatria do corpo /objeto” (MALYSSE, 2006, p.50), o que denominamos de sintoma contemporâneo, termo este que fizemos empréstimo da psicanálise.

Entende-se que na juventude, as relações interpessoais são extremamente necessárias, a exemplo do namoro que é um fenômeno universal e uma etapa necessária para se adquirir identidades, funções sociais e psicológicas e é inegável a influência dos determinantes socioculturais (NASCIMENTO, 2005).

No entanto nas últimas décadas, o namoro tem sofrido grandes mudanças de formas e objetivos. Se antes, objetivava o casamento. Hoje, ele consiste, muitas vezes, numa experiência agradável, sem compromisso de matrimônio. Dois fatores contribuíram para essa falência do namoro: as religiões perderam a importância na determinação dos valores (sexo) e as imposições no qual a sociedade está inserida no sistema mercantilista (homem como mercadoria) (NASCIMENTO, 2005).

Celso Vitelli (2008) realizou um trabalho de pesquisa com jovens moradores da cidade de Porto Alegre-RS, para entender as relações estética e de consumo entre esse público, principalmente nos ambientes dos *shoppings centers*. Na pesquisa o autor constatou que as identidades entre os jovens pesquisados aparecem principalmente com a formação dos grupos ou tribos e a classificação relaciona-se com a aparência e o consumo. Como resultado, 66,41% apontaram que costumam classificar as pessoas pelas aparências ou pelo grupo a que pertencem. Como resultado da pesquisa, o autor identifica a presença de certa estética atual que faz e se mostra no jovem pelo corpo e que servem de estandarte, de pertencimento e muitas vezes na maneira de viver da juventude. Os jovens entrevistados citam algumas classificações de grupos como *patricinhas*, *skatistas* e *boys* que são caracterizados principalmente pelo vestuário. Alguns entrevistados chegam a manifestar que para se sentir bem na sociedade utilizam os recursos de roupa e de aparência (VITELLI, 2008). Os estilos de roupas, gêneros musicais que consomem e grupos aos quais pertencem funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais se identificam e mandam sinais de reconhecimento para os demais.

Observa-se que os jovens não estão desfrutando dessa fase tão intensa da vida caracterizada como juventude por culpa da internet e dos *smartphones* que criam relações contínuas, mas inexistentes nas trocas incessantes de mensagens. Nos encontros de grupos de jovens, os celulares roubam a cena e, normalmente cada um, ao invés de conversar entre o

grupo, interage continuamente em seu telefone pessoal, seja para uso em redes sociais ou troca de mensagens em aplicativos.

A modernidade líquida modificou completamente nossos esquemas psicológicos e, portanto, nossos protótipos cinestéticos. Mas o que a web representa de fato para nós e para nossa identidade? São infinitos os casos em que a web, agindo como vitrine da identidade humana, fez vítimas na própria rede de conexão: de fato, foram muitos os suicídios em consequência de uma perseguição mesquinha e violenta contra indivíduos frágeis. E não é preciso “incomodar” a já péssima reputação do Ask.fm, site que permite escrever qualquer coisa sem revelar a própria identidade; pensemos, por exemplo, nos numerosíssimos casos de *cyberbullying* e de difamação para fazer dele uma ideia concreta. Tudo o que aparece na web tem decerto um traço distintivo universal: a redução da esfera pública em benefício da esfera privada (BAUMAN, 2018, p. 62-63).

Como descrito anteriormente, os fenômenos sociais que atingem os jovens alteraram após o advento da interação social mediada pela rede de computadores, novos formatos de casos de *bullying* são desencadeados sem que os culpados mostrem seus verdadeiros nomes, casos de trocas de mensagens e imagens íntimas trocadas com pessoas das relações de jovens que acabam expostos em esfera pública na rede. Esses são alguns problemas movimentados na contemporaneidade que mostram a importância de instruir e repassar conhecimento para o uso responsável das ferramentas disponíveis pela internet principalmente aos jovens. Inúmeros casos de suicídios acontecem posteriores as revelações de *bullying* e exposição pública de fotos íntimas.

Nesta direção, Bauman (2018) destaca ainda que a *web* chegou triunfante na promessa de auxiliar na construção de um mundo ideal, político e democrático e na verdade ajudou a chegar a hodierna crise da democracia e o agravamento das divisões e dos conflitos políticos e ideológicos. Esse mundo virtual que oferta a alternativa de criar uma nova vida se apresenta nada fantasioso e equitativo e sim como um lugar de *cyberbullying* e difamação. Ao invés de aproveitar o espaço para troca democrática de informações e opiniões, o espaço virtual tornou os usuários ainda mais intolerantes e individualistas ao ponto que se eu não concordo com a opinião apresentada, ou bloqueio o participante indesejado ou excludo sua colocação.

A internet oferece ainda outra opção fascinante aos olhos humanos, a oportunidade de fama, garantida a todos. Um exemplo, basta você preencher os dados do dia do seu aniversário para que todos os seus “amigos” virtuais recebam a notificação do evento.

Bauman (2012) também destaca que a cultura, descartando a peculiaridade de sua existência, atua como uma propriedade. E pode ser adquirida, dissipada, manipulada, transformada, moldada e adaptada. Essa ideia está interligada ao que Hall (2006) define

sujeito pós-moderno: o que não possui identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade passa a ser uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Maffesoli (2001), no livro *O tempo das tribos*, trata de questões sobre forma, aparência, e cita a artrologia, o estudo das articulações, dos laços, das relações (humanas), a partir de Barthes. O jogo das formas, segundo o autor, causa efeitos comuns de comoção, instiga a sociedade, estimula e provoca intensos processos comunicativos, relações diversas com e entre universos simbólicos, o que entendemos constituir a estruturação e a construção do contexto, das realidades presentes. Formas, aparências que fazem parte da estética e da ética de nossas ações.

Maffesoli (2001), ao falar sobre o tribalismo, propõe que tal fato apresenta-se como uma das manifestações da socialidade, visto que a diferença entre o que caracteriza o social e a socialidade delinea primeiramente que “o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável”, já na segunda “a pessoa (persona) representa papéis, tanto em sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa” (p. 138). Ou seja, o jovem, além de participar da tribo juventude, vive distintas juventudes, nas variadas tribos que pertence.

A tribo, para Maffesoli (2001), é a maneira que a sociedade contemporânea se arranja a partir de princípios da desindividualização, ou seja, de uma ação de deterioração do individualismo, que tem como princípio a identidade centrada no sujeito, e da emergência das tribos, nas quais os sujeitos são históricos e se organizam na alteridade. Esse arranjo tribal tem o intuito de fazer conexões de afetividade e interesses comuns.

O jovem tem instinto gregário por natureza e, aliando a vontade de construir sua identidade e ser reconhecido enquanto sujeito de direito, por afinidade junta-se a diferentes tribos ou grupos sociais. Tem intensa vontade de saber e construir algo novo e viver com forte adrenalina e nos grupos, conciliam facilidades da linguagem e objetivos comuns.

Ainda que possamos afirmar as características juvenis comuns, é fundamental pensar a juventude em suas diversas dinâmicas, principalmente em relação às desigualdades sociais tão evidentes em um país como o Brasil. Quanto maior o grau de contraste (renda, escolaridade e local de moradia) e diferenças (gênero, orientação sexual e raça), mais vulnerável vive submerso esse sujeito e diante dessa realidade constrói sua vida.

O jovem atual convive em uma dinâmica completamente nova em relação às gerações anteriores, alteraram-se as relações sociais e econômicas. Entre os principais medos da atual

juventude estão o medo de desconectar (a internet é a ferramenta que uni o mundo), medo de sobrar dentro da dinâmica da competitividade do mercado de trabalho e o medo de morrer, diante da violência que assola sua vida em nosso país.

No próximo capítulo serão apresentados os dados coletados a partir da pesquisa aplicada em forma de questionário com estudantes do ensino médio da rede pública do município de Tupanciretã – RS.

## **6 CAPÍTULO VI - AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOS JOVENS PESQUISADOS EM RELAÇÃO AO CORPO E OS TIPOS IDEAIS**

Este capítulo, baseia-se na análise dos dados coletados a partir da realização do questionário aplicado pela plataforma *online google forms*, com estudantes da rede pública do terceiro ano de ensino médio, de duas escolas no município de Tupanciretã-RS.

Entre algumas características do município, destaca-se economicamente pela atividade primária, principalmente no cultivo da soja, fato que garante o destaque de maior extensão territorial plantada com a oleaginosa no estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se na região central do estado, com superfície total de 2,251.863 Km<sup>2</sup>, limita-se a norte com São Miguel das Missões, Capão do Cipó e Joia, ao sul com Jari, Quevedos e Júlio de Castilhos, ao oeste com Santiago, ao leste com Cruz Alta e Boa Vista do Inca e nordeste com Boa Vista do Cadeado.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2020) o município possui uma população estimada de 24.068 embora o último censo (2010) tenha um registro de 22.286 habitantes, sendo, 10.867 homens e 11.419 mulheres. Entre os moradores, 18.025 habitam a zona urbana e 4.261 habitam a zona rural. Na pirâmide etária apresentada pelo IBGE em 2010, Tupanciretã possuía um total de 3.788 jovens com idades entre 10 e 19 anos, sendo respectivamente entre 10 e 14 anos, 1.955 pessoas, desses, 954 mulheres e 1.001 homens e na faixa de idade de 15 a 19 anos, o total de 1.833 pessoas, sendo 940 mulheres e 893 homens. Neste cenário, os habitantes jovens, entre 10 e 19 anos, representam 17% da população local.

No município, três escolas ofertam ensino médio, duas da rede pública e uma da rede privada. No ano de 2020, apenas a rede pública teve formação de turmas de terceiro ano de ensino médio em funcionamento. Assim, a pesquisa foi realizada apenas nas escolas estaduais de ensino, com os alunos de terceiro ano.

A presente dissertação norteia-se a partir do objetivo principal, o qual se quer analisar as práticas socioculturais em relação ao corpo na sociedade contemporânea, vivenciadas pelos jovens do ensino médio, residentes na cidade e, neste sentido, estão alicerçados os objetivos específicos, o conteúdo teórico e o empírico proporcionado pela pesquisa de campo.

O objetivo de refletir as perspectivas de como os jovens veem e tratam o corpo impactados pelas dinâmicas sociais da contemporaneidade, ampara-se a partir de todo o embasamento teórico apresentado ao longo do trabalho, com definições do contexto histórico e atual sobre corpo e corporeidade, juventude, fenômenos da atualidade e os reflexos ligados diretamente no corpo dos jovens contemporâneos.

Os objetivos específicos de investigar como as dinâmicas da sociedade atual influenciam as práticas socioculturais em relação ao corpo, identificar os padrões éticos e estéticos dos jovens entrevistados em relação ao corpo, como isso se constitui quando pensado a partir dos tipos ideais e averiguar a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais dos jovens pesquisados foram estruturados a partir da leitura e interpretação do posicionamento dos alunos por meio do questionário aplicado. Assim categorizamos em tópicos e agrupamos as questões relacionadas a cada propósito.

### 6.1 Características da amostra

O questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas contou com a participação de vinte e quatro alunos matriculados em escola pública no terceiro ano do ensino médio no município de Tupanciretã. Na identificação dos participantes da amostra, treze alunos são da instituição A, são 54% dos participantes e onze alunos pertencentes à instituição B, são 46% dos participantes conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Número de participantes por escola

Escola	<i>f</i>	%
Instituição A	13	54%
Instituição B	11	46%
TOTAL	24 alunos	100%

As idades dos alunos que responderam à pesquisa estão representadas na tabela 2.

Tabela 2 - Idade dos alunos pesquisados

Idade	<i>f</i>	%
16 anos	4	17%
17 anos	11	46%
18 anos	8	33%
20 anos	1	4%
TOTAL	24 alunos	100%

Destaca-se uma média de idade de 17,29 anos entre os entrevistados, sendo 17% com 16 anos e 4% com 20 anos. Os demais 79% estão entre 17 e 18 anos e o maior número de jovens têm 17 anos (46%), conforme a tabela 2.

Segundo o anuário brasileiro de educação básica 2019, o percentual de jovens com idades entre 15 a 17 anos que cursavam o ensino médio no ano de 2018 chegou a 68,7%. A diferença entre a porcentagem de jovens de 15 a 17 anos que estão na escola (91,5%) e aqueles que efetivamente cursam o ensino médio (68,7%) evidencia a distorção existente no país entre idade-série. Em 2018, apenas 63,6% dos jovens de 19 anos concluíram o ensino médio.

O cenário do sistema educacional brasileiro evidencia as diversas desigualdades sociais existentes no país em relação à raça, cor, renda e localidade e, além disso, um número expressivo de jovens precisa ingressar precocemente no mercado de trabalho a fim de ajudar a família com as despesas básicas. No Anuário Brasileiro de Educação Básica (2019), 91,5% dos jovens de 15 a 17 anos frequentavam a escola e, 68,7% cursavam efetivamente o ensino médio no ano de 2018. Os indicadores apresentados revelaram um percentual de distorção idade-série de 22,8%. Entre os jovens de 19 anos apenas 63,6% concluíram o ensino médio no ano de 2018.

O documento (2019) relata que a escolaridade média no ano de 2017 da população com idades entre 18 e 29 anos era de 11,3 anos de estudo, sendo que a população urbana registra 11,6 anos de estudo e a população rural 9,6 anos de estudo.

Nesta pesquisa, entre os participantes, categorizados por sexo tivemos um percentual de 71% do sexo feminino, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3 – Sexo dos participantes

Sexo	<i>f</i>	%
Feminino	17	71%
Masculino	7	29 %
TOTAL	24 alunos	100%

Entre as principais características observa-se que os estudantes participantes possuem idades entre 16 e 20 anos, sendo que todos estão na faixa adequada para realização do ensino médio e teve-se uma participação mais expressiva de mulheres (71%), em relação aos homens (29%).

Segundo o Censo Demográfico de 2000 (IBGE) entre os jovens de 15 a 29 anos, 49,8% são do sexo masculino e 50,2% do sexo feminino. Até a idade de 18 anos, proporcionalmente, é superior o número de jovens do sexo masculino em relação ao sexo feminino. A partir dos 19 anos, o quadro se inverte e, até os 29 anos (com exceção dos 22 anos) há mais jovens do sexo feminino que do sexo masculino. Os dados podem justificar-se pelo índice de violência e acidentes de trânsito que incidem mais entre os jovens do sexo masculino.

Segundo o Atlas da Violência no Brasil publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens com idades entre 15 e 29 anos. Foram 30.873 vítimas de homicídios no ano de 2018, o que significa uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens, e 53,3% do total de homicídios do país (IPEA, 2020).

Entre jovens do sexo masculino, os homicídios são responsáveis pela parcela de 55,6% das mortes em pessoas com idades entre 15 e 19 anos; de 52,3% daqueles entre 20 e 24 anos; e de 43,7% dos que estão entre 25 e 29 anos. Entre as mulheres na mesma faixa etária, a proporção de óbitos ocorridos por homicídios é consideravelmente menor: de 16,2% entre aquelas que estão entre 15 e 19 anos; de 14% daquelas entre 20 e 24 anos; e de 11,7% entre as jovens de 25 e 29 anos (IPEA, 2020).

### 6.2.1 Dinâmicas Socioculturais e suas influências nas Práticas Corporais dos Jovens

Na categoria dinâmicas sociais e as práticas corporais desenvolvidas pelo público jovem observaram-se os aspectos relacionados ao sentimento e percepção em relação ao seu corpo, imagem, peso corporal, aparência física e o grau de relevância que os aspectos relacionados ao corpo impactam na sua vida e os sintomas e doenças psíquicas que incidem sobre o corpo dos alunos participantes.

Na pergunta *como você se sente em relação ao seu corpo*, 59% estão satisfeitos, enquanto 33% se consideram insatisfeitos e 8% acreditam que necessitam de alguma transformação, conforme a tabela 4.

Tabela 4 - Sentimentos em relação ao seu corpo

Categoria	<i>f</i>	%
Satisfeito	14	59%
Insatisfeito	8	33%

Em transformação	2	8%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Entre alguns fatores e sentimentos manifestados pelos que declaram estar satisfeitos em relação ao seu corpo foi possível elaborar algumas categorias de análise a partir das declarações dos alunos:

Tabela 5 – Satisfação em relação ao corpo

Categoria	<i>f</i>	%
Sente-se bem	9	43%
Prática de atividade física	3	14%
Saudável e forte	2	9%
Cuidar-se	1	5%
Feliz	2	9%
Leve e resistente	2	10%
Magra	1	5%
Amor-próprio	1	5%
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>

Observa-se na organização das justificativas dos alunos que por estarem satisfeitos com seu corpo as categorias relacionadas com a parte da sua subjetividade representaram **57,14% das respostas (Sentir-se bem, Felicidade e Amor próprio)**. As demais categorizações têm a ver com a parte física (prática de atividade física, saudável e forte, cuidar-se, leve e resistente e magra) e representaram 42,85% das respostas. Ou seja, ao classificar as respostas, percebe-se que para estes jovens a satisfação interna é maior (sentir-se bem, ter amor próprio e ser feliz) do que externa (aparência do corpo: saudável, forte e resistente, leve e magro e o cuidado em si e com a prática de atividades físicas). Todavia, observa-se que no todo de suas falas, sempre há uma insegurança em relação ao que os outros vão pensar sobre a sua aparência, conforme esta a seguir:

*“Na maioria das vezes, eu fico satisfeita com o meu corpo, mas, já me senti muita magra, e depois de um tempo, me senti muito acima do peso, por causa da opinião das pessoas, mas, no momento, estou satisfeita, e com amor-próprio”* (aluno 24).

Entre alguns alunos que declararam estar bem na sua relação com o seu corpo:

*“Me sinto bem por que eu sou eu mesma não preciso fingir quem eu sou”* (aluno 12),

“*Me sinto bem, estou praticando exercícios onde me sinto mais leve e mais resistente*” (aluno 20)

“*Bem, sou magra e adoro meu corpo assim*” (aluno 21)

“*Me sinto bem, faço exercícios quase todos os dias*” (aluno 23).

Os que estão felizes declararam:

“*Me sinto feliz, pois acho meu corpo e saudável e forte*” (aluno 11).

“*Feliz*” (aluno 18).

Nas declarações dos alunos satisfeitos com seu próprio corpo também predominaram sentimentos de bem-estar e felicidade com seu corpo, mas relacionado à dedicação para a prática de exercícios físicos e priorizaram ter um corpo forte, saudável, leve, resistente e magro, conforme o “modelo estereotipado pela sociedade contemporânea.” Assim, observa-se que o fato de dedicarem-se ao corpo motiva a relação de satisfação e bem-estar.

Entre os que estão insatisfeitos em relação ao seu corpo, a partir das declarações dos alunos levantaram-se algumas categorias apresentadas na tabela 6.

Tabela 6 - Insatisfação em relação ao corpo

Categoria	F	%
Estar acima do peso	3	23,08
Precisa definir mais a musculatura	2	15,39
Me sinto mal com meu corpo	2	15,39
Sente-se feio	1	7,69
Não gosta do seu corpo	1	7,69
Baixa autoestima	1	7,69
Pandemia gera desconforto	1	7,69
Não consegue mudar seus hábitos	1	7,69
Desmotivação	1	7,69
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Os alunos que se sentem insatisfeitos com seu corpo declararam:

“*Não gosto do meu corpo*” (aluno 8).

“*Sinto que estou meio **gordinha** e me **sinto mal** com **baixa estima***” (aluno 9).

“*O que eu quero que volte tudo normal encontrar os amigos dar risada se divertir quero fazer faculdade técnico de computação ou tecnologia para aprender Sempre Mais só o menino calmo tranquilo sou amigo de todo mundo não sou de tá me estressando sou um menino muito educado e dê muita paciência gosto de ter bastante amigo é isso obrigado*” (aluno 10).

*“Me sinto feia na maioria das vezes, sei que estou **acima do peso** e já tentei muitas vezes **mudar meus hábitos**, infelizmente não consigo. Me sinto **desmotivada e sem vontade**, por isso não é sempre que me vejo na frente do espelho, não é sempre que gosto de me ver”(aluno 13).*

*“Acredito que preciso de uma **melhora física**, por ter uma **vontade de ter pernas, glúteos... maiores**”(aluno 14).*

*“Me sinto mau, pelo peso, por tudo ” (aluno 16).*

*“Insatisfeita, preciso definir mais ” (aluno 17)*

Nas declarações dos jovens insatisfeitos, constata-se pelas afirmações que eles se sentem fora dos padrões corporais e de beleza e isso desperta situações, baixa-estima, aumento de peso, dificuldade de seguir novos hábitos alimentares, assim como a busca pela definição da musculatura do corpo que gera situação de insatisfação. O modelo estereotipado da beleza é ser magro e se fogem desse padrão sentem-se mal. As situações geradas a partir da pandemia de COVID -19, pela qual o país e o mundo estão passando ano de 2020 e início de 2021, foram citadas também como fator de instabilidade no corpo dos jovens.

Os alunos categorizados como em transformação apontaram os seguintes aspectos apresentados na tabela 7:

Tabela 7 - Corpo em transformação

Categoria	<i>f</i>	%
Mudança e melhoria física	2	40
Mudança de pensamentos	1	20
Alimentação	1	20
Prática de exercícios	1	20
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>

Observa-se também na tabela 7, que a relação maior dos jovens é com a transformação física (80% das respostas) do que em relação às transformações cognitivas/mentais (20% mudança de pensamentos).

As manifestações dos alunos que se sentem em transformação estão reproduzidas em suas falas:

*“Sinto meu corpo em grande mudança, seja na alimentação, quanto na prática de exercícios físicos. Esse ano me fez mudar meus próprios pensamentos e um deles foi na minha saúde e bem estar, pois pratico exercícios físicos mais 3x na semana, e na alimentação mudei muito, mas de forma mais saudável ” (aluno 6).*

“Agora estou melhorando, um pouco mais confortável com ele” (aluno 15).

Os participantes que declararam estar em transformação sentem as alterações físicas da adolescência e por isso, buscaram por meio da saúde e bem-estar, mudar a alimentação e praticar exercícios físicos. Esses fatores coincidem com as alterações corporais recorrente na juventude. O jovem experimenta na pele as principais transformações que o ser humano terá ao longo da vida. A puberdade traz situações inusitadas ao corpo infantil e naturalmente gera um conflito no corpo físico.

O corpo contemporâneo recebe investidas para estimular o consumo desenfreado e todas as estratégias de comunicação e *marketing* apresentam incessantemente padrões idealizados de corpos que despertam o desejo de serem alcançados. Neste sentido, a busca de estereótipos atrela-se diretamente a felicidade e ao sucesso e, os que estão excluídos do idealismo estão submersos a situações de infelicidade e fracasso. O discurso preponderante entre os jovens satisfeitos, insatisfeitos e os que acreditam que precisam transformar-se reafirma a influência dos estereótipos corporais que tem significância na atualidade como ser “magro”, “forte”, “saudável” e isto, conseqüentemente trará a felicidade.

Os canais de comunicação tornaram o corpo mais visível, com mais consistência e autonomia e, por outro lado, servos da cultura tecnológica que valoriza o corpo na lógica de mercadoria que dissolve o indivíduo no signo que consome o corpo belo, sensual, musculoso como promessa de felicidade. A disciplina orienta para a formatação de corpos dóceis estimula como forma de controle mostrar o corpo bonito e esbelto em que a beleza assume papel fundamental (PERUZZOLO, 1998).

Avaliando a questão de como se sentem em relação ao seu corpo por sexo, obtivemos os resultados apresentados na tabela 8.

Tabela 8 – Sentimento em relação ao seu corpo - Masculino X Feminino

Categoria	Masculino		Feminino	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Satisfeito	6	86%	7	41%
Insatisfeito	1	14%	8	47%
Precisa melhorar	0	0%	2	12%
TOTAL	7	100%	17	100%

Ao cruzar os níveis a partir do sexo dos participantes (embora a amostra não seja paritária) observa-se que no sexo masculino 86% estão satisfeitos, enquanto a satisfação das representantes do sexo feminino é de 41%. Os indicadores de satisfação manifestados no sexo masculino estão atrelados à prática de exercícios, aceitação, corpo saudável e forte; já no sexo

feminino, para sentirem-se satisfeitas, apontam a prática de exercícios, peso (magreza) e cuidados dedicados ao corpo. Também cabe ressaltar que nenhum dos meninos declarou que precisa melhorar, enquanto as meninas sim.

No período da adolescência, os principais desafios consistem em conhecer-se e aceitar-se para ser capaz de responder pelos seus atos, fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades. O corpo do jovem passa por diversas alterações morfológicas reguladas pelo processo maturacional, entre elas: aumento de massa magra em meninos, acentuação de gordura corporal em meninas e estirão de crescimento em estatura em ambos os sexos. Essas alterações físicas podem influenciar diretamente na imagem mental do sujeito, o que pode repercutir positiva ou negativamente na insatisfação corporal (FORTES *et al.* 2012).

O aumento de adiposidade corporal identificado no sexo feminino durante o período da adolescência é contraditório à idealização sociocultural de corpo, que, por sua vez, preconiza a magreza. Em contrapartida, para os meninos parece que as mudanças na aparência física reguladas pelo processo maturacional, como o aumento da massa magra e a redução da adiposidade corporal, estão também em desacordo com o tipo corporal idealizado como forte. Todavia, estima-se que, independentemente da estética corporal apresentada, os adolescentes parecem estar vulneráveis à internalização de ideal corporal preconizado na cultura vigente (FORTES *et al.* 2012).

Vilela (2001) aponta que as adolescentes, mesmo quando estão no peso adequado ou abaixo do peso ideal, costumam se sentir gordas ou desproporcionais, o que se denomina de distorção da imagem corporal. No sexo feminino, com o aumento da idade, há a tendência em querer perder peso. Já no sexo masculino, essa vontade diminui, prevalecendo o desejo de ganhar peso num porte atlético.

O número de casos desses transtornos em relação à aparência e imagem corporal na adolescência tem aumentado nos últimos anos, ocorrendo em idades cada vez mais precoces, tornando-se um sério problema de saúde pública. A relação entre insatisfação com Índice Massa Corporal- IMC e sintomas de transtornos de ansiedade tem sido constatada em adolescentes de diversos países, inclusive no Brasil. Outro fator que pode estar associado à insatisfação com o IMC em adolescentes é a ocorrência da menarca, uma vez que ela provoca aumento nos depósitos de gordura corporal (VILELA, 2001).

Na questão específica sobre peso corporal, os adolescentes acrescentam declarações categorizadas na tabela 9.

Tabela 9 – Sentimento em relação ao seu peso corporal

Categoria	<i>f</i>	%
Satisfeito	12	50%
Insatisfeito	11	46%
Indiferente	01	4%
TOTAL	24	100%

No que se refere a como os jovens se sentem em relação ao seu peso corporal, 50% sentem-se satisfeitos, o que foi surpreendente. O indicador de 46% sentirem-se insatisfeitos nesta questão, remete aos altos padrões de exigências corporais que incidem sobre os indivíduos na atualidade. Neste sentido, os jovens, por pertencerem uma fase de transição entre infância e a fase adulta sofrem duplamente ao tempo que seus corpos passam por intensas mudanças físicas que marcam a puberdade e ainda se deparam com o nível de estereótipos de modelos comparativos.

A cultura das academias de ginásticas e de mensuração do peso corporal nasce no final do século XVII, com a questão de valorização da qualidade de vida da população, em paralelo ao crescimento das instituições médicas e escolares, ganha reconhecimento no século XIX e atualmente institucionaliza-se em todos os setores sociais. Para Corbin *et al.* (2011) a busca por manter-se saudável amplia-se aos cuidados com o peso e regularização do treinamento corporal para exploração de melhores desempenhos em atletas, e estendem-se aos demais setores da sociedade, inclusive, com prescrição de rotinas diárias de exercícios físicos e dietas alimentares para cada dia da semana. Neste aspecto, os autores destacam a profusão de medidas “este corpo técnico, deve-se neste ponto, é um corpo medido. Seus processos, como seus treinamentos, são maquinados. Proclamam-se as eficácias, calculam-se as potencialidades” (CORBIN *et al.*, p. 2011).

Corbin *et al.* (2011) enfatiza que o fenômeno de transformação das silhuetas intensifica o movimento pela busca da forma física e descobertas sobre o desencadeamento e aceleração de doenças categorizam que o corpo magro, mais do que nunca, assume significado de boa saúde.

Em contrapartida ao fenômeno de valoração da magreza e da cultura da beleza, propagam-se um acelerado crescimento tecnológico que lançam máquinas, equipamentos e carros para garantir conforto, comodidade e esforço mínimo que estimulam uma vida sedentária. Observa-se também que amplia-se a disponibilidade de alimentos e guloseimas apetitosas de baixo valor nutritivo e alto valor calórico em oferta nas redes de *fast food* e

supermercados a cada esquina. Em decorrência desses aspectos, aumenta significativamente os casos de obesidade, uma doença de ordem social e psicológica, que atualmente pela relevância e incidência torna-se um problema de saúde pública no Brasil.

O desencaixe no peso perfeito leva constantemente as pessoas a buscarem recursos para emagrecer em dietas e estabelecer rigor contra a comida, somando milimetricamente cada caloria ingerida para alcançar a perda de peso. Se a sua tentativa é frustrada, gera um processo de insatisfação com juízo negativo de falta de disciplina. Esse comportamento, portanto interfere diretamente para perpetuar um sentimento de tristeza e, conseqüentemente baixa autoestima. Nessa fragilidade, o indivíduo torna-se mais vulnerável ao olhar do outro sobre o seu corpo e estabelece-se um círculo vicioso negativo de desejos impossíveis de corpo perfeito e frustração permanente.

Na tabela 10 temos a categorização dos alunos que se sentem satisfeitos em relação ao seu peso corporal.

Tabela 10 - Satisfação em relação ao peso corporal

Categoria	<i>f</i>	%
Bem/normal	8	66,7
Sente-se com peso ideal	2	16,6
Magro	1	8,35
Satisfeita	1	8,35
TOTAL	12	100%

O significado da categoria **Bem/Normal tem** a ver com o estereótipo de que para ser considerado normal e se sentir bem tem de ser magro, com baixo peso corporal, uma vez que apresentar um peso além daquele “idealizado” representa não ter saúde. Isso se observa também nas demais categorias que efetivamente representam “o peso ideal” e a “magreza.”

Entre os adolescentes que se sentem satisfeitos em relação ao seu peso corporal:

“*Sinto que estou no peso ideal pra minha idade*” (aluno 1).

“*Meu peso é estável, se levar em consideração minha altura, então me sinto bem*” (aluno 2).

“*Bem*” (alunos 5, 12 e 14).

“*Me sinto normal, em um peso adequado*” (aluno 6).

“*Normal*” (aluno 7).

“*Eu me sinto no peso normal, sou magro baixinho e agradeço a Deus por ter Deus ter me feito assim*” (aluno 10).

“*Está bom*” (aluno 11).

“*Satisfeita*” (aluno 18).

*“Bem até, pois não estou tão acima do peso”* (aluno 19).

*“Me sinto bem, estou satisfeita com o peso corporal que tenho”* (aluno 24).

Observa-se que os jovens que se sentem satisfeitos, em suas afirmações revelam que possuem uma elevada autoestima no momento em que se declaram estar “bem”, “satisfeito”, com “peso ideal”. Isso ocorre por desenvolverem um estilo de vida ativo, com mudança de hábitos alimentares e tornam-se capazes de enfrentar seus medos, adversidades e alcançar o domínio sobre si mesmo, além de construir uma história de vida pessoal blindada da opinião externa.

A tabela 11 aponta as categorias dos alunos que declaram estar insatisfeitos em relação ao seu peso corporal.

Tabela 11 - Insatisfação em relação ao peso corporal

Categoria	<i>f</i>	%
Emagrecer / diminuir peso/Gordo	7	63,64
Magro/ Quer aumentar peso	3	27,27
Insatisfeito	1	9,09
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>

Nesta categoria de insatisfação fica muito evidente que está relacionada ao peso corporal, pois poderia se concluir que a maioria se sente gordo, mas também estão insatisfeitos os que se sentem magros. Ou seja, ambos precisam chegar ao “modelo estereotipado ideal.” Ao analisar as tabelas 10 e 11 identifica-se que na categoria “magro” são destacadas pelos que se sentem satisfeitos e pelos insatisfeitos, reafirmando que o padrão ideal rejeita os acima do peso e abaixo na mesma proporção. A cultura do *bullying* na escola recorre ao peso e os considerados “magros” assim como os “gordos” são alvos deste tipo de violência.

Os alunos que manifestaram algum tipo de insatisfação em relação ao corpo declararam:

*“Até que bem, mas quero emagrecer mais”* (aluno 3).

*“Um pouco insatisfeita”* (aluno 4).

*“Acho que preciso diminuir o meu peso”* (aluno 8).

*“Gorda”* (aluno 9).

*“Não muito bem, gostaria de ter 18kg a menos”* (aluno 13).

*“Um pouco acima, mas diminuindo”* (aluno 15).

*“Péssima, me sinto muito gorda”* (aluno 16).

“*Insatisfeita, magra demais*” (aluno 17).

“*Mediano, ainda quero atingir minha meta*” (aluno 20).

“*É abaixo do peso ideal para minha idade*” (aluno 21).

“*Acho que seria ideal eu aumentar um pouco mais*” (aluno 23).

Na questão de como você se sente em relação ao seu peso corporal observada separadamente por sexo, obtivemos o seguinte resultado apresentado na tabela 12.

Tabela 12 – Sentimentos em relação ao seu peso corporal

Categoria	Masculino		Feminino	
	<i>F</i>	%	<i>F</i>	%
Satisfação	5	72%	7	59%
Insatisfação	1	14%	10	41%
Indiferença	1	14%	0	0%
TOTAL	7	100%	17	100%

Na tabela 12 é possível identificar que os meninos se sentem satisfeitos (72%) em relação ao seu peso corporal e somente 14% insatisfeitos. Para as meninas 59% estão satisfeitas e 41% insatisfeitas, confirmando que a questão de coerção social através de estereótipos incide mais intensamente às mulheres, ressaltando que embora nesta pesquisa há uma predominância de pesquisados do sexo feminino.

Em relação à aparência física, os jovens declaram os dados categorizados na tabela 13:

Tabela 13 – Sentimentos em relação a sua aparência física

Categoria	<i>f</i>	%
Satisfação	15	63%
Insatisfação	7	29%
Acredita que precisa melhorar	2	8%
TOTAL	24	100%

Nos aspectos que se referem ao sentimento em relação à aparência física, 63% estão satisfeitos e se sentem bem, 29 % não se sente bem e 8 % acredita que existe algo que precisa melhorar em relação à sua aparência física e ao somar esses dois últimos indicadores 37% representam algum incomodo em relação a sua aparência.

Os alunos que estão satisfeitos com o próprio corpo apresentam as seguintes situações apresentadas na tabela 14.

Tabela 14 - Satisfação em relação à aparência física

Categoria	F	%
Bem	8	46%
Normal	2	12%
Gosta da sua aparência	2	12%
Satisfeita	2	12%
Aprendeu a gostar-se	1	6%
Prática de exercícios auxilia	1	6%
Sente-se bonita	1	6%
TOTAL	17	100%

Nas declarações dos que se sentem satisfeitos:

*“Pra mim, eu estou muito bem”* (aluno 1).

*“Sinto-me bem... Não há motivos para mim desgostar de meu físico”* (aluno 2).

*“Muito bem”* (aluno 5 e 11).

*“Tempos atrás não gostava de meu corpo, mas desse ano para cá aprendi a gostar-me mais”* (aluno 6).

*“Normal”* (aluno 7).

*“Eu me sinto na minha aparência normal do lado da minha família e dos meus amigos”* (aluno 10).

Bem (aluno 12, 21 e 23).

*“Eu gosto”* (aluno 15).

*“Satisfeita”* (alunos 17, 18).

*“Bem também pois pratico atividades físicas”* (aluno 19).

*“Na maioria das vezes, me sinto bonita sim”* (aluno 24).

A aparência física dos jovens que afirmam estarem satisfeitos abrangem declarações vinculadas ao sentimento de estar bem com sua aparência, sentir-se bonito, praticar atividade física e gostar-se. Os participantes que **não se sentem confortáveis** com sua aparência física estão categorizados na tabela 15.

Tabela 15 - Insatisfação com a aparência física

Categoria	F	%
Oscila (às vezes bem outras não)	2	25%
Não gosto	2	25%
Não muito bem	1	12%
Sente-se feio	1	12%
Sente-se triste	1	13%
Baixa estima	1	13%

TOTAL	8	100%
-------	---	------

Os que se declaram insatisfeitos manifestam:

*“Às vezes bem outras nem tanto”*, (aluno 3).

*“Não muito bem”* (aluno 4).

*“Não gosto”* (aluno 8).

*“Feia, as vezes até estou mais bonitinha”* (aluno 9).

*“Não muito bem, não gosto do que vejo, me sinto triste por isso”* (aluno 13).

*“Depende o dia, a autoestima faz bem pouca parte na minha vida”* (aluno 16),

*“Me sinto mais ou menos”* (aluno 20).

Os que acreditam que precisam melhorar a aparência física:

*“Acredito que preciso de uma melhora”* (aluno 14).

*“Apenas me preocupo em relação ao comprimento do meu cabelo, as outras partes eu não me preocupo”* (aluno 22).

Na contemporaneidade, as imagens têm significativo valor, assim como a aparência física tem um papel primordial na formação e no desenvolvimento dos estereótipos, dado que é a forma mais simples de distinguir e homogeneizar. Observa-se que o ideal de beleza para o sexo feminino é ter um corpo esguio, de magreza exagerada, como as modelos profissionais de passarela ou expostas nas revistas de moda e beleza, onde não seja visível nenhuma gordura ou celulite. Para o sexo masculino, a incorporação do mesomórfico, com ombros largos, com maior desenvolvimento no tronco, músculos bem definidos, é a concepção de corpo perfeito. Observa-se que em ambos os sexos os recursos para alcançar os padrões exigem sacrifícios e rotinas categoricamente ordenadas de alimentação e atividades físicas.

O corpo nas interações sociais serve de base em que as relações de poder e de dominação classificam e hierarquizam os diferentes grupos sociais. Entre a juventude, esse corpo em transição, enfrenta exigências e demarcações sociais para a formação da sua identidade no mundo. O objetivo publicizado estimula que todos sejam altamente capazes e desejáveis entre os seus pares.

Entre os participantes da pesquisa, observa-se que alguns não se preocupam com a aparência física, mas para uma expressiva parcela dos jovens esse fator é primordial. Alguns chegam expressar que cuidam os detalhes do comprimento do cabelo, as formas físicas, o peso corporal, fatos que interferem diretamente na autoestima e realização pessoal dos jovens. O fato de sentirem-se mal com sua aparência pode levar os jovens ao isolamento social assim como o desencadeamento de inúmeros distúrbios alimentares e psíquicos.

Na pergunta direcionada como você se sente em relação a sua aparência física, categorizada distintamente por sexo dos alunos obteve-se os resultados apresentados na tabela 16.

Tabela 16 - Sentimentos em relação a aparência física

Categoria	Masculino		Feminino	
	F	%	F	%
Satisfeito	6	86%	8	47%
Insatisfeito	0	0%	8	47%
Acredita que precisa melhorar	1	14%	1	6%
TOTAL	7	100%	17	100%

Em relação à satisfação com sua aparência física, 86% dos meninos sentem-se satisfeitos, enquanto apenas as meninas, 47% estão satisfeitas. A análise dos dados da tabela 16 novamente confirma que a imposição de padrões estéticos atinge de forma mais severa o público feminino.

Ao serem questionados sobre a preocupação em relação à imagem que os outros têm do seu corpo, 50% dos jovens não se preocupam, 46% se preocupam e 4% não responderam.

Os que não se preocupam afirmam as seguintes declarações:

*“Não, opinião alheias não me interessam”* (aluno 1).

*“Não. Opiniões de terceiros, para mim, são facilmente desprezáveis. Não ligo para isso”* (aluno 2).

*“Não, por que não me importo com a opinião de ninguém, se eu estiver bem com ele mesmo, isso que importa”* (aluno 4).

*“Não me preocupo”* (aluno 7).

*“Não, se eles não gostarem eles que lutem”* (aluno 9).

*“Não, pois não me preocupo com o que os outros pensam do meu corpo”* (aluno 11).

*“Não”* (aluno 12 e 18).

*“Não, apenas com o meu bem estar”* (aluno 14).

*“Não porque o se eu estou saudável ninguém precisa dar palpite sobre meu corpo”* (aluno 21).

*“Não, o corpo é meu”* (aluno 22).

*“Antes me preocupava mais, agora não me preocupo tanto com a opinião alheia, pois, o amor-próprio é muito importante. E eu tenho que ficar satisfeita comigo mesma”* (aluno 24).

Ao categorizar os alunos que não se importam com a imagem que os outros têm do seu corpo obtivemos o seguinte resultado apresentado na tabela 17.

Tabela 17 – Motivos pelos quais não se importam sobre a imagem que os outros têm do seu corpo

Categoria	F	%
Não se importa com opinião dos outros	7	58%
Considera apenas <b>seu bem estar, ser saudável</b>	2	17%
Não responderam	2	17%
Amor-próprio	1	8%
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>

Os adolescentes que apontam que se preocupam com a imagem que os outros têm do seu corpo referendaram as seguintes justificativas:

Tabela 18 – Motivos pelos quais se importam com a imagem que os outros têm do seu corpo

Categoria	f	%
Quer ser diferente para ser aceita	2	18,5%
Não responderam	2	18,5%
Preocupa-se	1	9%
Importa-se com o que o seu parceiro(a) pensa	1	9%
Mexe com sua autoestima	1	9%
Importa-se com o olhar do outro	1	9%
Exigência de que todos tem que ter corpo ideal	1	9%
Sente medo	1	9%
Sente-se triste	1	9%
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>

Entre as declarações dos alunos que se importam com a imagem que os outros têm sobre o seu corpo estão:

*“Sim. Não sei dizer o porquê, mas me preocupo demais”* (aluno 3).

*“Sim, mas só o que a minha namorada vai achar”* (aluno 5).

*“Sim, me preocupo, mas as vezes penso que devo me gostar do jeito que sou!”* (aluno 6).

*“Sim”* (aluno 8).

*“Sim, me preocupo muito! Às vezes penso se eu não fosse desse jeito, talvez alguém iria gostar de mim, todos os dias penso se alguém tá julgando meu corpo”* (aluno 13).

“Um pouco sim, porque hoje em dia as pessoas olham muito umas para as outras para cuidar!” (aluno 15).

“Alguns anos atrás eu me preocupava, agora eu estou mais tranquila, mas esse sentimento de sabe o que as pessoas acham sobre mim está voltando” (aluno 16).

“Sim, mexe com minha autoestima” (aluno 17).

“Às vezes, eu sei que não deveria me preocupar mas igual me preocupo, porquê meio que a sociedade impôs para todos que tem que ter um corpo ideal mas eu não acho isso” (aluno 19).

“Sim, acho que tenho medo de falarem algo que me deixe triste” (aluno 20).

“De certa forma sim, mas não é algo importante” (aluno 23)

Na tabela 19 em que estão segmentadas a opinião dos alunos participantes sobre a preocupação em relação à imagem que os outros têm do seu corpo por distinção de sexo.

Tabela 19 – Nível de preocupação em relação à imagem que os outros têm do seu corpo

Categoria	Masculino		Feminino	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Não	5	72%	7	41%
Sim	1	14%	10	59%
Não responde	1	14%	0	0%
TOTAL	7	100%	17	100%

No cruzamento dos dados pela opinião por sexo observa-se que 72% dos meninos não se preocupam, 14% se preocupam, enquanto no público feminino esses indicadores mostram que 59% se preocupam e 41% não se preocupam.

A imagem corporal é uma construção cognitiva individual que interage com o ambiente externo, que ocorre diariamente e pode ser mutável. Desta forma, as questões impostas nos ambientes de interação social e comunicação massiva realizam um trabalho significativo na criação e formação de padrões corporais que interferem na formação psíquica e na autoestima dos jovens.

Schilder (1990) define que a imagem do corpo humano é a figura de nosso próprio corpo que formamos em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo aparece para nós mesmos. Existe ainda a experiência imediata de uma unidade corporal que percebida vai além e, pode ser denominada como um esquema de nosso corpo ou modelo postural do corpo. Na construção da imagem corporal existe na interação e inter-relação entre os fatores fisiológicos, neurais, psicológicos, sociais e emocionais.

O autor afirma que a imagem, só existe porque não somos corpos isolados, os corpos convivem e são corpos interagindo entre outros corpos. Assim, para a construção da nossa autoimagem, precisamos dos referenciais corporais a nossa volta (SCHILDER, 1999).

A imagem corporal é a representação mental do próprio corpo e do modo como ele é percebido por cada um, de forma que a imagem abrange os sentidos, as ideias e sentimentos referentes ao corpo. A postura corporal, a percepção de si e de seu corpo, atreladas às emoções singulares e à personalidade se revelam pelas ações que, somadas aos desejos, desempenham primordial importância no caminho para o autoconhecimento de cada sujeito. A projeção da imagem corporal, no meio social, leva a identificações através das emoções e da atitude em relação ao corpo dos outros homens (SCHILDER, 1999).

Assim, é possível afirmar que a imagem corporal remete ao sentido das imagens corporais que circulam na comunidade e se constroem a partir de diversos relacionamentos estabelecidos nestes ambientes. O conceito de imagem corporal está vinculado ao significado dos termos imagem e corpo e sua definição não é simplesmente uma questão de linguagem, apresentando uma dimensão mais ampla ao se considerar a subjetividade de cada pessoa.

O adolescente, um ser que vivencia intensas transformações físicas, emocionais e sociais sofre mais intensamente a necessidade de adequar-se aos padrões estabelecidos no grupo a fim de ser aceito e ter uma identidade social positiva. Assim, os estereótipos corporais criados na contemporaneidade podem de certa forma interferir diretamente na formação da imagem corporal dos jovens, pois nesta fase ocorre o desenvolvimento da identidade sexual, crenças e os desejos manifestam-se com significativa intensidade. A elaboração da imagem corporal e a satisfação com o corpo também sofrem influências variadas da família, dos grupos de pares, da mídia e da sociedade, predispondo as distorções da percepção corporal. O conhecimento da dinâmica das relações corporais e as influências externas podem ser associadas ao reconhecimento de distúrbios da imagem corporal em jovens.

A forma como o adolescente percebe seu corpo é condição fundamental na formação de sua identidade. Assim, para se compreender o adolescente é necessário recordar dois conceitos básicos implicados no seu desenvolvimento: imagem corporal e autoestima. Imagem corporal é um fenômeno mutável, que reflete desejos, atitudes emocionais e interação social. É a figuração do próprio corpo formada e estruturada na mente do ser, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta. Autoestima é um indicador de bem-estar mental, podendo ser entendida como o conjunto de atitudes e ideias que cada pessoa tem sobre si. É dinâmica, apresenta oscilações e revela-se nos acontecimentos sociais, emocionais e psíquico-fisiológicos.

A satisfação corporal traduz-se como o componente afetivo da imagem corporal que permite o adequado desempenho emocional e social do indivíduo perante a sociedade. Satisfação corporal e autopercepção são fatores primordiais na autoaceitação das pessoas e podem gerar atitudes que interferem no seu convívio social. Por outro lado, insatisfação com o corpo acarreta sentimentos e pensamentos negativos quanto à aparência, influenciando o bem-estar emocional e a qualidade de vida.

O corpo considerado mercadoria e veículo comunicacional possui linguagem, gestualidade e signos culturalmente codificados, ou seja, suas formas de manipulação, cuidado e expressão, são instrumentos de distinção social e indicadores de poder pessoal e prestígio. Nesse contexto, o culto ao corpo pode ser interpretado como uma esfera de consumo que garante a determinados indivíduos a aceitação e pertencimento a um grupo social específico, por meio do qual constrói sua identidade no conjunto de atividades e experiências quotidianas desenvolvidas e vivenciadas para esse fim (KNOPP, 2008).

A preocupação em manter ou conquistar um corpo adequado aos padrões de beleza atuais é crescente e traz sofrimento para aqueles que não conseguem atingir o “objetivo”. O conceito de corpo saudável é mutável, de acordo com a história e com características externas, ou seja, um corpo social e cultural. Habitamos um mundo cada vez mais acelerado, falta tempo e sobra estresse. Em paralelo ao complexo cenário, mulheres e homens, são vítimas de um sistema opressor que amplia os índices de ansiedade e insatisfação e na busca exacerbada para alcançar o corpo ideal.

O Brasil lidera o *ranking* de cirurgia plástica entre jovens. Os brasileiros têm uma preocupação excessiva com o corpo e, não apenas em termos de cirurgias plásticas, mas em serviços de ginástica, estética e beleza como um todo, são mercados que crescem acentuadamente em todo território nacional.

Na tabela 20 estão relacionados os sintomas e doenças da psique em que os jovens pesquisados pontuam as que incidem sobre seus corpos.

Ao analisar os dados apresentados pelos adolescentes, na perspectiva da amostra total de vinte e quatro alunos, foi possível identificar que a maior incidência de casos aponta para sintomas e doenças da psique: estresse e ansiedade atingem 73,9% dos participantes, sendo que dezessete alunos apontaram que sofrem sintomas relacionados ao estresse e ansiedade. Após, a incidência de insônia é apontada por treze dos adolescentes, representando 56,5%. Em seguida, doze jovens apontam que se identificam angustiados e usando o celular constantemente, o que, em percentual os sintomas atingem 52,2% dos participantes. O pensamento acelerado tem nove ocorrências entre os participantes, atingindo 39,1% dos

alunos. Os sintomas de *bullying* em relação ao corpo são apontados por 21,7% dos alunos, com cinco casos. A situação de sobrepeso ocorre com 17,4% dos alunos, com quatro casos. Obesidade, bulimia e anorexia atingem 4,3% dos alunos, tendo manifestado a incidência de um caso em cada um dos sintomas. Casos de diabetes e hipertensão não foram citados pelos entrevistados, pois tratam-se de doenças crônicas degenerativas as quais geralmente atingem as pessoas na vida adulta e na entrada do ciclo do envelhecimento.

Tabela 20 - Principais sintomas e doenças da psique apresentadas pelos jovens pesquisados

Sintomas apontados	<i>f</i>	%
Ansiedade	17	17%
Estresse	17	17%
Insônia	13	13%
Angústia	12	12%
Uso constante do celular ao ponto de sentir-se incomodado	12	12%
Pensamento acelerado	9	9%
<i>Bullying</i> em relação ao corpo	5	5%
Sobrepeso	4	4%
Síndrome do pânico	3	3%
Compulsão alimentar	2	2%
Nenhuma das alternativas	2	2%
Obesidade	1	1%
Bulimia	1	1%
Anorexia	1	1%
Hipertensão	0	0%
Diabetes	0	0%
<b>TOTAL</b>	<b>99</b>	<b>100%</b>

Ao aprofundar a incidência de casos, apenas dois alunos relataram não apresentar nenhuma das alternativas lançadas na questão, enquanto três dos alunos relataram apenas um dos sintomas e doenças psíquicas (aluno 1 (estresse), aluno 6 (ansiedade) e aluno 12 (com uso constante do celular ao ponto de sentir-se incomodado)). Entre os alunos que relataram ter entre dois e quatro sintomas estão sete participantes (aluno 2 (ansiedade e pensamento acelerado) aluno 3 (ansiedade e uso constante do celular ao ponto de sentir-se incomodado), aluno 4 (ansiedade e estresse), aluno 14 (ansiedade, angústia, insônia e estresse), aluno 18 (insônia e síndrome do pânico), aluno 19 (ansiedade e estresse) e aluno 21 (insônia e uso constante do celular)).

Um fenômeno que alerta sobre a recorrência de sintomas e doenças que afetam a psique entre os jovens que responderam ao questionário, doze alunos, ou seja, 50% do total da amostra apontam que possuem mais de cinco incidências de manifestações físicas e mentais,

conforme a tabela 20. Esses são dados relevantes que alertam para questões de qualidade de vida e saúde mental entre os jovens e a ocorrência constante de distúrbio do corpo físico e mental. Assim, a análise da tabela 20 retrata a incidência de sintomas e doenças psíquicas que atingem os jovens e apresentam dados alarmantes que relevam alguns indicadores de saúde dos participantes. Se por um lado a sociedade contemporânea criou e hoje venera o período da juventude em detrimento às demais fases da vida, por outro, os indicadores mostram que os representantes figurativos do grupo sofrem intensos conflitos inerentes à vida atual, dados confirmados a partir da recorrência de doenças psíquicas junto aos jovens participantes da pesquisa.

Os indicadores identificados na pesquisa confirmam a afirmação de Birman (2014, p 72) “o estresse está no centro do mal-estar atual, produzindo diferentes sintomas psicossomáticos”. O autor acredita que a partir do estresse são desencadeadas outras doenças psíquicas como síndrome da fadiga crônica, síndrome do pânico, depressão, distúrbios alimentares, angústia, entre outras neuroses que são preponderantemente incidentes nos dias atuais e acomete uma proporção significativa da sociedade.

No ano de 2001 a Organização Mundial da Saúde - OMS emitiu um relatório mundial denominado “Saúde mental: nova concepção, nova esperança” em que a presidente da organização, na época Gro Brundtland, declarou na apresentação do documento que a depressão grave era a principal causa de incapacitação ao trabalho no mundo e ocupava o quarto lugar entre as dez principais causas de patologia e afirmou ainda que, se as projeções estiverem corretas, em vinte anos, a depressão grave será a segunda das principais causas de doenças no mundo. Brundtland disse que num futuro próximo, uma em cada quatro pessoas será afetada por uma perturbação mental em dada fase da vida (OMS, 2001).

Em um artigo intitulado “O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade”, a psicanalista Tereza Pinheiro (2012), apresenta algumas observações que os atendimentos na área privada e em instituições apontam há alguns anos para um número cada vez maior de casos de jovens com depressão, anorexia, bulimias e fobias, além dos casos de dependências químicas.

Esses pacientes que chegam levados por uma enorme angústia que os assalta e cuja causa desconhecem, ou sob fortes depressões, apresentam características bem peculiares; dentre elas podemos ressaltar a dificuldade com relação a uma dimensão de futuro. Como se projetar-se no futuro lhes fosse impossível. Têm a vida marcada minuto a minuto, geralmente do passado nada se lembram, assim como também não se lembram dos sonhos; não têm fantasias nem fazem lapsos. São na maioria pacientes particularmente inteligentes que exibem uma lucidez quase absurda; são também portadores de um código moral bastante rígido que não só servirá para

instrumentar a crítica mordaz que dirigem aos outros como também e, sobretudo, a si próprios. Há neles uma preocupação permanente com a noção de ridículo, tanto no que se refere ao ser ridículo quanto ao próprio ridículo da vida. Assim, a questão da morte não é apenas teorizada, vista sob o ângulo existencial, ou como metáfora. A questão corporal também ganha uma dimensão bastante singular: há neles uma total estranheza com relação ao próprio corpo, como se esse corpo não lhes pertencesse, mas ao mesmo tempo o corpo é a única prova de sua existência. Com todas essas facetas, esses pacientes deixam os psicanalistas em uma situação bastante incômoda: a de terem a sensação de que o instrumental psicanalítico não tem qualquer serventia (PINHEIRO, 2012, p.19).

No relato de vivências práticas da psicanalista, identifica-se que os conflitos existenciais que atingem os jovens na atualidade têm uma intensidade ímpar que desafia todo sistema familiar, educacional e de saúde ao tempo que são novas formatações de sofrimento psíquico que descontroem o passado, anestesia o presente e paralisa os jovens a projetarem-se no futuro. Outra questão a ser destacada na juventude é a forma como a opinião dos outros atua fortemente na construção da sua identidade, em um sentido em que o olhar do outro os define (PINHEIRO, 2012).

Os jovens convivem com cobranças sociais e familiares que são desencadeadas em decorrência às altas expectativas e pressão para alcançar o sucesso pessoal e profissional. Devido a natural competitividade cada vez mais acirrada em todos os campos profissionais, os pubescentes sofrem muito mais intimidação para terem sucesso que as gerações anteriores.

Além da relação peculiar que estabelecem com o próprio corpo e com a dimensão temporal, esses pacientes têm com o olhar do outro uma relação que não é mediada por um olhar que possam ter de si mesmos. Tomam a si mesmos como sendo aquilo que os outros veem deles. Como se o olhar que vem de fora fosse o que os construísse, a todo instante. Eles são o que os outros veem deles ou aquilo que dizem que eles são. O olhar do outro dá a consistência do que são e, sobretudo, fornece para eles verdadeiros atestados de existência. (PINHEIRO, 2012, p19)

Assim, estão vulneráveis aos sofrimentos de ordem psíquica e emocional. Por conseguinte, se tornam mais susceptíveis ao desenvolvimento de diferentes transtornos mentais. Nessa etapa da vida, as influências sociais, midiáticas e culturais geram muita expectativa e insegurança nesse grupo em relação ao futuro.

Entre os fatores citados como o mal-estar contemporâneo instalado no corpo, Birman (2014), acredita que as patologias psíquicas preponderantes na atualidade são desencadeadas pelo narcisismo negativo. O narcisismo atual faz predominar um tipo de relação na qual o outro é retido enquanto serve para o próprio usufruto do sujeito, sendo dispensado ao menor indício de essa experiência relacional trazer desprazer ou conflito (BIRMAN, 2014).

As formas de sofrimento contemporâneo se identificam como perturbações da ordem do narcisismo, sejam nos quadros de depressões, toxicomanias, pânico, anorexia ou nas doenças psicossomáticas. A questão nevrálgica se fundamenta em outro modo de relação com o investimento narcísico necessário para a constituição subjetiva. Isso resulta, fundamentalmente, de mudanças sociais significativas, dentre as quais podemos citar: as novas relações de trabalho arquitetadas segundo o modelo neoliberal, a desestruturação do modelo de família nuclear burguesa e o advento da pílula anticoncepcional (SENNETT, 1999; BIRMAN, 2007).

Para Birman (2012), o sujeito na atualidade encontra-se à deriva, mas também com sua possibilidade de simbolização empobrecida e neste contexto o narcisismo apresenta-se como uma saída defensiva de sujeitos que se encontram com suas referências externas precarizadas de vínculos afetivos, sendo “o retorno ao próprio Eu” uma saída para pessoas em agudo sofrimento.

O autor acredita ainda, que os laços sociais ficaram circunscritos à área da imagem, momento em que a cena social fica reduzida à eloquência do narcisismo, um mundo marcado pela constante veneração da imagem de si mesmo, para o olhar e elogio do outro, em um campo influenciado pela sedução e pela estética da perfeição (BIRMAN, 2012).

Os sintomas de estresse e ansiedade são os que mais significativamente incidem nos alunos participantes. Neste sentido o Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais - 5.<sup>a</sup> edição ou DSM-5 define que os transtornos de ansiedade como:

Os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura. Obviamente, esses dois estados se sobrepõem, mas também se diferenciam, com o medo sendo com mais frequência associado a períodos de excitabilidade autonômica aumentada, necessária para luta ou fuga, pensamentos de perigo imediato e comportamentos de fuga, e a ansiedade sendo mais frequentemente associada a tensão muscular e vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva. Às vezes, o nível de medo ou ansiedade é reduzido por comportamentos constantes de esquiva. Os ataques de pânico se destacam dentro dos transtornos de ansiedade como um tipo particular de resposta ao medo. Não estão limitados aos transtornos de ansiedade e também podem ser vistos em outros transtornos mentais. (DSM-5, 2015 , p. 189)

Neste sentido, a ansiedade, tem como característica o medo que surge como ferramenta de proteção de algum ataque de inimigos no futuro. Pode-se destacar que o receio

de fracassar ou de não dar conta de todas as exigências familiares e sociais projetadas para o futuro dos jovens pode ser um dos principais fatores desencadeadores dessas situações.

Não se pode esquecer ainda a disseminação das compulsões hoje, que como ações falhas dominam o horizonte das perturbações psíquicas. Com efeito, das drogas à comida, passando ainda por outros objetos, as compulsões representam na atualidade um contingente importante no campo das perturbações psíquicas, no qual se pode evidenciar a conjunção de uma negatividade narcísica com uma fragilidade dos processos de simbolização.

Em relação às neuroses atuais Birman (2014) destaca a pragmática subjetiva que estrutura a formação dos sujeitos no mundo atual, enfatizando a fragilidade as quais a mente humana vive submersa.

Isso indica que a pregnância assumida hoje pelo registro do corpo revela a presença de uma falha crucial no mecanismo de angústia-sinal no psiquismo e a fragilidade simbólica na antecipação do perigo. Isso porque seriam tais mecanismos que constituiriam a angústia-sinal e que protegeriam o psiquismo do imprevisível. Ou seja, se os sintomas referidos dominam a experiência contemporânea do mal-estar, algo de fundamental se produziu na subjetividade, que tornou incapaz de antecipar o perigo e regular assim suas relações com o mundo (BIRMAM, 2014, p.75).

Observa-se que o jovem tem em mente um corpo idealizado e, quanto mais o seu se distancia do estereótipo, gera conflito e insatisfação que pode comprometer sua autoestima. A indústria da beleza e da moda apresentam imagens de corpos configurados como perfeitos em diversos veículos de comunicação, presentes nos lares e nos espaços físicos das cidades. O corpo feminino apresenta-se magro e definido e o corpo masculino forte e musculoso. No jogo dos padrões da atualidade, a busca por corpos validados como perfeitos pela mídia se torna um sonho de consumo e cria-se um falso cenário que idealiza a beleza física como sinônimo de sucesso e felicidade.

Nessa conjuntura complexa do mundo atual, os desafios lançados aos jovens desencadeiam a ocorrência constante de doenças e sintomas psíquicos nesta população e destacam-se como um fenômeno contemporâneo apontado pelos teóricos Bauman (2018) e Birman (2014). No contexto social e cultural que estamos inseridos na atualidade, com o rompimento do tempo e espaço as pessoas convivem e despertam para a aceleração da vida.

Na tabela 21 são compiladas as afirmações que se encaixam na vida dos jovens que participaram da pesquisa:

Tabela 21 – Afirmações que se encaixam na vida de jovens participantes

Afirmações	F	%
Preocupa-se com sua forma física	17	23%
Na minha família costuma-se falar sobre questões relacionadas ao corpo (alimentação, estética e saúde)	13	18%
Quando comparo meu físico com outras pessoas, sinto-me em desvantagem	10	14%
Costuma fazer comparações do seu corpo com de outras pessoas	9	12%
Tem receio de estar acima do peso	9	12%
Costuma reparar o físico de outras pessoas	8	11%
No meu grupo de amigos costuma-se falar sobre questões relacionadas ao corpo (alimentação, estética e saúde)	7	9%
Não me baseio em ninguém, porém busco deixar meu corpo saudável.	1	1%
<b>TOTAL</b>	<b>74</b>	<b>100%</b>

Nas afirmações da tabela 21, em que os jovens relataram sobre o que se enquadra nas suas vidas e vivências cotidianas, evidencia-se que o culto ao corpo e a beleza afetam diretamente na produção de normas de adequação social. O receio de estar acima do peso, a preocupação com a forma física e o ato de fazer comparações corporais com outras pessoas evidencia a fragilidade com que a juventude observa e trata seu corpo.

A seleção das afirmações dos jovens reafirma a ideia de que a imagem corporal é um instrumento de *status* e aceitação social. Além disso, os poderes de influência atribuídos ao corpo, no sentido de refletir no comportamento de outras pessoas configuram uma representação compartilhada entre os participantes.

O espelho social tem relevância na formação da identidade dos jovens. Para Ferreira (2015) o corpo individual deve a sua existência à realidade do corpo social e, portanto o personagem necessita da dinâmica social para construir sua identidade corporal. O olhar permite a criação do meu corpo.

Segundo Pinheiro (2012), a perda da subjetividade na contemporaneidade abre espaço para uma necessidade constante de querer provar a própria existência no sentido que não basta apenas estar vivo, é preciso também reafirmar essa existência, numa espécie de ser/existir primeiramente para a aceitação do outro com evidências que existimos.

As redes sociais configuram o cenário ideal para a postagem de *selfs* de episódios e cenas corriqueiras do dia-a-dia, em busca de aprovação do outro. Pinheiro (2012) destaca ainda que como eu só existo pelo olhar do outro, eu preciso que o outro me veja o tempo todo e dê o *feedback*. O “ser narcísico”, portanto, é definido pela pesquisadora como alguém com

“pele de criança e garra de gavião”, já que aos olhos de terceiros ele aparenta ser agressivo/aguerrido/despojado, mas no íntimo é frágil e hipersensível.

Questionado sobre o impacto do isolamento social em decorrência da Pandemia ocasionada em razão do COVID-19, e se isso mudou a visão em relação ao seu corpo neste período, quais as percepções alteradas, os 50% dos jovens afirmam que sentiram mudança e 50% no sentiram nenhuma mudança.

A pandemia Covid-19 lançou novos registros no corpo e nas formas de interação e contato com outros corpos. Os jovens afastados das aulas, locais de interação social, festas, encontros presenciais com amigos experimentaram/experimentam novas formatações virtuais de encontros. O isolamento social nos alerta sobre os perigos do contato físico para nos proteger e proteger as outras pessoas. Na tabela 22 observa-se que 50% dos participantes identificaram mudanças corporais e 50% não identificaram mudanças na forma de ver o corpo. Entre os que não identificaram mudanças, as justificativas aparecem na tabela 24.

Tabela 22- Jovens que não perceberam mudanças no seu corpo após a pandemia

Categoria	<i>F</i>	%
Manteve a prática de exercícios	2	40%
Buscou ajuda psicológica	1	20%
Seguiu com os cuidados do corpo e da saúde	1	20%
Peso segue com preocupação	1	20%
TOTAL	5	100%

A pandemia Covid-19 desencadeou/desencadeia efeitos econômicos, sociais e políticos no mundo inteiro e gera reflexos inesperados no corpo e nos campos da saúde física e mental. O isolamento social imposto a partir da pandemia alterou o modo de ser e estar no mundo, pela forma que impõe o rompimento dos laços sociais e em consequência gera maior incidência de experiências depressivas e melancólicas ao ponto que as pessoas são submetidas a estarem afastadas da família e do círculo de amigos. Nestas condições observa-se um aumento do consumo de bebidas e outras drogas como forma de anestesiar a sensação de esvaziamento. Também se observa uma ampliação no número de suicídios e violência doméstica. Por outro lado, lança novos desafios para o sujeito olhar seus conflitos e problemas, a partir da perspectiva de eminência de morte, algumas pessoas buscam alternativas para refletirem sobre a vida e realizam ações de solidariedade.

O momento pandêmico exigiu novas regras e rituais de higienização, distanciamento social, uso obrigatório de máscaras de proteção e alterou as rotinas de trabalho e de estudo

que, na maioria dos casos passou a acontecer em formato virtual. A rotina de jovens na escola e nos círculos de interação social foi abalada drasticamente. Apesar das crianças e jovens não pertencerem diretamente ao grupo apontado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como de risco, as instituições escolares são identificadas como de aglomeração e proliferação do vírus. Ao lançar novos formatos de regulação das aulas de modo virtual, estudantes sem acesso a computadores e dispositivos móveis de interação e internet em casa sofrem mais intensamente processos de exclusão social.

O município de Tupanciretã-RS, local dessa pesquisa, a partir dos protocolos sanitários lançados pelos órgãos de saúde do município, divulgou em 16 de abril de 2020 o Decreto Municipal 5.818, para fins de prevenção e de enfrentamento à pandemia, com orientação sobre o modelo de distanciamento controlado a ser seguido no âmbito municipal. Os alunos da rede pública e particular, estavam sem aulas presenciais desde dia 18 de março de 2020.

Em relação à suspensão excepcional e temporária das aulas, o Decreto 5.818/20 estabeleceu que cursos e treinamentos presenciais ficassem suspensos, diante das evidências científicas e análises sobre as informações estratégicas em saúde, observado o indispensável à promoção e à preservação da saúde pública. Para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo COVID-19 (Corona vírus), com fundamento no art. 3º da Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, as aulas, cursos e treinamentos presenciais em toda a rede de ensino municipal, incluindo escolas privadas, e demais instituições de ensino, de todos os níveis e graus, bem como em estabelecimentos educativos, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças, incluídas as creches e pré-escolas, situadas em todo o território do Município, atenderam a esse Decreto, conforme o estabelecido no parágrafos 1º e 2º:

§ 1º A Secretaria da Educação estabelecerá, no âmbito das escolas públicas municipais, plano de ensino e medidas necessárias para o cumprimento das medidas de prevenção da transmissão do COVID-19 (Corona vírus) determinadas neste Decreto;

§ 2º Fica vedado o transporte escolar no âmbito do Município de Tupanciretã, enquanto suspensas as atividades de ensino, de estabelecimentos públicos e privados.

Uma nova prática social a ser destacada com evidência no município ocorreu, mobilizada principalmente pelo público jovem que, após as medidas de distanciamento social decretadas, lideraram o surgimento de festas clandestinas em áreas rurais isoladas com a denominação de ilhas. Nestes espaços, há um número significativo de participantes, os quais mobilizaram-se por meio das redes sociais para a realização dos eventos com consumo de bebidas alcoólicas, drogas ilícitas e registro de casos de violências. Após esse fenômeno,

confuso tal público passou a realizar encontros em uma área denominada como complexo industrial no município, por abrigar diversas empresas e indústrias do ramo agrícola, em que novamente são constatados o consumo excessivo de bebidas alcóolicas, música alta e registro de violência, inclusive com uso de armas de fogo em brigas que lá aconteceram. Após esses encontros observava-se no local uma quantidade expressiva de lixo como garrafas, latas, plásticos, entre outros.

Além da questão de risco que os jovens têm se exposto com essas práticas também temos o questionamento sobre o tipo de relacionamentos e cuidados com os outros, o nível de empatia que nem mesmo a eminência de morte sensibiliza para a adoção de novos hábitos e o individualismo imperativo mesmo em situações de caos instalado na saúde pública.

A tabela 23 apresenta as atividades físicas que os jovens costumam fazer regularmente para movimentar o corpo e gerar gastos energéticos que são importantes para o bem-estar físico, mental e social. Os jovens possuem muita disposição, energia e praticar exercícios físicos trazem benefícios para a saúde. Com o ritmo acelerado do dia a dia muitos jovens tornam-se sedentários. Além disso, o controle remoto, o carro, o computador, todas as facilidades da vida moderna e urbana contribuem ainda mais para uma vida agitada e ainda mais sedentária.

Realizar exercícios físicos na juventude aumenta a produção de células do sistema imunológico, melhorando as defesas do organismo e afastando principalmente as doenças respiratórias. Os exercícios também auxiliam no crescimento do adolescente e no controle da obesidade, que pode desencadear a multiplicação do número de células de gordura que nunca desaparecerão. Além disso, reduzem riscos de doenças como diabetes, pressão alta, colesterol, depressão. Assim, a prática regular de esportes e outras atividades físicas, pelo menos três vezes por semana, sem exageros, melhora a qualidade de vida, diminuindo a ansiedade e o estresse.

Tabela 23 - Atividades que os jovens costumam fazer regularmente

Categoria	<i>f</i>	%
Caminhada	17	42%
Prática de esportes	7	17%
Outros tipos exercícios	6	15%
Academia de ginástica	4	10%
Dança	3	7%
Nenhum	2	5%
Musculação	1	2%

Exercícios em casa	1	2%
TOTAL	41	100%

Em relação às atividades e práticas que os jovens costumam realizar regularmente, vinte e dois alunos responderam e apenas dois não realizam atividades físicas. Entre as respostas com mais incidência de realização entre os jovens destacam-se, a caminhada com 42%, prática de esportes com 17% e outros tipos de exercícios físicos com 15%.

O fato de dois alunos não realizarem nenhuma prática regular de atividades físicas chama atenção, principalmente, pela falta de motivação para realização de atividades integrativas comuns na juventude como práticas de esportes. O sedentarismo também pode desencadear estágios depressivos entre os jovens que necessitam estimular o corpo e gastar energia, aumentando o nível de serotonina no corpo. Ao olhar as particularidades dos alunos que declaram não realizar atividades físicas: aluno 9, sexo feminino, declarou que se sente gorda, feia, baixa autoestima e na questão de sintomas e doenças psíquicas, declara possuir oito incidências (ansiedade, angústia, pensamento acelerado, insônia, estresse, síndrome do pânico, uso constante do celular ao ponto de sentir-se incomodado e *bullying* em relação ao corpo) e o aluno 22, sexo masculino, sente-se confortável com seu corpo porque se aceita, é indiferente em relação ao peso corporal, se preocupa com o comprimento do cabelo e entre os sintomas e doenças psíquicas declarou que possui cinco, entre ansiedade, angústia, pensamento acelerado, insônia e estresse. Ambos os alunos possuem alta recorrência de sintomas e doenças psíquicas, cinco e oito, que acreditamos que poderiam ser amenizadas a partir da realização regular de atividades físicas.

Foucault (1988), ressalta que a partir do final do século XVII ocorre uma transformação na percepção da riqueza de um país, antes medida pela extensão territorial passa a ser avaliada pela qualidade de vida da população, assim desenvolve-se uma gama de qualificações para garantir à população boas condições de saúde e educação. Assim, desenvolve-se o ensino obrigatório e uma intensa medicalização social, desenvolvendo práticas de adestramento corporal para garantir saúde a população e boas possibilidades de reprodução biológica e social.

Evidenciando a valorização da qualidade de vida, desencadeia-se diversos fenômenos de garantia de saúde e prolongamento da vida com atividades físicas regulares ao ar livre e em academia de ginásticas. Entre os participantes que responderam ao questionário, 95% dedicaram-se a realização de alguma prática de atividade física e apenas 5% não realizaram

ou não responderam. Entre os objetivos com a realização das práticas corporais estão citadas na tabela 24:

Tabela 24 – Objetivos apontados pelos jovens com a realização das práticas corporais

Categoria	<i>f</i>	%
Questão de saúde	11	46%
Emagrecer	5	21%
Estético	5	21%
Não respondeu	2	8%
Não sabe	1	4%
TOTAL	24	100%

Ao serem questionados em relação aos objetivos pretendidos com a realização das práticas corporais os jovens respectivamente: 46% buscam saúde (dez alunos), 21% para emagrecer (cinco alunos), 21% por questões estéticas (quatro alunos). Analisando as respostas dos educandos observa-se que uma parcela significativa foca nas questões de saúde e bem estar. Em contrapartida observa-se também que ao somar as questões estéticas, para emagrecer e manter o físico, há o índice de 42%, sendo relevante a questão da perda de peso e os padrões estéticos. Nesta perspectiva a imagem corporal tem uma relevância significativa na vida dos jovens entrevistados.

A tabela 25 abrange a questão se os participantes receberam comentários negativos em relação ao seu corpo, 83% dos jovens afirmam que sim (vinte alunos) e 17% (quatro alunos) disseram que não receberam nenhum comentário negativo em relação ao seu corpo.

Os indicadores apontados nesta questão relacionam um alerta sobre os estereótipos e pressão em relação aos padrões estéticos e de beleza com o público jovem e a violência verbal, aplicada através do *bullying*.

As situações de *bullying* são caracterizadas por agressões intencionais que podem ocorrer de formas verbais, virtuais ou físicas, feitas de maneira repetitiva e ocorrem em diferentes contextos sociais, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. Na maioria das vezes em que o *bullying* ocorre no ambiente escolar, o principal motivo que leva o autor a pratica-lo é o desejo de buscar popularidade, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo perante os outros.

Entendendo a relevância do olhar do outro na configuração da identidade dos jovens comprova-se a gravidade que a recorrência de práticas de *bullying* assume no contexto da vida social, sendo extremamente nociva à autoestima dos que são alvo dessa violência. O *bullying*

gera situações de desconforto e isolamento social e em casos mais severos leva à depressão e ao suicídio.

Tabela 25 – Grupo Social que integra a pessoa que fez o comentário negativo

Categoria	<i>f</i>	%
Colega de escola	10	41%
Família	4	17%
Amigos	4	17%
Nenhuma das opções	4	17%
Anônimos nas redes sociais	2	8%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Entre os entrevistados que receberam comentários negativos em relação ao seu corpo os alunos citaram: 41% colegas de escola (dez alunos), 17% amigos (quatro pessoas) e 17% da família (quatro pessoas) confirmando que a maior incidência de casos de *bullying* acontece no ambiente escolar.

Os dados apontam que o ambiente escolar (41%) abriga os maiores indicadores de ocorrência de *bullying*, confirmando a presença constante de violência na escola entre os jovens. Por meio do Parecer do CNE/CEB nº05/2011, o Ministério da Educação elaborou um texto que entende as diversidades da juventude brasileira:

A juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes (BRASIL, 2011, p. 463).

Na ótica de pluralidade da juventude nacional, o documento elabora objetivos para adotar políticas públicas voltadas para compreender o contexto e as dinâmicas dos jovens e destaca que é preciso “Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos” (BRASIL, 2011, p.463).

Nessa direção, o Ensino Médio tem como objetivo o desenvolvimento do educando como pessoa humana, considerando sua formação integral e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. O CNE entre os principais objetivos a serem alcançados na formação dos jovens no ensino médio:

Tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática, inclusiva, sustentável e solidária, a escola que acolhe as juventudes deve ser um espaço que permita aos estudantes: conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais; compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história; promover o diálogo, o entendimento e a solução não violenta de conflitos, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou opostos; combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença; valorizar sua participação política e social e a dos outros, respeitando as liberdades civis garantidas no estado democrático de direito; e construir projetos pessoais e coletivos baseados na liberdade, na justiça social, na solidariedade, na cooperação e na sustentabilidade. (BRASIL, 2011, p.488).

A violência como um fenômeno social, mutável e histórico (ABRAMOWAY *et al.*, 2005) pode ocorrer de diferentes formas dependendo dos contextos social, cultural e econômico, das características dos sujeitos que estão envolvidos e das relações estabelecidas entre eles. Sendo assim, o enfrentamento e a prevenção de qualquer tipo de violência escolar devem partir de uma investigação particular do fenômeno para que se possa intervir de acordo com cada realidade.

O sistema educacional brasileiro registra diariamente casos de violência que interfere diretamente no clima escolar e nas relações sociais estabelecidas no ambiente da escola. O *bullying* é um fenômeno social relevante que possui características específicas, deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade.

As escolas devem olhar a questão do *bullying* com a importância que este exige e realizar ações para identificar os casos e conscientizar os alunos ao respeito mútuo e as diferenças. É preciso pensar o *bullying* escolar como um fenômeno social, portanto, as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em plena comunhão com o contexto onde ocorrem, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações ou formas prontas de enfrentamento.

Por esse motivo é que se pretende pensar o fenômeno da violência escolar, mais especificamente o *bullying*, a partir de uma visão ecológica. Isso significa se opor às abordagens mais individualistas que entendem esse problema como derivado unicamente de problemas gerados dentro da instituição, seja nas formas de gestão autocrática ou

metodologias e avaliações excludentes, na precariedade do ensino ou na falta de interação entre família e escola (ABRAMOWAY *et al.*, 2003; 2005).

## 6.2 Padrões Éticos e Estéticos e Tipos Ideais

O culto à beleza e a aparência física constitui um regime de escravidão na contemporaneidade. A busca pelo físico perfeito reflete quase uma “ditadura do biotipo” a ser seguido como forma de aceitação social.

Um dos fatores que reforçam essa ditadura da beleza é a indústria cultural, em que muitos jovens são influenciados e querem ir à busca do corpo “perfeito”, exposto na mídia. Essa busca ocorre com maior incidência no público feminino, porém os homens também fazem parte deste assunto, pois muitos querem ficar com os músculos bem definidos, fortes e muitas vezes acabam utilizando substâncias que são prejudiciais à saúde, a exemplo dos anabolizantes.

Entre as práticas realizadas por jovens em relação ao corpo, objetivos com a realização de práticas corporais estão:

Tabela 26 - Práticas Corporais que os jovens já realizaram

Categoria	<i>F</i>	%
Nenhuma das opções	9	38%
Tatuagem	6	25%
Consumo de bebida alcoólica	4	17%
Dietas alimentares	2	8%
Piercing	2	8%
Uso de anabolizantes	1	4%
TOTAL	24	100%

Entre as práticas que os jovens entrevistados já realizaram estão: 25% tatuagem (seis alunos), 17% consumo de bebida alcoólica (quatro alunos) e 38% não realizaram nenhuma das práticas apontadas.

Tabela 27– Práticas realizadas pelos jovens entrevistados segmentadas por sexo

Categoria	Masculino		Feminino	
	<i>f</i>	%	<i>F</i>	%
Tatuagem	1	14%	5	29%
Consumo de bebidas alcoólicas	1	15%	2	12%

Uso de anabolizante	1	14%	0	0,0%
<i>Piercing</i>	0	0,0%	2	12%
Dietas alimentares	0	0,0%	2	12%
Nenhuma das opções	4	57%	6	35%
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>

Na tabela 27 temos a questão de quais práticas os jovens já realizaram, segmentadas por sexo. Observamos a seguinte situação: a maioria dos meninos não realizou nenhuma das práticas, totalizando 57% e entre as meninas 35% nunca realizaram nenhuma das práticas. Tatuagem e consumo de bebidas alcoólicas são comuns entre os dois (meninos e meninas), sendo que a tatuagem entre as meninas aconteceu em maior número, 29% e nos meninos 14%. O consumo de bebida alcóolica é superior entre os meninos 15% e 12% das meninas. Entre os representantes do sexo masculino há o uso de anabolizantes, ocorre em 14% e entre o sexo feminino dietas alimentares e uso de *piercing* (*ambos com 12%*), sendo que as meninas não citaram incidência de uso de anabolizante.

Na tabela 28 os alunos apontam as práticas que desejam realizar no futuro:

Tabela 28 – Práticas que os jovens desejam realizar no futuro

Categoria	<i>f</i>	%
Tatuagem	9	37%
Cirurgia plástica	6	25%
Dietas alimentares	3	13%
Nenhuma das opções	3	13%
Consumo de bebida alcóolica	1	4%
Uso de anabolizantes	1	4%
Uso de suplementos alimentares	1	4%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Na questão das práticas que os jovens têm vontade de realizar no futuro estão: 37% tatuagem (nove alunos), 25% cirurgia plástica (seis alunos) e 13% dietas alimentares (três alunos). A prática da tatuagem configura uma marca corporal que se assume na atualidade como símbolo de socialização entre a juventude em diferentes contextos sociais.

Em um artigo publicado em 2017: *Adolescent and Young Adult Tattooing, Piercing, and Scarification, na American Academy of Pediatrics* é descrito o porquê as pessoas se tatuam. Veja como as pessoas se sentem: 30% querem ser mais “sexy”, 25% rebelde, 21% mais forte ou mais atraente, 16% espiritual, 9% mais saudável e 5% atlético.

A cultura da tatuagem, que hoje se dissemina, é uma das formas de singularização buscada hoje pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo. Tal como os antigos marinheiros, lançados que eram na aventura de atravessar os incertos oceanos tempestuosos, sem lenço e sem documento, com efeito, a juventude marca o seu corpo com tatuagens como formas desesperadas para adquirir alguma visibilidade, isto é, para ser identificada e singularizada. Ao lado disso, procuram se reinscrever em outras linhagens e ascendências imaginárias, denunciando deste modo a fragilidade presente no seu sistema de filiação (BIRMAN, 2005, p. 21).

Na tabela 29 apresentamos os dados de práticas corporais que os jovens anseiam realizar no futuro, segmentados por sexo masculino e feminino.

Tabela 29 - Práticas corporais que desejam realizar no futuro por sexo

Categoria	Masculino		Feminino	
	f	%	f	%
Tatuagem	5	72%	4	23%
Uso de anabolizante	1	14%	0	0%
Nenhuma das opções	1	14%	2	12%
Uso de suplementos alimentares	0	0%	1	6%
Consumo de bebida alcoólica	0	0%	1	6%
Dietas alimentares	0	0%	3	18%
Cirurgia plástica	0	0%	6	35%
TOTAL	7	100%	17	100%

Na tabela 29 segmenta-se por sexo a questão das práticas que tem vontade de realizar no futuro e neste sentido os representantes do sexo masculino manifestam desejo: 72% fazer tatuagem e 14% uso de anabolizante. Nas mulheres os maiores anseios futuros são as seguintes práticas corporais: 35% cirurgia plástica, 23% tatuagem e 18% dietas alimentares. Os desejos dos participantes reforçam a questão dos estereótipos diferenciados por sexo. Os homens como símbolo de força, o corpo musculoso e sarado são as aspirações principais e das mulheres como magras, então assim, o belo busca pela forma física da magreza.

Na questão das práticas que os jovens nunca fariam, aparecem na tabela 30.

Tabela 30– Práticas corporais que os jovens nunca realizariam

Categoria	f	%
Uso de anabolizantes	11	46%
Uso de substâncias para emagrecer	5	21%
Cirurgia Plástica	4	17%
Consumo de bebidas alcólicas	2	8%
Tatuagem	2	8%
TOTAL	24	100%

Ao serem questionados sobre práticas voltadas para o corpo, os púberes afirmam que nunca realizariam: 46% uso de anabolizantes (onze alunos), 21% uso de substância para emagrecer (cinco alunos) e 17% cirurgia plástica (quatro alunos). A questão de repulsa pelo uso de anabolizante acontece mais entre as meninas, pois o estereótipo corporal estabelecido socialmente para as mulheres incluem o corpo magro e a maior incidência de rejeição ao uso de substância para emagrecer são apontados pelos meninos, devido aos fatores que os homens tem a força e a musculatura como estereótipo de beleza.

Na tabela 31 apresentamos as práticas que os jovens não realizariam segmentadas por sexo feminino e masculino:

Tabela 31 - Práticas corporais que nunca realizariam - Masculino X Feminino

Categoria	Masculino		Feminino	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Substância para emagrecer	3	43%	2	12%
Cirurgia plástica	2	29%	2	12%
Consumo de bebida alcóolica	1	14%	1	6%
Uso de anabolizante	1	14%	10	58%
Tatuagem	0	0%	2	12%
TOTAL	7	100%	17	100%

Entre as práticas que os jovens destacam que nunca realizariam segmentadas por sexo destacamos entre o sexo masculino: 43% não usariam substância para emagrecer, 29% jamais realizariam cirurgia plástica, 1% não pretende consumir bebida alcóolica e 1% não deseja fazer uso de anabolizante. As mulheres apontam entre as práticas corporais que não fariam no futuro: 58% não fariam uso de anabolizante, 12% não querem realizar cirurgia plástica, 12% não pretendem fazer tatuagem, 12% não querem fazer uso de substância para emagrecer e 6% não pretendem consumir bebida alcóolica.

A imagem corporal que as mídias apresentam incessantemente de padronização de corpo perfeito procura adquirir os objetos elencados como garantias de satisfação pessoal na consecução dos ideais estéticos. Contudo, os corpos transformados pelo consumo de objetos em busca de satisfações geram, na maioria das vezes, angústia devido às pressões para adaptação dos petizes aos padrões estéticos (CHAUI, 2012).

Para Vigarello (2006) o padrão estético ideal do corpo feminino veiculado pelas mídias na atualidade preza, para plena realização do bem-estar e da felicidade, pela magreza e juventude; todavia, não uma magreza esquelética, mas sim uma magreza tonificada que remete à saúde, havendo uma série infundável de produtos que pretendem atingir esse estereótipo o

mais cedo possível na vida da mulher (e da consumidora), ou seja, desde sua infância e adolescência o estabelecer que a (incessante busca pela) beleza feminina não é uma libertação individual, mas sim a uma tática de dominação e opressão de gênero.

#### 6.2.1 Os tipos ideais: A que tribo você pertence?

Os participantes de idades entre 16 e 20 anos que estavam no rol da pesquisa manifestaram por meio do questionário ideias e opiniões na sua ilação de como veem e tratam o corpo. A partir da compilação dos dados obtidos nos questionários elaboramos relações e agrupamentos dos pesquisados em tribos, embasada em algumas características predominantes a partir das falas dos sujeitos. As tribos são um fenômeno sociológico que repercute no nível da estruturação da personalidade do adolescente. As tribos urbanas surgiram como um reflexo da globalização das sociedades modernas. Jovens, numa vontade de se diferenciarem, mas também de se identificarem, reúnem-se em grupos partilhando os mesmos ideais e gostos. Algumas particularidades comportamentais e estéticas permitem a sua identificação.

A partir das características de adolescentes, Calligaris (2000) segmentou cinco grupos: gregário, delinquente, toxicômano, os que se enfeiam e o barulhento.

O adolescente gregário determina que primeira ação adotada pelo adolescente seja a formação de grupos, onde os componentes possuem um mesmo ideal, onde sua admissão não necessita de moratória, havendo um reconhecimento mútuo. Deixando muitas vezes de lado o convívio familiar, pois ocorre o conflito de opiniões com os pais. Existem formas de gregarismo que são justificadas e benéficas, entretanto ocorrem outras formas que prejudicam o jovem e a comunidade, pois em grupos os jovens sentem-se fortalecidos a transgredir.

O adolescente delinquente caracteriza-se como aquele que após a rejeição social, busca diversas alternativas de reconhecimento e, neste processo, às vezes ocorre a imposição e reivindicação desse status à força ou com violência, pois o jovem julga que as outras pessoas não levam em consideração suas ideias, e imaginam que somente com o uso da força serão reconhecidos. Em alguns casos, a formação de grupos influencia negativamente a ação dos jovens.

O adolescente toxicômano busca nas gerações antecessoras uma justificativa para o uso rotineiro de drogas, mais que justificativa, superam a rebeldia de seus antepassados, e tentam comprovar sua superioridade ao experimentarem o que é proibido (ou não aconselhado). A busca inicia-se por drogas ditas legais (tabaco e álcool), mas com o passar do

tempo pode ocorrer uma evolução para drogas mais pesadas e ilícitas. Esse comportamento precipitado é muito comum atualmente, é muito raro encontrar um jovem que não tenha fumado alguma vez, ou então bebido exageradamente em festas. Isso ocorre visando o reconhecimento do grupo e da comunidade que os observa, a proibição dessas substâncias não inibe o seu uso, ao contrário, estimula a transgressão. O jovem tenta demonstrar que é mais forte e que possui o poder total de seu corpo e vida, julgando-se maduro a decidir sobre o que é melhor para si.

Para Calligaris (2000) é frequente que adolescentes passem pela droga um tempo e parem de usar. É também frequente que isso aconteça ante os adultos, os jovens pedindo ajuda para voltar à vida sem entorpecentes. Há adolescentes que se drogam para então precisar de algum tipo de reabilitação e pedir ajuda.

O adolescente que se enfeia tem como característica essa atitude com o objetivo de contrariar o senso comum cultural, que prega a beleza estética e visa o aumento da visibilidade do jovem (mesmo que seja de forma negativa e criticada), é o jeito de o adolescente tentar focalizar a atenção dos que estão observando-os. Quanto mais vistos, mais serão comentados, aumentando consideravelmente as chances de serem reconhecidos socialmente.

O adolescente barulhento é o jovem que tenta impor suas opiniões e ideias através das letras narradas em canções. Outro objetivo é tornar-se surdo ao discurso dos adultos, sugerindo que suas palavras pouco importam.

Essa escuta constante comporta sua parte de provocação. O adolescente oscila entre estourar as caixas de som e viver de fone de ouvido. O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço. (CALLIGARIS, 2000, p. 52).

Novaes (2012) acredita na impossibilidade de compreender as questões da juventude sem considerar a história e as estruturas das sociedades onde vivem os jovens. Nos dias de hoje, falar de juventude é falar de um tempo histórico específico em que há uma nova divisão internacional do trabalho e a rapidez das transformações tecnológicas. Desde os anos 1980 e 1990, juventudes de todo mundo passaram a viver mais intensamente a tensão local-global e as incertezas de seu tempo histórico. Nunca houve tanta integração globalizada e nunca foram tão agudos os processos de exclusão. Nesse momento da vida não se conta mais com a prometida proteção da infância e ainda não se chegou à almejada autonomia da idade adulta, e nessa transição a juventude torna-se também um “espelho agigantador” que permite ver com maior nitidez os desafios da sociedade.

Neste sentido Novaes (2012) propõe pensar a juventude brasileira, levando em consideração as contradições, as desigualdades e as diferenças presentes na sociedade brasileira. E, ao mesmo tempo, pensar de que maneira e intensidade as transformações sociais em curso atingem particularmente os jovens. Ou seja, educação de qualidade, inserção no mundo do trabalho, segurança são questões colocadas para toda sociedade brasileira, mas que se agigantam quando pensamos na grande maioria da juventude brasileira.

A “juventude” nunca é um todo homogêneo. Nesse segmento etário convivem várias “juventudes” (no plural). Jovens da mesma idade têm acessos e oportunidades desiguais e estão sujeitos a diferentes formas de preconceitos e discriminações. No Brasil, entre os recortes que são importantes para entender a multiplicidade de perfis, destacam-se: origem, renda, local de moradia, raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, religião, deficiências físicas, emocionais e cognitivas (NOVAES, 2012).

O conceito de “tribo urbana” surge pela primeira vez em 1985 com o sociólogo Michel Maffesoli, referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência. Estas tribos surgiram num esforço de diferenciação dos jovens e evocam particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam. Entre os tipos característicos encontrados na amostra podemos catalogar:

- a) **A tribo dos “Narcísicos”**: tem como principal característica a valorização da beleza física, investem tempo e dinheiro na busca do ideal de perfeição. Os indicadores que identificam o número significativo de jovens que desejam realizar procedimentos cirúrgicos no futuro, tempo dedicado às atividades físicas com objetivo principal na aparência, uma evidência que uma parcela dos jovens entrevistados pode ser encaixada nesta tribo.

Alguns participantes: *“Bem, sou magra e adoro meu corpo assim”* (aluno 21);

*“Apenas me preocupo em relação ao comprimento do meu cabelo, as outras partes eu não me preocupo”* (aluno 22).

- b) **Os que se encaixam na tribo dos *Empoerment***: tem como objeto comum de desejo do grupo a valorização da força física. Buscam técnicas e atividades para moldar o corpo com uma musculatura forte que impacte no olhar do outro, no anseio de ser reconhecido como forte e capaz. Os alunos que se enquadram nesta tribo relataram:

*“Me sinto bem, faço exercícios quase todos os dias”* (aluno 23)

*“Me sinto bem, estou praticando exercícios onde me sinto mais leve e mais resistente”* (aluno 20);

*“Me sinto feliz, pois acho meu corpo e saudável e forte”* (aluno 11);

*“Me sinto bem, gosto de praticar atividades físicas”* (aluno 1);

*“Bem também pois pratico atividades físicas”* (aluno 19)

- c) **A tribo dos Nerds:** esta pode ser caracterizada por indivíduos que tem fascínio pelo conhecimento e tecnologia e enfrentam algumas dificuldades de integração social. Existe uma forte correlação inversa entre ser *nerd* e ser popular. O termo *nerd* e seus “subgrupos” são também utilizados por determinados grupos relacionados a interesses específicos como tecnologia, informática e jogos de computador. Entre os alunos que se encaixam nesta tribo estão:

*“Não, por que não me importo com a opinião de ninguém, se eu estiver bem com ele mesmo, isso que importa”* (aluno 4).

*“O que eu quero que volte tudo normal encontrar os amigos dar risada se divertir quero fazer faculdade técnico de computação ou tecnologia para aprender Sempre Mais só o menino calmo tranquilo sou amigo de todo mundo não sou de tá me estressando sou um menino muito educado e dê muita paciência gosto de ter bastante amigo é isso obrigado”* (aluno 10)

- d) **A tribo dos saudáveis:** Estes têm como principal característica a preocupação com a alimentação e estilos de vida. É uma tribo que se preocupa com o corpo e com hábitos de vida saudáveis. Neste sentido crescem o número de pessoas que aderem ao movimento de vegetarianos e veganos no mundo. O veganismo refere-se a uma filosofia e estilo de vida que procura excluir o uso de animais para comidas, roupas ou outros propósitos. As razões habituais prendem-se com princípios morais e éticos de proteção dos direitos dos “animais não-humanos”, preocupação com a saúde e ambiente, ou por motivos religiosos e espirituais. É definida por uma dieta vegetariana estrita, onde é excluída a carne, o peixe, os ovos, os produtos lácteos bem como o mel, a gelatina, a caseína, as peles, a lã e a seda.

O estilo de vida além do padrão alimentar defende a proteção dos direitos dos animais e o pacifismo, opondo-se a todos os tipos de atividade agressiva. Estima-se que seja uma tribo com número crescente de adeptos e que a faixa etária mais representada esteja entre os 16 e os 29 anos.

Entre algumas falas que podemos destacar estão:

*“Gosto do meu corpo. Apenas tentarei o deixar mais saudável, afinal, meu corpo remete minha saúde”* (aluno 2).

“Sinto meu corpo em grande mudança, seja na alimentação, quanto na prática de exercícios físicos. Esse ano me fez mudar meus próprios pensamentos e um deles foi na minha saúde e bem estar, pois pratico exercícios físicos mais 3x na semana, e na alimentação mudei muito, mas de forma mais saudável” (aluno 6).

## 6.2.2 Influência da comunicação digital e as práticas corporais de jovens: os hábitos e comportamentos de jovens nas redes sociais

Os recursos tecnológicos oferecem possibilidades infinitas que podem em um curto espaço de tempo, transformar o adolescente em uma celebridade instantânea ou ainda destruí-lo com exposições inadequadas e inoportunas com as quais não raro nos deparamos atualmente e, que podem ocasionar desfechos traumáticos e, em alguns casos fatais.

A internet atua como um dos principais dispositivos que a cultura atual oferece para a inclusão social dos adolescentes. A utilização da internet na adolescência assume significados e efeitos que indicam necessidade de aprofundar reflexões. Para Fichtner (2001, p. 21):

Está relacionada com a eliminação da distância, com a fragmentação, com a destruição de uma concepção tradicional de identidade, assim como a “perda de realidade” como capacidade de diferenciar entre espaço real e espaço virtual. Ao mesmo tempo a Internet obriga a desenvolver novas formas de representação do espaço com os quais podemos definir e identificar o nosso lugar como sujeitos individuais e sociais e, com isso, abrir novas possibilidades de construção da subjetividade e identidade.

As redes sociais de relacionamento na internet caracterizam-se como estimulantes no processo de desenvolvimento dos adolescentes. O mundo virtual ocupa espaço de maior intercâmbio entre pessoas. Em uma pesquisa exploratória com a participação de dezessete adolescentes com idades entre 13 e 18 anos com o tema a influência das redes sociais no comportamento social dos adolescentes (FARIAS *et al.*, 2017) aponta que as redes sociais mais usadas pelos participantes são *Twitter* (17), *whatsapp* (17), *facebook* (15), *Instagram* (15), *scapchat* (14), *tumblr* (9) e *wattpad* (6).

Na questão: Você já enviou foto ou vídeo com imagens de nudismo ou semi-nudismo sua para alguém via celular? 75% dos alunos (dezoito pessoas) disseram que não e 21% sim (cinco pessoas).

O UNICEF no Brasil criou o Projeto Caretas, como uma experiência inovadora de interação online, em parceria com as empresas *Sherpas e Chat-Tonic*, o *Facebook* e a ONG

*Safernet*, que usa inteligência artificial para criar uma das primeiras peças de ficção por meio do *storytelling*. Nele, Fabi Grossi, uma personagem fictícia, interage com adolescentes e jovens, entre 13 e 18 anos por um chat na internet e a história avança segundo essas interações. O projeto tem como objetivo entender melhor esse fenômeno, apoiar as vítimas de vazamento de imagens íntimas, promover mudança de comportamento ao romper o ciclo de compartilhamento de conteúdo que vise ferir a honra e a reputação de pessoas e gerar subsídios para ações a prevenir e enfrentar o problema no Brasil.

Em um ano, quase um milhão de pessoas, em sua maioria meninas, interagiram na plataforma. Para entender melhor a relação delas com o *sexting* e vazamento de imagens íntimas o projeto aplicou uma pesquisa com as usuárias do projeto. Entre meninas que responderam à pesquisa, 35% já mandaram fotos ou vídeos íntimos a alguém e mais de 70% já receberam nudes sem pedir. Cerca de 10% das entrevistadas passaram por esse problema, sem uma rede de amparo, o que gerou bastante sofrimento. Entre elas, 35% não contaram a ninguém e 80% sentiram-se culpadas pelo vazamento das imagens.

A prática de produção e compartilhamento de fotos e vídeos íntimos sem consentimento não é novidade. Mas a internet tornou a questão mais sensível, visto o enorme alcance que as imagens possuem e os efeitos devastadores que podem gerar na vida e na reputação das pessoas afetadas.

E questionados se já receberam fotos ou vídeo com imagens de nudismo ou seminudismo de outra pessoa vinculada aos seus grupos sociais (família, amigos, parceiros) 58% afirmam que sim (quatorze pessoas) e 42% disseram que não (dez pessoas).

Na continuidade da pesquisa, ao serem questionados sobre o uso de sites de relacionamento social na internet, 83% não utilizam essa ferramenta (vinte pessoas) e 17% dos estudantes (cinco pessoas) utilizam essas plataformas.

Dentre as ferramentas mais utilizadas pelos jovens estão em destaque na tabela 32, entre as quais se destaca o *Instagram* como sendo o mais utilizado (54%).

Tabela 32 - Ferramentas digitais mais utilizadas pelos jovens

Categoria	F	%
<i>Facebook</i>	4	17%
<i>Watts</i>	6	25%
<i>Instagram</i>	13	54%
<i>Imo</i>	1	4%
TOTAL	24	100%

Os jovens participantes da pesquisa apontam que utilizam as ferramentas de comunicação digital para receber e trocar informações sobre questões relacionadas a saúde, estética, alimentação e beleza, conforme enfatiza a tabela 33.

Tabela 33 – Hábitos e assuntos de interesse ao utilizar ferramentas da internet ou redes sociais

Categoria	F	%
Costuma assistir vídeos com dicas de beleza	10	42%
Seguir algum profissional da área da estética, saúde ou nutrição	7	29%
Não respondeu	4	17%
Assiste a prática de exercícios físicos <i>on line</i>	2	8%
Assiste vídeos com orientação para cuidados com corpo	1	4%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Entre as categorias citadas pelos jovens como hábitos e assuntos que tem mais interesse nas plataformas digitais os entrevistados citaram que costumam assistir vídeos com dicas de beleza 48% e seguir algum profissional das áreas da estética, saúde ou nutrição 29% evidenciando que o público jovem busca informações na área e estética e saúde disponível na internet. Um fator importante a ser considerado é o crescimento do número de profissionais que migram suas atividades profissionais (maquiadores, *personal trainer*, nutricionista, entre outros) para plataformas digitais criando conteúdos em canais de comunicação digital, direcionadas para o público juvenil.

O fenômeno das tecnologias de comunicação digital influencia diretamente na vida dos jovens na atualidade e a exposição da imagem corporal nas redes sociais apresenta a necessidade que os jovens têm da aprovação e investidura do olhar do outro. Assim, neste jogo de espetáculo, mais importante do que sentir-se feliz é ser reconhecido pelo outro como uma pessoa feliz e o que suscito no outro detém a verdade absoluta sobre o ser.

Em oposição às exigências de espontaneidade extrema e exposição da imagem na atualidade, observa-se um crescente número de indivíduos que desenvolvem aspectos de timidez e vergonha frente a essas situações.

Uma situação ressaltada por Serres (2013) é que ao questionar as novas formatações de interação social mediadas pela internet por meio de computadores e smartphones foca no cenário da memória condensada nesses aparelhos e, disponíveis, enciclopédias, sistema de localização, enfim, qual seria a função do aprendizado e da memória para os seres na atualidade ao tempo que tem a disposição as informações necessárias. Serres (2013) também

elabora uma ressalva negativa em relação à ruptura de tempo e espaço e afirma que a juventude atual tem dificuldade projetar-se e construir-se no futuro ao passo que esse porvir não acontece no dia seguinte e para que se realize será necessário um período mais longo, investimento de representação e construção de ações para alcançar esses objetivos.

## 7 CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade o corpo representa um ícone de consumo e, principalmente, um refúgio dos sentimentos não assimilados em inscrições física, mental e psíquica. Nas dinâmicas sociais estabelecidas na atualidade, prevalece a cultura de padrões corporais de beleza que são cultuados pela mídia em detrimento de comportamentos afetivos e relacionais. Cada um pensa e projeta seu corpo a partir do espelho social e neste sentido, observa-se que a decisão pessoal de agir sobre o corpo, a partir das influências externas, projeta uma liberdade formatada de estereótipos idealizados para o consumo. Os corpos enquanto modos de produção de subjetividades são produções históricas que não podem ser pensadas fora dos investimentos políticos e biopolíticos que os atravessam, do poder sobre a vida e do poder da vida. A análise das moldagens corporais e das produções de subjetividade que se exerceram nas sociedades modernas tendo como características principais a disciplina, evidencia a construção de um corpo dócil e útil para a produção industrial.

A trajetória histórica do corpo e suas influências sociais apresentam o contexto de significação corporal em diferentes períodos da humanidade, visando o domínio do envelhecimento, da doença e controle da morte que ocasionaram as particularidades do corpo contemporâneo. O desenvolvimento tecnológico e científico também oferecem melhorias no controle e erradicação de doenças e prolongamento da juventude, com o ideal ainda inalcançável de controle sobre a morte. O surgimento da pandemia Covid-19 lançou novos desafios e reflexões à humanidade, ao tempo que as doenças epidemiológicas pareciam estar contidas, surge um vírus que desestabiliza a organização social capitalista e impõe novos regramentos aos corpos. Sem tratamento e controle conhecido, o isolamento social e novas regras de higiene precisaram ser adotados para conter o avanço da doença. Um choque para os que são acostumados a manterem suas vidas agitadas e recheadas de compromissos profissionais e sociais. Escolas precisaram ser fechadas, várias atividades paralisadas e todos se adequaram para estudar e trabalhar em casa, através de plataformas digitais. O isolamento social e pandemia configuram como uma característica contemporânea que afetou os corpos neste período de realização da pesquisa.

Os avanços nas áreas da medicina e da biologia garantiram ainda a descoberta da pílula contraceptiva e a revolução feminina desencadearam novas formatações de famílias e, em consequência geram novos impactos e problematizações na vida em sociedade. Outro fato

que marcou as relações homem e corpo pode ser destacado a partir de novas formas de viver a sexualidade e o erotismo. A descoberta de alternativas de controle da reprodução permitiu que as mulheres desbravassem o campo social e adentrassem ao mercado de trabalho, e trouxeram à tona o movimento feminista e paralelamente o movimento de grupos de homossexuais e transgêneros que lutavam pela liberdade e igualdade de gênero.

Enfim, a conjuntura de mudanças estabelecidas para atender as demandas de um mundo em expansão capitalista e voltado para o consumo também incidiram sobre o corpo e a evolução dos poderes disciplinares desenvolveram performances cada vez mais eficientes para ampliar os meios de produção a partir de instituições físicas, na modernidade e virtuais, na contemporaneidade. Neste conjunto, para alimentar o consumismo, incidem sobre os corpos práticas que (re)configuram o modo do homem relacionar-se com seu físico, como realização periódica de exercícios físicos sincronizados, massagens, cirúrgias e uma gama de cosméticos disponibilizados pela indústria da beleza. A expansão da indústria midiática organizou o enredo perfeito na elaboração de padrões e estereótipos corporais que valorizam o corpo magro como sinônimo de sucesso e felicidade.

Os jovens estão submersos no enredo social da contemporaneidade e, nesta perspectiva, vivem impactados nas dinâmicas atuais que refletem um modo particular de ver e tratar o corpo. Doravante a rupturas das barreiras de tempo e espaço, conquistas de lutas de gênero e o surgimento de diferentes formatações de famílias, o homem vive uma intensa instabilidade social que o transforma enquanto indivíduo. Os seres contemporâneos veem no corpo o único lugar de domínio e, talvez esses fatores tenham sido decisivos para que o olhar tenha se voltado para a valorização do físico e a aplicação de tantas ferramentas de dominação e mudança corporal.

Sem dúvidas, o cenário atual apresenta singularidade ímpar ao homem, e neste contexto os principais paradigmas que norteiam as identidades ressaltam as mudanças da vida contemporânea a partir de fenômenos alicerçados na modernidade líquida em que a fluidez da vida e dos corpos impera o consumo desenfreado, individualismo e busca constante pelos prazeres e sensações. Anestesiados pelos estímulos visuais, os seres hipermodernos são impactados pela sociedade da sensação e do espetáculo. O conjunto de transformações convergiu para a desconstrução do ideal da família nuclear burguesa, o poder paterno foi então relativizado, mantendo-se ainda no espaço privado; mas tendo no espaço público os seus signos mais ostensivos.

É possível afirmar que as principais inquietações dos adolescentes, nos tempos atuais, estão relacionadas à aparência e imagem corporal construída e evidenciada na puberdade. O

jovem reage com ansiedade diante da sensação de desproporcionalidade e estranhamento pelas modificações orgânicas e crescimento repentino. Entre as principais características e suas submissões na teia de poderes contemporâneos estão o período de moratória social e as transformações biológicas e físicas para a construção da sua identidade na sociedade. Os impactos no corpo em modificação como dos adolescentes são vividos com intensidade e conflito, talvez pela própria configuração da sociedade atual que gera angústia, ansiedade e frustração vividas por esses jovens.

A juventude surgiu como um fenômeno reconhecido e como uma fase diferenciada da vida a partir da II Guerra Mundial, a elite americana com poder aquisitivo em expansão teve a oportunidade de disponibilizar que seus filhos gozassem de tempo exclusivo aos estudos e assim, cria-se e intensifica-se uma valorização social do sujeito jovem. Ao tempo que saúde e beleza recebem sentimento de bem supremo e todos querem ser e parecer jovens e saudáveis o máximo possível. Ainda que os jovens gozem dos principais valores sociais como juventude e beleza experimentam os desafios de deixarem de serem criança e tornarem-se adultos em um mundo conflitante e desafiador que muitas vezes impõe situações sem ouvir sua opinião.

No período da juventude, os principais desafios consistem em conhecer e aceitar seu corpo físico para assim construir as relações com o mundo, com o objetivo de responder pelos seus atos, fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades. O corpo do jovem passa por diversas alterações morfológicas reguladas pelo processo maturacional e, essas alterações físicas podem influenciar diretamente na imagem que o sujeito tem do seu corpo e pode repercutir positiva ou negativamente na sua autoestima.

O índice de satisfação com o corpo reflete diretamente no componente afetivo da imagem corporal que permite o adequado desempenho emocional e social do jovem perante a sociedade. A satisfação corporal e autopercepção são fatores primordiais para aceitação e convívio social saudável. O universo social contemporâneo nitidamente discrimina os indivíduos pela aparência e o adolescente, impactado pelas opiniões de diferentes grupos sociais como família, amigos, colegas de escola sofrem com as cobranças e comparações corporais.

Baseando-se na reflexão sobre as perspectivas de como os jovens veem e tratam o corpo impactados pelas dinâmicas sociais da contemporaneidade, destacam-se alguns fatores como uma características marcantes entre os participantes da pesquisa, o elevado índice de insatisfação com o próprio corpo confirmando situações de coerção social ao ponto que as exigências impostas inferem diretamente na autoimagem e autoestima dos jovens que participaram da amostra. Além disso, uma parcela significativa de jovens preocupa-se com a

imagem que os outros têm sobre o seu corpo, refletindo a significância que o olhar do outro tem sobre a formação da imagem e satisfação corporal.

As dinâmicas socioculturais identificadas nas respostas dos jovens mostram que o corpo físico, aparência e imagem tem uma importante relação na vida dos entrevistados que mesmo residindo em uma cidade de pequeno porte, do interior, são impactados pelos estereótipos construídos pelos veículos de comunicação de massa e pela indústria da beleza. O poder coercitivo incide mais severamente sobre as mulheres, ao tempo que os índices de insatisfação com peso e aparência física ampliam-se entre as adolescentes.

Entre os principais reflexos do sistema de dominação dos corpos contemporâneos estão a incidência de sintomas e doenças que afetam a psique dos entrevistados, que relatam conviver com vários sintomas físicos e doenças decorrentes da atualidade e revelam situações alarmantes sobre a saúde e qualidade de vida dos jovens. Uma parcela significativa de jovens sofrem neuroses características da contemporaneidade sinalizando um alerta real à família, escola e sociedade com objetivo de agir em defesa da saúde e bem-estar dos jovens e elaborar ações e políticas públicas voltadas para a valorização da juventude.

A busca desenfreada pelo ideal de corpo perfeito é um sintoma que aponta para desejos e questões da atualidade. Com o aumento dessa demanda, muitos jovens procuram recursos para atingir esse objetivo, mesmo que estatisticamente o resultado traga prejuízos à saúde, tanto física como mental. É importante compreender os aspectos gerados pela busca do corpo perfeito, para o entendimento do funcionamento psicológico das pessoas que lutam para alcançar o padrão de corpo tão idealizado por nossa cultura e os reflexos negativos gerados com a intensa insatisfação corporal.

Os entrevistados apontam a ocorrência significativa de casos de *bullying* em relação ao corpo e que, ocorrem principalmente no ambiente escolar. Assim, se observarmos a questão do quanto o olhar do outro tem importância na formação da imagem corporal e o elevado percentual de alunos que recebem comentários negativos em relação ao corpo e são alvos constantes de violência verbal, é possível avaliar que a autoestima desses esteja significativamente abalada ao ponto que querem estar nos padrões, não conseguem o objetivo e sofrem exclusão do grupo social (escola, amigos, família).

Os grupos sociais de apoio (família, escola e amigos) à juventude precisam entender os traumas desencadeados por situações *bullying*, nos jovens que são alvo da violência e organizar uma rede de amparo que conscientize os agressores e ofereça apoio psíquico às vítimas.

Entre as práticas socioculturais voltadas para o corpo os jovens citam entre as realizadas principalmente a tatuagem, o consumo de bebida alcoólica, dietas alimentares e colocação de *piercing* e nos desejos do que participantes anseiam realizar no futuro também a tatuagem lidera, seguida por cirurgia plástica e dietas alimentares. Os participantes da amostra relatam que jamais fariam uso de anabolizantes, substância para emagrecer e cirurgia plástica. Os relatos apontam que a maioria acredita que deve intervir em seu corpo com a realização de alguma prática ou intervenção sobre seu corpo, como se algo precisasse ser mudado e ou alterado de forma contínua como as afirmações apresentadas por teóricos como Birmam e Bauman.

Nas questões voltadas para identificar os padrões éticos e estéticos dos jovens entrevistados em relação ao corpo e como isso se constitui quando pensado a partir de tipos ideais, identificamos a segmentação de quatro tribos com características distintas entre os participantes da amostra entre elas estão: a tribo dos *narcísicos* que preocupam-se em demasia com o corpo e questões estéticas, a tribo dos *empowerment* que dedicam-se a formação de um corpo musculoso e forte, a tribo dos *nerds* que valorizam mais as atividades intelectuais e a tribo dos saudáveis que designam um tempo significativo para dedicar-se a alimentação saudável.

A sociedade transformou o corpo em objeto de manipulação e de desejos, valorizando a magreza entre as mulheres e a força entre os homens, estereótipos que geram insatisfação em uma parcela significativa da sociedade e pode levar o adolescente a adotar posturas diversas, principalmente as dietas restritivas para emagrecimento (tornando-o suscetível a graves distúrbios nutricionais, como anorexia e bulimia) e práticas exageradas de atividade física e consumo de anabolizantes, que podem predispor aos transtornos corporais.

Os adolescentes que estão acima do peso são especialmente vulneráveis à discriminação social, visto que a inadequação do estado nutricional e a adiposidade corporal representam fortes indicadores de insatisfação corporal na adolescência. As meninas são mais preocupadas com a gordura e mais propensas a se julgarem acima do peso que os meninos. Estes, por sua vez, têm menos interesse em perder peso e mais em adquirir massa muscular e exibir sua masculinidade.

A influência da comunicação digital e as práticas corporais dos jovens são cada vez mais significativas, principalmente após o surgimento do fenômeno das redes sociais que estão presentes no dia a dia dos jovens que se utilizam principalmente do *Instagram* e *watsapp* para troca de imagens e mensagens virtuais. Uma questão desperta um sinal de alerta a incidência de exposição do corpo em imagem de nudismo e seminudismo como

prática recorrente entre adolescentes que, ao vazar para outras pessoas, geram casos de *bullying*, isolamento social e em situações mais graves, suicídios. É fundamental que escola, família e sociedade desenvolvam ferramentas de instruções para uso correto das mídias sociais a fim de orientar e alertar aos jovens situações de exposição inadequada da imagem.

Por intermédio da tecnologia, o corpo vive marcado pela conectividade e a subjetividade atravessa um processo de subjetivação da objetividade. A moeda corrente considera o corpo um território de incessantes explorações e metamorfoses. Assim, os corpos atuais possuem novos mecanismos de controle e alvos para as práticas de poder. Nesse sentido, o foco nas transformações biopolíticas atuais registram uma crise nas instituições disciplinares e a intensificação das redes de poder, que se tornam mais flexíveis e flutuantes. Surge assim um novo tipo de corpo que não fixa-se ao território, mas apresenta novas características como um corpo conectado. Essas mudanças ocorrem em decorrência das novas intervenções tecnológicas sobre os corpos facilitando a aceleração do tempo, diminuindo a distância espacial e promovendo a hibridação, que dificulta a identificação dos limites do que está no interior e no exterior do corpo.

Essas novas formas do homem ser e estar no mundo, configuram a noção dos domínios de poder que atuam em diferentes momentos da história, emergem questionamentos sobre o quanto os sujeitos são livres e como alguns fatores de desejos excluem grande parte da população que não possuem recursos para o consumo. Os referenciais de beleza são expostos incessantemente aos indivíduos e muitos desenvolvem problemas de ordem psíquica ao não conseguirem alcançar esses padrões.

O jovem de hoje não está nem protegido nem amparado frente às tempestades pulsionais e assim, surge a incidência de casos de doenças psíquicas como ansiedade, estresse, síndrome do pânico, eventos desencadeados, principalmente por questões relacionadas à aceleração da vida e exigências sociais. O adolescente atravessa distintos desafios ao aceitar e entender as modificações corporais e cuidar da aparência para formar as imagens pessoal e social almejadas.

Na atualidade perdeu-se a ideia de altruísmo. O pertencimento e empatia são fundamentais para desenvolverem o respeito às diferenças e assim, saber-se emprestar a sua subjetividade ao outro, entender que o outro possui, mesmo que de maneira diferente, sentimentos semelhantes. Quando não se empresta a subjetividade ocorrem casos de barbárie e violência ao tempo que em não consegue-se colocar-se no lugar do outro. A gentileza, caracterizada como aspecto de fragilidade, é um atributo a ser desenvolvido pela juventude

contemporânea ao tempo de desenvolver uma relação prazerosa com os demais, a partir da gratidão e generosidade e, assim a solidão diminui e amplia-se a autoestima.

O percurso teórico e prático da pesquisa social aplicada na dissertação lança novos questionamentos sobre as disputas e exigências sociais e econômicas devem seguir ditando as regras de organização social estimuladas pelo capitalismo. O principal desafio dos sujeitos contemporâneo é de entender que corpo é esse que construímos socialmente ao estarmos no mundo e interagirmos com o outro. O narcisismo característico da sociedade contemporânea caracteriza os efeitos de fragilização, individualismo, crise de autoridade, autonomia generalizada do mundo fluído que impõe que cada um tem que se fazer valer o olhar do outro sobre si. Assim, os estudos como esta dissertação voltada para análise do corpo e da corporeidade assumem papel relevante ao tempo que estabelecem uma leitura do ambiente atual e lança novos questionamentos sobre os comportamentos humanos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994.

ABRAMOWAY, Miriam. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOWAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO. Ministério da Educação, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. (coord.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: Unesco, 2006.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ANDRADE, Claudia Ribeiro de; IBIAPINA, Cássio da Cunha; CHAMPS, Natália Silva; TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos Castro de; PICININ, Isabela Furtado de Mendonça. **Gripe aviária: a ameaça do século XXI**. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v.35, n.5, p. 470-479, Brasília, 2009. Disponível em: <https://www.jornaldepneumologia.com.br/how-to-cite/903/pt-BR>. Acessado em: 20 de julho de 2020.

ANDRADE, Marina de. Marconi. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos da graduação**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 4.ed. 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. (2007). **Vidas para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto. Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BECKER JR., Benno. **Manual de Psicologia Aplicada ao Exercício & Esporte**. Porto Alegre: Edelbra, 1999.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na Modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova social**. Physis: Ver. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento): 203-224, 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf?origin=publication_detail). Acesso em 07 de janeiro de 2020.

BIRMAN, Joel. **Tatuando o desamparo - a juventude na atualidade**. In: CARDOSO, Marta Rezende. (org.), **Adolescentes**, p. 25-43. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, Joel. **Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade**. *Ágora*, nº 17 (Número especial), (pp. 23-37), 2014.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BIRMAN, Joel. **Sexualidade na contemporaneidade**. Cad. psicanal. vol.40 no.38 Rio de Janeiro jan./jun. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952018000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100009). Acesso em 01 de setembro de 2020.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. (p.44-46). Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466/2012, de 13 de junho 2012**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2013/06\\_jun\\_14\\_publicada\\_resolucao.html](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html)>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 5, de 4 de maio de 2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Diário Oficial da União, Brasília, 24 de jan. de 2012, Seção 1, p. 10.

Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&Itemid=30192)>. Acesso em: 29 nov. 2020.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARREIRA FILHO, Daniel. **Prevalência do uso de substâncias químicas com objetivo de modelagem corporal entre adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, do município de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2003**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências médicas. Campinas, SP: [sn], 2005.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). Atlas da violência 2020. Brasília: Ipea; FBSP, 2020. Disponível em:<<https://bit.ly/3iy4St2>>.

CHAMMÉ, Sebastião Jorge. **Corpo e saúde: inclusão e exclusão social**. Saúde e Sociedade 11(2):3-17, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

CORBIN, Alain; CORTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do Corpo. 3 - As mutações do olhar: O Século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORBIN, Alain. **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: o corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: Pensar com Foucault.** São Paulo: Vozes, 2013.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs.). **O Triunfo ao Corpo: Polêmicas contemporâneas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. **O Homem Satélite.** Ijuí-RS: Ed. Unijuí, 2000.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru-SP: Edusc, 1999.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** Campinas-SP: Papyrus, 1995.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DI FELICE, Massimo; LEMOS, Ronaldo. **A Vida em Rede.** Campinas-SP: Papyrus, 7 Mares, 2014.

DI FELICE; Massimo Di. Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: FELICE, M. Di (org.). *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação sociais.* São Caetano do Sul-SP: Difusão. 2008.

DOUTOR, Catarina. **Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais:** Perspectivas e reflexões. *Última década.* 24(45), pp.159-174. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/54186/56947>. Acessado em: 14 de janeiro de 2020.

DRUMMOND, Carlos. **Corpo: Novos Poemas.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

FARIAS, Cassia de Araújo. CRESTANI, Patrícia. **A influência das redes sociais no comportamento social dos adolescentes.** Revista Ciência e Sociedade, nº2, jan/jul, 2017. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaesociedade/article/view/2646/1628>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Dar corpo à juventude: o corpo e os jovens nos seus corpos.** Lisboa-PT: Jovens e rumos, 2011. Disponível em: <http://vitorsergioferreira.net/wp->

content/uploads/2014/12/2011-Dar-corpo-%C3%A0-juventude-Jovens-e-Rumos.pdf.  
Acessado em: 20 de setembro de 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. VIEIRA, Maria Manuel; ROWLAND, Jussara. **Retrato da juventude em Portugal: traços e tendências nos censos de 2001 e 2011**, Revista de Estudos Demográficos, n.º 54, pp. 5-25, 2015.

FICHTNER, Bernd. **A Internet como prática cultural dos adolescentes- aspectos, problemas e resultados de uma pesquisa brasileiro-alemã**. In: Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes. Ouro Preto: CEDU, 2001. p. 20-31.

FLUSSER, Vilém; CARDOSO, Rafael (orgs.) **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

FORTES, Leonardo de Souza; ALMEIDA, Sebastião de Souza; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. **Processo maturacional, insatisfação corporal e comportamento alimentar inadequado em jovens atletas**. Revista de Nutrição. vol.25. n.º.5 (p.576-586), Campinas-SP, 2012.

FOUCAULT. Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, (ditos e escritos, V), 2006.

FOUCAULT. Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT. Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins. Fontes, 2004.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

GIDDENS Antony. **Admirável mundo novo: o novo contexto da política**. São Paulo: UNESP, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10. ed. 2005.

KNOPP, Glauco da Costa. **A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea**. Trabalho apresentado no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), Bahia, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14415.pdf>. Acessado em: 01 de setembro de 2020.

KRAICZYK J. **Construção das representações de ser adolescente e ser jovem e a interface com os direitos sexuais e reprodutivos**. São Paulo: ECOS; 2005.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas**. 1. ed. Tradução: Tereza Frazão, Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

Le Breton, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Ed. PUC, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Crepúsculo do Dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos**. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles **O império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles **A era do vazio**. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri-SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles **Sociedade da Decepção**. São Paulo: Manole, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado Pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MALYSSE, Stéfane. **Ego-arte e construção da aparência**: notas para uma antropologia das aparências corporais. *In*: FIQUEIREDO, Ana Cristina (Org.). **Corpo, sintoma e psicose**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003. NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Quem tem medo da geração shopping center?** Salvador: UFBA, 2005.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Quem tem medo da geração shopping center?**. Salvador: Ed. da UFBA, 2005.

NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVAES, Regina. **As Juventudes e as lutas por direitos**. *Le monde Diplomatique* Brasil. ed. 64, 2012. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/as-juventudes-e-a-luta-por-direitos/>. Acessado em: 14 de setembro de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **A saúde mental pelo prisma da saúde pública. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra: OPAS/OMS, p.1-16, 2001.

ORLANDI, Renata; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Adolescência e paternidade**: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicol. estud.*, v. 13, n. 2, p. 317-326, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000200014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000200014&script=sci_abstract&tlng=pt) . Acessado em: 14 de setembro de 2020.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. 2. ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2003.

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PALÁCIOS, Jesús; OLIVA, Alfredo. **A adolescência e seu significado evolutivo**. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. vol.1. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos da semiótica da comunicação**. São Paulo: Edusc, 2004.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A circulação do corpo na mídia**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 1998.

PINHEIRO, Tereza. **O modelo melancólico e os sofrimentos contemporâneos**. In: *Sofrimentos narcísicos / organizadores, Verztman, Julio*. – Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012, 321p.

PONTY, Merleau. **“De Mauss a Claude Lévi-Strauss”**. In: *Os pensadores (Textos selecionados)*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa-PT: Presença, 1990.

SADOK, Benjamin James; KAPLAN, Virginia Alcott. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9.ed. Porto Alegre - RS: Artmed, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Edições Almerina, Coimbra, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, Élem Guimarães dos; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. **Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009.** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v.59. n°. 3, p.238-246, 2010.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852010000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000300011). Acesso em: 15 de março de 2020.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHILDER, P. **A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

SERRES, Michel. **A Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SILVA, Flávio Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural.** *Psicologia da Educação*, v.28, p.169-195, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>. Acesso em 28 out. 2020.

SOARES, Carmem (org.). **Corpo e história.** Campinas, SP: Autores associados, 2001.

STICE, Eric. **Risk and maintenance factors for eating pathology: A meta-analytic review.** *Psychological Bulletin*. Texas, n°.128 p. 825–848, 2002.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas-SP: Unicamp, 2010a.

TÜRCKE, Christoph; SCHNEIDER, Paulo Rudi. **Filosofia do sonho**. Ijuí-RS: Unijuí, 2010b.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLELA, Wilza Vieira; Doreto, Daniella Tech. **Sobre a experiência sexual dos jovens**. Caderno de saúde pública, v. 22, n. 11, p. 2.467-2.472, nov. 2006.

VILELA, João Eduardo Mendonça. **Prevalência dos transtornos e comportamentos alimentares**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 126. (Dissertação, Mestrado em Pediatria).

VITTELI, Celso. **Relações entre jovens, consumo, estética e shopping centers**. In: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Janie. **Juventude consumo e educação** (orgs.). Porto Alegre: ESPM, 2008.

WASELFISZ Julio Jacobo. **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

WEBER, Max. **A gênese do capitalismo moderno**. São Paulo: Ática, 2006.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - CARTA DE AUTORIZAÇÃO



Estado do Rio Grande do Sul  
Secretaria de Educação  
9ª Coordenadoria Regional de Educação – Cruz Alta  
**INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MÃE DE DEUS**  
Av. Vaz Ferreira, 1392 – CEP 98170-000 – Tupanciretã- RS –  
Fone (55) 3272-1579

### CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, **Carmem Regina Simões Genro**, CPF: 41324269049, Diretora do Instituto Estadual de Educação – Mãe de Deus, localizado no município de Tupanciretã-RS, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada “O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ - RS”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta –RS, Adriana da Silva Silveira, sob orientação da professora Doutora Solange Beatriz Billig Garces. A pesquisa será realizada junto aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio da escola com objetivo de analisar as práticas socioculturais, dos jovens do terceiro ano do ensino médio residentes no município de Tupanciretã – RS, em relação ao corpo vivenciadas na sociedade contemporânea. Desta forma, serão disponibilizados à pesquisadora acesso aos alunos da escola, para convidá-los a participar da pesquisa e aos pais dos mesmos para autorizar que seus filhos participem e espaço para entrega e aplicação do questionário.

  
CARMEM REGINA SIMÕES GENRO

Carmem Regina Simões Genro  
Diretora  
Bol.Pag. 24 - D.O. 13/01/2016

Tupanciretã, 28 de novembro de 2019.

## **APÊNDICE B - CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

### **APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO**

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,  
PESQUISA E EXTENSÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL- MESTRADO

#### **TERMO DE ASSENTIMENTO**

Título do projeto: O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ - RS

Pesquisador responsável: Adriana da Silva Silveira

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais de desenvolvimento Social – Mestrado UNICRUZ

Telefone para contato: 55. 996377610

Local da coleta de dados: Instituições A e B, ambas localizadas no município de Tupanciretã-RS.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ – RS. Seus pais e/ responsáveis permitiram que você participe. Queremos saber como você vê e cuida do seu corpo, quais as dinâmicas da sociedade atual influenciam as práticas socioculturais em relação ao seu corpo, os seus padrões éticos e estéticos em relação ao seu corpo, bem como a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais em relação ao seu corpo. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na escola em que você estuda por meio de um questionário. A aplicação do questionário durará aproximadamente trinta minutos. Ao responder a esse questionário você não sofrerá nenhum risco físico, todavia poderá apresentar algum desconforto e conflitos psicológicos ao responder algumas questões conflitantes que o farão refletir sobre o seu corpo. Todavia esses sentimentos serão trabalhados pela pesquisadora demonstrando ser esses sentimentos processos naturais e aceitáveis nesta fase da vida, evitando assim desequilíbrio emocionais duradouro ou maiores constrangimentos. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone da pesquisadora. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, respeitando a sua privacidade em todas as fases da pesquisa, especialmente na apresentação dos resultados na forma de dissertação e em artigos científicos futuros. Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação. Esperamos que esse estudo traga como benefícios reflexões

importantes sobre práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo e se reverterá em reflexões para a escola e autoavaliação para você mesmo.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ – RS que tem como objetivo geral analisar as práticas socioculturais em relação ao corpo, na sociedade contemporânea, vivenciadas pelos jovens do terceiro ano do ensino médio residentes no município de Tupanciretã-RS, pois tive autorização dos meus pais e/ou responsáveis para participar após os esclarecimentos fornecidos pela pesquisadora.

Recebi uma cópia desse termo de assentimento, o qual li e concordo em participar da pesquisa.

Tupanciretã \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

O Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/ UNICRUZ)  
Endereço do CEP: Campus Universitário Ulysses Guimarães, Prédio Central, 2º piso – Sala 215,  
Telefone do CEP: (55) 3321 1618  
e-mail do CEP: [comitedeetica@unicruz.edu.br](mailto:comitedeetica@unicruz.edu.br).

Horário de Atendimento do CEP  
Segunda-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min  
Quarta-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min  
Sexta-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (CEP/UNICRUZ) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público” de caráter consultivo, deliberativo e educativo. Foi criado para defender os interesses dos sujeitos de pesquisa em sua integralidade e dignidade, além de contribuir no desenvolvimento de pesquisa dentro de um padrão ético. É um órgão vinculado à Vice-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, criado em 30 de agosto de 2006 a partir da aprovação do Regimento Interno (Resolução 14/2006) pelo Conselho Universitário e registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em 26/09/2007 (25000.170129/2007-90).



Os pesquisadores concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônimas e serão mantidos os questionários respondidos sob a responsabilidade do (a) Sr<sup>a</sup> Adriana da Silva Silveira.

A pesquisa não oferece nenhum risco a dignidade humana e a integridade física dos participantes. As abordagens realizadas durante a pesquisa serão desenvolvidas observando a individualidade de cada sujeito envolvido, bem como, respeitando a livre adesão dos participantes que poderão desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ em ...../...../....., com o número do CAAE .....

Cruz Alta, 05 de dezembro de 2019.

.....

Adriana da Silva Silveira

RG: 3082024675

## **APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,  
PESQUISA E EXTENSÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL - MESTRADO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ – RS** que tem por objetivo analisar as práticas socioculturais em relação ao corpo, na sociedade contemporânea, vivenciadas pelos jovens do terceiro ano do ensino médio residentes no município de Tupanciretã-RS. Ao participar deste estudo você permitirá que a pesquisadora obtenha dados para o seu projeto de pesquisa, o qual constituirá na dissertação de mestrado, do Programa em Práticas Socioculturais da Universidade de Cruz Alta – Unicruz, divulgando assim as principais práticas socioculturais dos jovens em relação ao seu corpo. A sua participação no referido estudo inclui o preenchimento das perguntas de um questionário. O instrumento foi escolhido com o fim de refletir sobre as perspectivas de como os jovens veem e tratam o corpo na contemporaneidade; investigar como as dinâmicas da sociedade atual influenciam as práticas socioculturais em relação ao corpo e identificar os padrões éticos e estéticos dos jovens entrevistados em relação ao corpo e como são constituídos os tipos ideais, bem como a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais. A aplicação do questionário durará aproximadamente trinta minutos. Ao responder a esse questionário você não sofrerá nenhum risco físico, todavia poderá apresentar algum desconforto e conflitos psicológicos ao responder algumas questões conflitantes que o farão refletir sobre o seu corpo. Todavia esses sentimentos serão trabalhados pela pesquisadora demonstrando ser esses sentimentos processos naturais e aceitáveis nesta fase da vida, evitando assim desequilíbrio emocionais duradouro ou maiores constrangimentos. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone da pesquisadora. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, respeitando a sua privacidade em todas as fases da pesquisa, especialmente na apresentação dos resultados na forma de dissertação e em artigos científicos futuros. Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação. Esperamos que esse estudo traga como benefícios reflexões importantes sobre práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo e se reverterá em reflexões para a escola e autoavaliação para você mesmo. Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre, juntamente com seus pais e/ou responsáveis para participar desta pesquisa. Portanto, esse termo será preenchido em duas vias assinadas pela

pesquisadora, seus pais e/ou responsáveis caso haja o aceite em participar da pesquisa, ficando com uma cópia assinada.

O Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/ UNICRUZ)  
Endereço do CEP: Campus Universitário Ulysses Guimarães, Prédio Central, 2º piso – Sala 215,  
Telefone do CEP: (55) 3321 1618  
e-mail do CEP: [comitedeetica@unicruz.edu.br](mailto:comitedeetica@unicruz.edu.br).

Horário de Atendimento do CEP  
Segunda-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min  
Quarta-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min  
Sexta-feira das 8h às 11h30min e das 14h às 17h30min

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (CEP/UNICRUZ) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público” de caráter consultivo, deliberativo e educativo. Foi criado para defender os interesses dos sujeitos de pesquisa em sua integralidade e dignidade, além de contribuir no desenvolvimento de pesquisa dentro de um padrão ético. É um órgão vinculado à Vice-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, criado em 30 de agosto de 2006 a partir da aprovação do Regimento Interno (Resolução 14/2006) pelo Conselho Universitário e registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em 26/09/2007 (25000.170129/2007-90).



#### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, juntamente com pai e/ou responsável de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa:

Nome do Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

Nome do pai e/ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do pai e/ou responsável: \_\_\_\_\_

Pesquisadora responsável: Adriana da Silva Silveira

Assinatura do responsável pela pesquisa: \_\_\_\_\_

e-mail: [adri01rp@gmail.com](mailto:adri01rp@gmail.com). Telefone para contato (55) 996377610



### APÊNDICE E – TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do CPF \_\_\_\_\_ como representante legal do aluno (a), \_\_\_\_\_, (menor de idade) tenho ciência e autorizo a participação do mesmo (a) na pesquisa intitulada “O CORPO NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA PESQUISA COM JOVENS ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ - RS”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta –RS, Adriana da Silva Silveira, sob orientação da professora Doutora Solange Beatriz Billig Garces. O aluno participará respondendo ao questionário estruturado sobre o tema, em que as informações pessoais do participante serão mantidas em total sigilo. Os dados tabulados na pesquisa serão posteriormente divulgados aos participantes através de relatórios e palestras.

Assinatura

## APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO

“O corpo em uma perspectiva sociocultural: uma pesquisa com jovens estudantes do município de Tupanciretã – RS”

### Apresentação

Solicitamos a sua colaboração ao responder o questionário abaixo a fim de termos embasamento para o projeto que tem objetivo de conhecer os hábitos e comportamentos dos jovens estudantes de ensino médio de escolas públicas, de ambos os sexos, em relação à saúde e estética corporal e analisar a situação atual dessas questões. Queremos ressaltar a importância de você ser exato e verdadeiro ao responder as questões para que tenhamos informações precisas. Agradecemos a sua disponibilidade e acesso da instituição para realização deste trabalho.

### Dados gerais

Idade: \_\_\_\_\_ Escola: ( ) Instituição A ( ) Instituição B

### Questões

1. Relate como você se sente em relação ao seu corpo: Porquê?

---

---

2. Como você se sente em relação ao seu peso corporal?

---

3. Como você se sente em relação a sua aparência física?

---

4. Você se preocupa em relação à imagem que os outros têm do seu corpo? Por que?

---

5. Durante o isolamento social em decorrência da pandemia Corona Vírus (Covid-19) mudou sua visão em relação ao seu corpo neste período? Quais das suas percepções foram alteradas?

---

---

6. Marque o(s) sintoma (s) abaixo se você possui ou já possuiu:

## Sintoma Avaliação

Hipertensão  Sim  Não

Sobrepeso  Sim  Não

Obesidade  Sim  Não

Diabetes  Sim  Não

Ansiedade  Sim  Não

Angustia  Sim  Não

pensamento acelerado  Sim  Não

Insônia  Sim  Não

Estresse  Sim  Não

Bulimia  Sim  Não

Anorexia  Sim  Não

Compulsão alimentar  Sim  Não

Síndrome do Pânico  Sim  Não

Uso constante de celular - ao ponto de sentir-se incomodado (a)  Sim  Não

7. Já sofreu Bulling em relação ao seu corpo? Por qual motivo?

---

8. No seu grupo de amigos costuma-se falar sobre questões relacionadas ao corpo (alimentação, estética e saúde):

---

9. Na sua família costuma-se falar sobre questões relacionadas ao corpo (alimentação, estética e saúde)?

---

10. Você já recebeu comentários negativos em relação ao seu corpo:  Sim  Não

11. Se sim, a pessoa que fez esse comentário negativo integra:

família

- amigos
- colegas da escola
- anônimos em redes sociais
- outros. Quais? \_\_\_\_\_

12. Com relação as práticas abaixo apontem:

- Tatuagem  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Percing  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Cirurgia plástica  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Uso de substâncias para emagrecer  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Uso de anabolizantes  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Dietas alimentares  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Consumo de bebida alcoólica  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria
- Uso de suplementos alimentares  já realizei  tenho vontade(  Nunca faria

13. Você costuma fazer regularmente as práticas corporais abaixo:

- Academia de ginástica  Sim  Não. Se sim, com qual frequência? \_\_\_\_\_
- Caminhada  Sim  Não. Se sim, com qual frequência? \_\_\_\_\_
- Esportes  Sim  Não. Se sim, com qual frequência? \_\_\_\_\_
- Dança  Sim  Não. Se sim, com qual frequência? \_\_\_\_\_
- Algum outro tipo de exercício físico? Qual (ais)? \_\_\_\_\_

14. Qual seu objetivo com a (s) prática (s) assinalada (s) na pergunta acima?

- estético  outros. Qual?
- para emagrecer  Não sei
- questão de saúde  Não responde

15. Você já enviou uma foto ou vídeo com imagens de nudismo ou seminudismo de si mesmo para alguém via celular?  Sim  Não

16. Já recebeu uma foto ou vídeo com imagens de nudismo ou seminudismo de outra pessoa?  Sim  Não

17. Você costuma utilizar sites de relacionamento social na internet ou aplicativos de celulares  Sim  não

18. Quais redes sociais utiliza:

facebook

Instagram

LinkedIn

Watts

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

19. Ao utilizar ferramentas disponíveis na internet como vídeos ou redes sociais, avalie as situações abaixo:

Você segue algum profissional da área estética, saúde ou nutrição:  Sim  Não

Você costuma assistir práticas de exercícios físicos on line  Sim  Não

Você costuma assistir vídeos com orientações para cuidados com o corpo  Sim  Não

Costuma assistir vídeos de dicas de beleza  Sim  Não

Você costuma assistir vídeos com dicas de nutrição  Sim  Não

### APÊNDICE G – MATRIZ DE ANÁLISE

<b>MATRIZ DE ANÁLISE</b>			
<b>Objetivo</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Questões</b>
Investigar como as dinâmicas da sociedade atual influenciam as práticas socioculturais em relação ao corpo	Dinâmicas sociais; Práticas corporais	imagem X peso corporal; sintomas que atingem corpo dos jovens; interesses dos jovens em relação a saúde, alimentação e estética;	de 1 a 13
Identificar os padrões éticos e estéticos dos jovens entrevistados em relação ao corpo e como são constituídos os tipos ideais.	padrões éticos; padrões estéticos; Tipos ideais	práticas realizadas por jovens em relação ao corpo; Objetivos com a realização de práticas corporais	de 14 a 16
Verificar, especificamente a influência da comunicação digital nas práticas socioculturais dos jovens em relação ao corpo.	influência da comunicação digital; práticas corporais de jovens;	hábitos de jovens nas redes sociais; comportamento nas redes sociais	de 17 a 21